



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CAMPUS FLORESTA
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E
LINGUAGENS

GLEICIANE FERREIRA DA SILVA FREITAS

**FOLHEANDO HISTÓRIAS DE VIDA DE VELHOS DO VALE DO JURUÁ: O QUE
ELES DIZEM SOBRE A LEITURA**

CRUZEIRO DO SUL – ACRE
2022

GLEICIANE FERREIRA DA SILVA FREITAS

**FOLHEANDO HISTÓRIAS DE VIDA DE VELHOS DO VALE DO JURUÁ: O QUE
ELES DIZEM SOBRE A LEITURA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre – Campus Floresta para a obtenção do título de mestra em Ensino de Humanidades e Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José da Silva Morais Costa.

CRUZEIRO DO SUL – ACRE

2022

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial de Cruzeiro do Sul - UFAC

F866f Freitas, Gleiciane Ferreira da Silva, 1985.

Folheando histórias de vida de velhos do Vale do Juruá: o que eles dizem sobre a leitura / Gleiciane Ferreira da Silva Freitas; Orientadora: Dra. Maria José da Silva Morais Costa. - 2022.

189 f.; 30 cm.

Dissertação – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens, Cruzeiro do Sul - AC, 2022.

Inclui anexo e referências bibliográficas.

1. Narrativas. 2. Histórias de leitura. 3. Memórias. I. Costa, Maria José da Silva Morais. II. Título.

CDD: 372.4

Bibliotecária: Jéssica Maia Amadio CRB-11º/1009

FOLHEANDO HISTÓRIAS DE VIDA DE VELHOS DO VALE DO JURUÁ: O QUE ELES DIZEM SOBRE A LEITURA

Gleiciane Ferreira da Silva Freitas

Texto para a defesa em 11/08/2022 considerado aprovado para a obtenção do Título de Mestra em Ensino de Humanidades e Linguagens – Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre, Campus Floresta.

Prof. Dr. Cleidison de Jesus Rocha
Coordenador do Curso

Banca examinadora:

Profa. Dra. Maria José da Silva Morais Costa
Universidade Federal do Acre
Orientadora e Presidente

Profa. Dra. Aline Andreia Nicolli
Universidade Federal do Acre

Prof. Dr. Cleidison de Jesus Rocha
Universidade Federal do Acre

Profa. Dra. Vera Lúcia de Magalhães Bambirra
Universidade Federal do Acre
Suplente

CRUZEIRO DO SUL – ACRE
2022

Ao único de receber toda honra e glória, o meu Deus a quem devo minha vida, minhas conquistas, histórias e memórias.

À minha avó Edurvirges (*in memorian*), por ter sido uma plantadora de jardins na minha vida.

À Dona Regina e à Dona Cândida (*in memorian*). Ao Senhor Manoel e ao Senhor Raimundo. Colaboradores e artífices da pesquisa que, de forma reveladora e autêntica narraram sobre suas memórias de vida e histórias de leitura.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, digno de toda honra, glória e louvor, a quem devo minha vida e todas minhas vitórias.

À minha saudosa “vozinha” Eduvirges (em memória), mestra senhora que, vivendo integralmente o paradigma do cuidado, plantou um jardim em minha vida, agasalhou-me com suas memórias e me concedeu o deleite de ouvir suas histórias.

À minha mãe Maria Dilma, exemplo de mãe e mulher que, sempre buscou ler corretamente o seu mundo e o mundo de outras pessoas, especialmente de seus filhos e, sobretudo transformá-lo.

Ao meu pai Manoel, homem de poucas palavras (das quais me emprestou algumas delas para compor minha narrativa) e uma sabedoria ímpar que diante de tantas adversidades e incertezas permaneceu um exemplo de retidão e honestidade.

Ao meu amado esposo Eliesio, cúmplice dos grandes e pequenos desafios da minha vida; exemplo de homem cuidadoso e amável; meu principal incentivador que sempre me impulsiona a conquistar meus sonhos e objetivos.

À Yasmin, minha filha e minha maior preciosidade, que me educa sem saber, na qual reconheço outras crianças em infinitos lugares que farão um mundo melhor.

Às minhas irmãs Osvana e Osvanete pela presença constante em minha vida, em especial à Vanda por sua bondade e gentileza e à Manuzia por sua generosidade e dedicação aos outros.

Aos meus irmãos Odeilson e Antônio José, que mesmo distantes são exemplos de obstinação e bondade, ao Osvanilson pelos momentos de descontração da árdua tarefa e admiração devotadas a mim, ao Gleisson pela sua motivação e paciência.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas que enriquecem ainda mais meu viver em especial à Laisa Emanuele e Levy Emanuel pelo amor e admiração que me devotas, à Cristina e Tailine que me ensinam constantemente a seguir em frente e à Camila que sempre me faz acreditar que posso ir além.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Maria José da Silva Moraes Costa, carinhosamente, a “Zeza” que atuou como amiga e incentivadora, não me deixando desistir quando as dificuldades me assolavam de forma mais contumaz; leitora sensível, cuidadosa e preocupada com o fio condutor da narrativa.

Aos meus velhos, colaboradores da pesquisa, a Senhora Regina Maia Braga (*in memorian*), Dona Cândida Pereira Lima (*in memorian*), Senhor Manoel Vieira da Silva e Senhor Raimundo Corrêa de Moraes por aceitarem fazer parte da pesquisa e doar-se ao diálogo minutos e horas a fio, revelando um pouco de suas memórias cômicas.

Aos professores Aline Andreia Nicolli e Cleidison de Jesus Rocha, não só por terem aceitado o convite para participar da banca, mas também pelas excelentes e significativas contribuições que enriqueceram substancialmente esse estudo.

À UFAC – Campus Floresta, enquanto instituição promotora desse mestrado. Especialmente nas pessoas dos professores e professoras e demais funcionários e funcionárias.

Ao corpo docente do programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL

À Secretaria da Pós-Graduação, em especial ao Jarlisson pela amorosidade no trato com o outro e boa recepção e atenção dispensada.

Aos colegas do programa PPEHL que, mesmo distantes fisicamente não mediram esforços para caminharmos juntos. Obrigada pela partilha e contribuições reveladoras, em especial aos colegas Marcelo, Solange e Elinásia que sempre foram solícitos à minhas indagações e dúvidas.

Aos integrantes do grupo GIL que construíram comigo esta tese, em especial aos leitores assíduos que contribuíram com implicações necessárias e importantes e as pesquisadoras Maria Ana e Simeire Paixão pela solicitude e valiosa contribuição e ajuda na coleta das entrevistas.

Aos meus irmãos em Cristo da Igreja Assembleia de Deus em Cruzeiro do Sula/Acre que, se mantiveram firmes em oração pela minha vitória.

Aos meus novos e preciosos amigos, amigas e colegas que Deus me presenteou em 2020 no meu novo setor de trabalho, no Colégio Militar Dom Pedro II em Cruzeiro do Sula/Acre. Em especial ao amigo Jardson pela valiosa ajuda na tradução do *abstract*; ao amigo Reginaldo Cruz por emprestar-me seus ouvidos atentos; ao amigo e conterrâneo Juscelino pelas conversas calorosas e por compartilhar boas memórias da nossa querida terra natal; aos amigos Luan Martins,

André Ribeiro, Evilin Rodrigues, Altemiria Barnes, Sâmia, Caroline Monteiro, Eliane Neres e Francinete Matias por todo carinho e contribuírem em deixar meus dias mais leves; ao meu aluno Amauri Maia Braga Filho por compartilhar-me as experiências que teve com a sua avó, Dona Regina Maia – colaboradora dessa pesquisa; ao diretor Rômulo pela amorosidade e atenção e às minhas estimadas coordenadoras, a meiga Nívea Freitas e afetuosa Diana Araújo pela compreensão e incentivo, e à amada Olindina, carinhosamente “Oli” pelo amor, carinho e amizade que temos uma pela outra desde que nos conhecemos. Gratidão pelo cuidado (com a saúde, alimentação e bem estar) pela delicadeza no trato, pela humanidade imanada em seu ser.

A todos os meus amigos e amigas e colegas que estão sempre ao meu lado, mesmo quando estamos longe. Por torcerem por mim, por me motivarem e por serem presente na minha vida. Em especial à minha amiga Érica Reis por aguçar minha vontade de seguir em frente e galgar novas conquistas desde a época da formação, à meiga Daniela Moreira pela amizade e incentivo, à Gleice Costa pelo cuidado e abrigo quando necessitei, à amada amiga Thaís Whine por sempre me motivar e acreditar que eu seria capaz, à Júnia pelo amor, carinho e amizade e por entender minhas ausências, à Ana Claudia pelo apoio e amizade generosa.

A todas as pessoas que, porventura eu tenha esquecido de agradecer e que direta ou indiretamente, participaram da construção deste trabalho, que, para mim, é uma produção coletiva. Minha eterna gratidão.

Não somos mais aqueles cujo amor
imaginou a juventude eterna.
Hoje, idosos, os corpos sem calor...
O fogo da paixão agora hiberna.

Somente o amor, essa visão interna
consegue ainda ver todo o esplendor
da convivência cada vez mais terna
em saudades diárias a compor
e recompor, história por história,
as imagens dos dias consumidos
a fim de preservar mútua memória.

Mesmo que restem fatos esquecidos,
no turbilhão da vida transitória,
jamais se perderão, porque vividos.

Valter da Rosa Borges¹.

¹ Valter da Rosa Borges (1934) é livre pensador, filósofo, poeta, escritor, parapsicólogo e professor brasileiro. É conferencista e autor de livros e artigos, que versam sobre os mais diversos temas. Entre seus livros estão "A Correnteza", "Poesia de Dois Versos", "Realidade ou Mito", "Agenda da Vida", "O Observador" e "A Medida do que Somos".

RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar as histórias de vida e memórias de leitura de idosos do Vale do Juruá, compondo um desenho do imaginário que se formou em torno dos desafios da formação leitora desses sujeitos, bem como sua relação com a leitura a partir de suas reminiscências, ambiências de leitura e experiências de vida. Destarte, o estudo inscreve-se na linha das pesquisas narrativas, cuja problemática delineada foi a investigação pelo desvelamento das práticas leitoras de idosos longevos. A metodologia adotada efetuou-se mediante a escuta – possibilitada pelo caminho investigativo das histórias de vida a partir de um modelo interativo e dialógico com os colaboradores – buscando a construção de significâncias como um meio vital e estratégico para a compreensão da realidade experienciada por cada sujeito. As entrevistas por meio do diálogo com os quatro narradores idosos, com idade igual ou superior a 70 anos de idade, foram as fontes que nutriram as discussões. A abordagem teórica agrega os estudos da complexidade de Edgar Morin (2011), o conhecimento da ecologia de saberes postuladas por Boaventura de Souza Santos (2007), as táticas de leitura e a compreensão do leitor como caçador de Michel de Certeau (2014), as acepções de experiência de Walter Benjamin (1987), o entendimento dos termos velhos, velhice, idosos e memória de Eclea Bosi (2016), além de outros autores inseridos no escopo da pesquisa. Quanto aos resultados referentes ao perfil dos leitores – os quatro colaboradores se mostraram leitores regulares do texto impresso. Mas, para além disso, a leitura de mundo dos quatro sobressai como forma de potencializar a leitura do livro. Já em relação as práticas de leitura – foi constatado que a prática de leitura individual sobressai nas falas dos colaboradores, principalmente a leitura resultante de suas vivências no ambiente escolar. Mesmo que, no trânsito do seringal a cidade, o tempo de escola tenha diminuído, especialmente no caso dos colaboradores do sexo masculino. No que diz respeito a concepção de leitura – evidenciou-se que a leitura aparece nas falas dos colaboradores sempre de forma positiva. Ela é entendida como uma habilidade importante de conhecimento do mundo e de ampliação das possibilidades de aproveitar a vida. Sobressai nas colaboradoras do sexo feminino a mediação leitora como modo de contribuir para a formação do outro.

Palavras-chave: Narrativas. Histórias de leitura. Memórias. Velhos.

ABSTRACT

This research paper aims to analyze the life stories and reading memories of the elderly in the Juruá Valley, composing a design of the imaginary formed around the challenges of the reading formation of these subjects, as well as their relationship with reading from reminiscences, reading ambiances and life experiences. Thus, the study is part of the line of narrative research, whose problematic outlined was the investigation by the unveiling of the reading practices of long-lived elderly. The methodology adopted was through listening - made possible by the investigative path of life stories from an interactive and dialogic model with the collaborators - seeking the construction of significance as a vital and strategic means for understanding the reality experienced by each person. The interviews through dialogue with the four elderly narrators, aged over 70 years old, were the sources that nourished the discussions. The theoretical approach combines the studies of complexity by Edgar Morin (2011), knowledge of the ecology of knowledge postulated by Boaventura de Souza Santos (2007), reading tactics and the understanding of the reader as a hunter by Michel de Certeau (2014), the meanings of experience by Walter Benjamin (1987), the understanding of the terms old, old age, elderly, and memory by Eclea Bosi (2016), in addition to other authors included in the scope of the research. As for the results referring to the profile of the readers – the four collaborators were regular readers of the printed text. But, beyond that, the meaning of the world of the four stands out to enhance the reading of the book. In relation to reading practices – it was found that the practice of individual reading stood out in the speeches of the collaborators, especially the reading resulting from their experiences in the school environment. Even though, in transit from the rubber plantation to the city, the time spent in school has decreased, especially in the case of male employees. About the conception of reading - it was evidenced that reading appears in the speeches of the collaborators always in a positive way. It is understood as an important skill for understanding the world and expanding the possibilities of enjoying life. Reader mediation stood out among female collaborators as a way of contributing to the formation of the other.

Keywords: Narratives. Reading Stories. Memoirs. Elderly.

LISTA DE FIGURAS

Aqui trago as fontes das ilustrações que aparecem ao longo do texto:

Figura 1 – https://naomekahlo.com/wp-content/uploads/2021/04/jovem-segurando-mao-de-idosa_nmk_Blog.jpg. Acesso em 28.01.2022 (p. 24)

Figura 2 – Tribunal de Justiça do Estado do Acre (TJAC, 2021) (p. 58)

Figura 3 – Arquivo pessoal – foto cedida pelos familiares. (p. 64)

Figura 4 – Arquivo do grupo GIL. Foto retirada do Facebook do usuário Raimundo Carlos de Lima em 15 de outubro de 2018 (p. 66)

Figura 5 – Arquivo pessoal (p. 68)

Figura 6 – Arquivo pessoal – foto cedida pelos familiares. (p. 70)

Figura 7 – Parte de um livro de Dona Regina Maia em que apresenta o texto “O Tucuxi”. O livro foi um presente do neto dela (meu aluno) Amauri Maia Braga Filho. (p. 81)

Figura 8 – TEXTO “O Tucuxi”. Acervo Dona Regina Maia (2021).

Figura 9 – Livro Juruana. Acervo Dona Regina Maia (2021).

Figura 10 – Contracapa do Livro Juruana. Acervo Dona Regina Maia (2021).

Figura 11 – Capa do livro Sentimento Telúrico. Acervo Dona Regina Maia (2021).

Figura 12 - Momento que Dona Regina Maia estava autografando o seu livro de presente para a entrevistadora.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ppehl – Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens

Ufac– Universidade Federal do Acre

GIL – Grupo de Investigação Leitura e Vida

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO:

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 16 |
| Motivações em folhear as histórias e memórias de velhos..... | 16 |
| SEÇÃO 1 – CAMINHOS PERCORRIDOS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS..... | 23 |
| 1.1 Rastreado o já dito: revisão bibliográfica | 24 |
| 1.2 Itinerários teóricos: outros percursos de leitura | 27 |
| 1.3 Velhice e memória: um mosaico de saberes | 33 |
| 1.4 Leitura e leitor: imbricações necessárias..... | 41 |
| SEÇÃO 2 – ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS: RASTROS DA PESQUISA | 52 |
| 2.1 Trajetória metodológica: de como se deu a coleta e a análise das narrativas 52 | |
| 2.2 Cenário da pesquisa: o Vale do Juruá no contexto dos saberes | 56 |
| 2.3 Perfil dos colaboradores: o desvelamento de seu devir entre memórias e vozes 60 | |
| 2.3.1 Regina Maia Braga | 62 |
| 2.3.2 Dona Cândida Pereira Lima | 64 |
| 2.3.3 Senhor Manoel Vieira da Silva | 67 |
| 2.3.4 Senhor Raimundo Corrêia de Moraes | 69 |
| SEÇÃO 3 – INQUIETAÇÕES DAS MEMÓRIAS E SABERES PARTILHADOS | 71 |
| 3.1 O desvelamento das narrativas..... | 73 |
| 3.1.1 Memórias e histórias de vida de Regina Maia Braga..... | 73 |
| 3.1.2 Memórias e histórias de vida de Dona Cândida Pereira Lima | 81 |
| 3.1.3 Memórias e histórias de vida do Senhor Manoel Vieira da Silva | 85 |
| 3.1.4 Memórias e histórias de vida do Senhor Raimundo Corrêia de Moraes | 89 |
| 3.2 Memórias imbricadas: o que nos dizem os sujeitos da pesquisa..... | 93 |

3.3 O encontro e o desencontro das histórias de vida com as histórias de leitura
97

CONSIDERAÇÕES FINAIS 114

REFERÊNCIAS 116

ANEXOS..... 120

INTRODUÇÃO

Motivações em folhear as histórias e memórias de velhos

E aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. (GONZAGUINHA, 1982)

A arte de contar/narrar faz parte da linguagem humana. No exercício dessa prática milenar, o homem se reinventa constantemente, através de mecanismos específicos. Contar histórias é um dos atos mais antigos da humanidade, de modo que nas sociedades longevas, não havendo a escrita, os ensinamentos e memórias eram transmitidos por meio da contação de histórias, das narrativas. Desde tempos imemoriais, o homem conta histórias, verbalizando os fatos cotidianos e as reminiscências herdadas de seus ancestrais. Nesse contexto situam-se as histórias e memórias, tecidas e narradas por idosos do Vale do Juruá, que servirão de alicerce basilar para compor a tessitura textual que se apresenta. Para lembrar como nasceu a motivação para folhear as histórias e memórias de velhos² é necessário retomar o que Gonzaguinha explicita na epígrafe que abre este texto a respeito das influências de “muita gente” naquilo que nos tornamos. Minhas experiências individuais vêm de uma fusão de valores, da interação constante com os outros, de encontros acadêmicos formais e informais, enfim, das marcas cotidianas das muitas gentes que passaram por mim, me constituem e ajudam-me a (re)significar minha história.

Este esforço de pesquisa se justifica, sobretudo, pela carência de estudos a respeito das histórias de leitura de idosos, moradores do Acre que fincaram suas

² O termo velho(s) é usado no decorrer de todo texto como um sinônimo de idoso(s). Embora, seja utilizado, frequentemente, com sentido pejorativo, como pessoas que já não têm mais com o que contribuir, optei por utilizar esse vocábulo com o intuito de configurar a essência do que entendo por velhos, com base na discussão proposta por Eclea Bosi no livro “Memória e sociedade: lembranças de velhos” (2016) – indivíduos detentores de uma fonte inesgotável de saberes que deve exercer grande influência no meio social por meio de suas experiências e conhecimento de mundo.

raízes nesse pedaço de terra amazônica. E, também, pelo meu trajeto antropológico³ como pesquisadora envolvida no processo. Para explicitar melhor esse percurso, é necessário lembrar e reatar algumas “pontas” da minha história. Nasci no interior da floresta amazônica, mais especificamente, no seringal Ocidente, colocação⁴ Grajauzinho, no Vale do Juruá – Acre. O início de minha trajetória de vida, portanto, se deu nas barrancas do Rio Juruá, um começo tecido em tantos outros sujeitos amazônicos, de rupturas, de entrelaces e fios que dialogam entre si.

Na colocação Grajauzinho, é de costume que a maioria das famílias migrem para a cidade pela urgência de ver os filhos ingressarem na vida escolar. O Vale do Juruá de hoje apresenta um quadro bem diferente do que de tempos atrás, uma vez que as colocações e seringais já contam com escolas e professores na sua grande maioria. Em meu tempo, porém, a demanda pela vida escolar, portanto, empurrou-me para a vida urbana e para longe de minha gente. Na cidade, tornei-me nômade, “caçando por conta própria através dos campos”⁵ que ainda não havia percorrido, arrebatando os bens da minha terra para usufruí-los. Minha mudança para essa nossa nova realidade ocorreu por intermédio de minha primeira professora que, sensibilizada por minha ânsia de conhecer e estudar na cidade, encorajou meus pais a conceder permissão para hospedar-me em sua casa. Minha vivência, ininterrupta de seringal durou até os sete anos de idade. Todavia, minha vida urbana, apesar de se desenvolver no espaço da cidade, guardou muitos traços da vida no seringal. Depois desse período, a proximidade com minha gente e minhas raízes era esporádica, nas férias da escola, nos finais de ano. As lembranças desse tempo ainda são muito perceptíveis na minha memória. A alegria de reencontrar meu povo, ouvir as histórias de minha “vozinha”, retornar para minha terra agia como força propulsora em meu ser.

Já na cidade, cursei o primeiro e o segundo grau (hoje Ensino Fundamental e Ensino Médio, respectivamente). Após o término do 2º Grau, a graduação em Letras

³ Noção forjada por Gilbert Durand na obra “Estruturas antropológicas do imaginário” (1989). O trajeto antropológico diz respeito à incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social.

⁴ Localidade fixada no seringal onde se situa o seringueiro e sua família.

⁵ O leitor caçador é uma das noções exploradas na pesquisa a partir das reflexões de Certeau (2014). Utilizo aqui para caracterizar minha trajetória por ser um termo muito comum na linguagem amazônica e representar um modo de enfrentamento dos desafios próprio de quem mora na região.

passou a ser meu espaço de formação. Durante o curso, tive a oportunidade de maior aproximação com a experiência literária, bem como, pude conviver de modo mais consciente com os textos que tematizavam a região amazônica. Por isso, na Especialização abordei na monografia uma temática concernente à literatura de expressão amazônica. A convivência com essa literatura servira-me de aliada para valorizar, ainda mais, a história dos povos que aqui habitam.

Após o término do curso, veio a experiência docente. Como professora de Língua Portuguesa, carrego o desafio da reflexão sobre a língua presente, cotidianamente, seja no fazer pedagógico, em sala de aula ou nas mais diversas atividades rotineiras, tendo em vista a concepção dialógica proposta por Freire (1989), que consiste na participação do educando no processo educativo como sujeito de conhecimento. Nesse devir do ensino da língua, não pude deixar de pensar no processo de leitura e, principalmente, a trajetória que percorri até chegar ao curso de pós-graduação.

Desde o início da minha infância, embarquei nessa magia da leitura, do ouvir causos e histórias contadas e recontadas pela minha avó. No segundo ano primário, comecei a ouvir histórias de literatura infantil na escola. Minhas surpresas eram tamanhas, quando comecei a estudar sobre aquelas narrativas na escola, era a “repetição do paraíso perdido” (Certeau, 2014, p. 245) – pois imaginava que “João e Maria”, “O Patinho Feio”, “Chapeuzinho Vermelho”, entre outros contos eram ficções de autoria de minha avó, que inventava para chamar a atenção da neta nas noites enluaradas do seringal Ocidente. Nessa trajetória, meu fascínio pelas histórias e memórias de velhos se afluaram ainda mais. Pude compreender que o saber dos idosos do interior da Amazônia acreana é tão válido quanto qualquer outra possibilidade de saber.

Vovó Ediviges foi uma plantadora de jardins na minha vida. Suas histórias contadas e recontadas viajavam e circulavam em terras alheias – percorrendo o trajeto do seringal a cidade, uma vez que essas narrativas estavam imanadas em meu ser. Quando eu estava desanimada, bastava uma só palavra, um lembrete, uma carta trazida por alguém, que meu ânimo florescia. Foram as histórias dela que me impulsionaram a adentrar em um lugar desconhecido para mim e estudar na cidade; a sobreviver com a ausência dos meus pais, familiares, irmãos e amigos, e assim

introduzir-me, ainda mais, no universo do conhecimento. Suas memórias ainda fazem morada em meu interior e me estimulam a seguir em frente, sempre. São as histórias e memórias de minha saudosa velhinha que criaram em mim o fascínio de escrever sobre histórias e memórias de velhos.

O interesse pelas narrativas de velhos, enquanto estudante de pós-graduação materializou-se na minha intenção de buscar o conhecimento do próprio eu. Toda minha trajetória de vida se desenvolveu nessa terra de matas densas e nas ribanceiras do Rio Juruá. E ao reconhecer-me, enquanto gente desse pedaço de chão úmido, sinto a necessidade de conhecer e revisitar as entranhas dessa floresta, bem como o povo que dela faz parte e que nela habita. Destarte, sinto, principalmente, a necessidade do autoconhecimento, porque entendo que, para compreender o outro ou, pelo menos desvelar algumas nuances do outro, é necessário primeiro buscar conhecer a si mesmo. Nesse sentido, destaco a importância que os sujeitos colaboradores dessa pesquisa e suas identidades culturais tiveram para o estudo.

As identidades culturais para Santos (2010), não são rígidas nem imutáveis, mas resultam sempre dos transitórios e fugazes processos de identificação. Assim, as identificações, são plurais e dominadas pela diferença e pela hierarquia das distinções. Nesse sentido, justifico a presença de Boaventura Santos (2010) entrecortando reflexões construídas ao longo deste estudo, uma vez que, ao abordar as premissas básicas da ecologia de saberes a partir dessas identidades, o autor expande o caráter testemunhal dos conhecimentos e experiências vividas por cada sujeito colaborador.

O paradigma da modernidade é um projeto sociocultural amplo, cheio de contradições e de possibilidades que, na sua origem, aduz a um equilíbrio entre a regulação social e a emancipação social. Na academia senti um ser imergido nessa complexidade moderna, cheia de contradições e múltiplas possibilidades. De certa forma, isso serviu como uma força motriz que aflorou, ainda mais minhas perspectivas. Na graduação, obtive acesso a mecanismos imprescindíveis para uma compreensão mínima da complexidade que nos envolve, bebendo nas fontes do pensador Edgar Morin (2011), arquiteto do pensamento complexo.

Entretanto, a escolha pela temática, além de valor acadêmico, tem um valor subjetivo e afetivo. No processo de pesquisa, ao ouvir as narrativas dos sujeitos

envolvidos, é como se a infância se projetasse diante de meus olhos e eu ouvisse minha avó e meus pais contando suas histórias, em forma de causos e memórias. É como se eu pudesse voltar no tempo e em diferentes espaços onde vivi – ora nas ribanceiras do rio, ora no interior da mata, ora no trânsito entre as cidades ribeirinhas e a colocação onde morávamos.

O interesse pelo tema acentuou-se, ainda mais a partir da observação de como meus pais, semianalfabetos, usam a oralidade para expressar suas experiências de vida, suas lembranças e recordações de outrora e, também ao participar do grupo de estudo GIL⁶ e conhecer o projeto Vozes da Experiência⁷. Ao ouvir relatos e entrevistas de alguns idosos, pude perceber que a maioria deles mostrava-se alegre e demonstrava apreço em contar as suas histórias de vida.

A maneira como eles narram suas memórias e como mostram/mostraram suas necessidades de narrar, suas vontades de compartilhar o vivido, seus tinteiros, mata-borrões, experiências de aquisição da cultura letrada e vivências com os livros me instigaram a buscar compreender as histórias de leitura de idosos, moradores do Acre, que tenham mais de 70 anos de idade, com o fito de compor um desenho do imaginário que se formou em torno dos desafios da formação leitora desses sujeitos, bem como sua relação com a leitura a partir de suas reminiscências, ambiências de leitura e experiências de vida.

A pesquisa se justifica, também pela contribuição à preservação das memórias de moradores do Acre, principalmente no município de Cruzeiro do Sul, que estão findando suas vidas sem nenhum tipo de registro do que sabem por experiência. Isso nos priva, enquanto sociedade, de um reservatório imenso de conhecimento que este trabalho busca ajudar a recompor. Nesse espaço de reflexão, inspirei-me nos trabalhos de Ecléa Bosi (2016), com seus estudos no âmbito da psicologia social, voltando seu olhar para grupos sociais fragilizados, como o de pessoas idosas, sistematicamente preteridos em suas falas e memórias, pela velocidade da pós-

⁶ O grupo GIL – Grupo de Investigação Leitura e Vida acolhe leitores, professores e pesquisadores interessados na leitura enquanto fenômeno sócio-histórico que possibilita a formação de um ser mais comprometido com a experiência do viver pleno.

⁷ O Vozes da Experiência é um projeto de pesquisa do Grupo de Investigação Leitura e Vida – GIL que colhe histórias de leitura desde o ano de 2018 por meio do Programa de Iniciação Científica – PIBIC. Minha dissertação é a primeira pesquisa em nível de mestrado dentro do projeto.

modernidade, tendo em seu livro “Memória e Sociedade: lembranças de velhos” (2016), um ensaio sobre a memória individual de idosos no Brasil.

O estudo se justifica, ainda, por conta da relevância da sua temática para a educação escolar e formação social do sujeito leitor, já que a leitura deixa em cada um de nós um legado, uma bagagem de experiências que nos define como leitores e reflete em nossa formação humana e profissional. O exercício de memória proposto aqui aponta para um refazer, um reconstruir, um repensar com imagens e ideias atuais as experiências do passado, na perspectiva de que o conhecimento mais cômico de nossas vivências pretéritas nos possibilite condições mais legítimas de viver o presente e construir um futuro minimamente possível.

Assim, a pesquisa faz-se importante porque estudar as histórias de leitura, também é uma estratégia para ensinar a ler na escola básica. Contribui, ainda, para minha prática cotidiana enquanto professora e, em extensão a isso, aponta estratégias de ensino da leitura para a formação de leitores na escola básica. Nesse sentido, concordo, facilmente, com a aceção de Certeau, pois mesmo peregrinando por um sistema imposto, a leitura nos permite “ficar alhures, constituir uma cena secreta, e criar cantos de sombra e de noite numa existência submetida à transparência tecnocrática” (2014, p. 245).

Com o intuito de nortear o estudo, parti do seguinte problema: o que nos dizem as histórias de leituras dos idosos do vale do Juruá? Tendo em vista uma melhor delimitação, são apresentados alguns questionamentos norteadores voltados à elucidação dessa questão-problema: quais são os perfis e as práticas de leitura dos quatro colaboradores da pesquisa? Como esses sujeitos desenvolveram suas práticas de leitura? Quais as concepções de leitura que brotam de suas narrativas?

A pesquisa situa-se nas fronteiras entre as histórias de vida e as histórias de leitura. Nesse escopo, o estudo tem por objetivo analisar as histórias de vida e memórias de leitura de idosos do Vale do Juruá, compondo um desenho do imaginário que se formou em torno dos desafios da formação leitora desses sujeitos, bem como, de sua relação com a leitura a partir de suas reminiscências, ambiências de leitura e experiências de vida.

Com vistas a obter os resultados, os objetivos específicos são: situar os idosos, colaboradores da pesquisa no espaço amazônico e na discussão contemporânea a

respeito da leitura e da velhice para compreender seus perfis e práticas de leitura; refletir a respeito de instrumentos teóricos que deem condições de uma análise mais complexa das histórias de leitura dos idosos colaboradores da pesquisa; analisar as narrativas de idosos acrianos a fim de perceber a complexidade em torno de suas histórias de leitura, bem como, as concepções a respeito do ato de ler e a função que essa prática exerce no cotidiano de cada um deles.

Para uma melhor delimitação da temática abordada, estruturei o texto em três seções. Na primeira – Caminhos Percorridos: pressupostos teóricos – apresento um mapeamento do tema e explico o motivo de minha escolha pelas narrativas de velhos, bem como o leitor encontrará aspectos acerca do trajeto das leituras realizadas durante o processo da pesquisa, buscando explicar as teorias que embasam minha tessitura narrativa, dando ênfase para conceitos como: a complexidade de Edgar Morin (2011), ecologia de saberes de Boaventura de Souza Santos (2007), táticas de leitura e leitor como caçador de Michel de Certeau (2014), Leitura e leitor; as acepções de experiência de Walter Benjamin (1987); velhos, velhice, idosos, memória e história de leitura de Eclea Bosi (2016). Na segunda seção, denominada Caminhos Percorridos: pressupostos teóricos, mostro o itinerário metodológico do estudo, procurando desvelar o cenário em que os colaboradores da pesquisa se situam e, ainda, o perfil dos narradores e os desdobramentos de suas narrativas. Inquietações das memórias e saberes partilhados, foi a designação que dei a terceira seção, que apresenta os desdobramentos e os resultados obtidos pela análise e interpretação das narrativas e como tentei perceber, com uma escuta sensível, as inquietações que surgiram desta experiência. E finalizo com contribuições, onde deixo minhas impressões do que fluiu durante o processo.

Os resultados obtidos sinalizam para as imbricações das memórias individuais e suas relações com a leitura e revelam que o fazer e a diversidade da realidade são de uma engenhosa complexidade, mas que permitem encontrarmos fios e recortes para tecê-los, cerzi-los e construí-los, consecutivamente, uma vez que esse processo de (re)construção/(des)construção do sujeito é permanente e contínuo.

SEÇÃO 1 – CAMINHOS PERCORRIDOS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão, a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos. (BOSI, 2016, p. 90)

Figura 1 – Mãos de jovem versus mãos de velho



Fonte: Imagem extraída da internet⁸

A epígrafe de Bosi dialoga com a imagem acima. A complementaridade entre as vivências e as memórias me dá condições de melhor observar essas imagens (tanto da epígrafe quanto da fotografia) que traduzem o devir, aduzindo

⁸ Imagem extraída da internet, site: https://naomekahlo.com/wp-content/uploads/2021/04/jovem-segurando-mao-de-idosa_nmk_Blog.jpg. Acesso em 28.01.2022

as mudanças pelas quais passam todos os homens e mulheres. É possível observar nessas mãos, a experiência cunhada na junção da luta séria do tempo que, exigente, age desconhecendo a tragicidade do existir. Nesse caminho, cada indivíduo tece suas histórias que atravessam gerações, enxergando o cotidiano de seu espaço/tempo com o coração e a mente povoados de memórias.

As marcas dessas mãos são simbólicas, seguem tateando os limites do tempo, guiadas pelas lembranças que contornam e cruzam as histórias de vida de cada sujeito. Suas vivências são formadas mediante fecundas histórias que, paulatinamente se desenvolvem adaptando-se às particularidades e desenho de suas experiências de vida. As marcas, portanto, são importantes imagens a informar a essência da efemeridade do tempo. Penetrar esse universo é movimentar-se em terras alheias de experiências singulares em que as memórias e histórias de vida se sobressaem em jardins que miniaturizam e congregam o mundo (as memórias de velhos). É a partir dessas imagens que, nesta seção, procuro delinear a temática, explicar por que escolho a narrativa dos idosos, tento contextualizar o cenário em que os colaboradores da pesquisa estão inseridos e mostrar o perfil dos narradores, bem como, o desvelamento de suas narrativas e sua relação com a leitura.

Para isso, me oriento por algumas noções de base que sustentam a discussão que proponho, tais como: a complexidade de Edgar Morin (2011), ecologia de saberes de Boaventura de Souza Santos (2007), táticas de leitura e leitor como caçador de Michel de Certeau (2014), experiência de Walter Benjamin (1987), os conceitos de velhos, velhice, idosos e memória de Eclea Bosi (2016) e as noções de leitura e leitor e história de leitura a partir das discussões de Freire (2011) e de Jouve (2002), tecendo um diálogo entre eles e outros autores brasileiros que estudam a leitura e suas práticas. Após essa parte, explorarei a noção de histórias de leitura associada à memória e às narrativas de velhos via Bosi (2016), Beauvoir (1990), Sarabia (1985) e Portelli (2001). Finalizarei esta seção com uma reflexão a respeito do sujeito da experiência como base para pensar o leitor caçador de Certeau (2014).

1.1 Rastreamento o já dito: revisão bibliográfica

O início da caminhada que culminou nessa pesquisa se deu com minha aproximação paulatina com o objeto de estudo. Desde a infância, fui agregando memórias em mim a partir dos contadores de histórias que fui encontrando pelo meu percurso de vida. A partir da entrada no mestrado, essa aproximação ganhou um cunho mais sistemático e se orientou por uma trilha de leituras que passo a apresentar agora. Comecei por uma revisão bibliográfica com o intuito de verificar o que já havia sido pesquisado em torno das histórias de leitura de pessoas idosas com mais de setenta anos de idade. Essa revisão bibliográfica foi importante elemento, por isso optei por registrá-la aqui, para deixar claras a justificativa e a relevância de minha pesquisa.

A revisão foi feita no catálogo eletrônico de Teses e Dissertações da Capes, utilizando-me do mecanismo de busca *Google*, pesquisei três descritores – histórias de leitura, memórias de velhos, narrativas de velhos – com seus respectivos filtros e refinamentos de busca.

Ao iniciar a busca pelo descritor histórias de leitura, utilizei apenas o descritor, sem nenhum tipo de refinamento. Foram encontradas 1. 257.932 ocorrências de pesquisas realizadas em nível de mestrado e doutorado. Em seguida, adotei como refinamentos os seguintes filtros: Tipo – mestrado/doutorado; Ano – 2015 a 2018; Grande área – Ciências Humanas; Área de Conhecimento – Educação; Área de avaliação – Letras/Linguística. Com tais refinamentos, não houve nenhuma ocorrência para além daquelas que haviam aparecido na busca anterior.

Insatisfeita com esse resultado, realizei nova busca do mesmo descritor, utilizando como filtros: Tipo – mestrado/doutorado; Ano – 2014 a 2018. Diante do novo refinamento, foram encontradas 351.648 ocorrências, das quais foram lidos os títulos e escolhidos, dentre eles, os que apresentavam maior afinidade com o descritor. Dentre as 351.648 ocorrências foram selecionados três textos: “Idosos de Veranópolis: suas leituras do passado em narrativas do presente”. Dissertação de Mestrado. Passo Fundo, UPF: 2015 de Rolcinéia Rodrigues Boff; “Leitura de Histórias de Leitura”. Campinas: UNICAMP: 1994 de Norma Sandra de Almeida Ferreira e “Contação de histórias: sua contribuição para o incentivo à leitura”. Frederico Westphalen: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões: 2017 de Jaqueline Pinson Sichelero.

Na busca pelos descritores memórias de velho e narrativas de velhos, utilizei o mesmo procedimento metodológico anterior com os mesmos filtros. A partir do descritor memórias de velhos foram selecionados três textos: “Memória, pertencimento e identidade em narrativas de moradores do Fallet, Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro, UFRJ: 2016 de Silvana Bagno; “Memórias de leituras de idosos da UATI/UEFS: ressignificando suas histórias”. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana, UEFS: 2016 de Eliana Carlota Mota Marques Lima e “Discursos que constituem a comunidade Riacho do Meio: argumentação em ‘lembranças de velhos’”. Dissertação de Mestrado. Pau dos Ferros, UERN: 2017 de Sueilton Junior Braz de Lima.

A pesquisa a partir do descritor narrativas de velhos também resultou na seleção de três textos: “Novos tempos, vozes antigas: os narradores velhos na narrativa ficcional brasileira do século XXI ou de como ficou difícil ouvir os velhos ou de como a ficção enfrenta o tabu da velhice”. Porto Alegre, UFRS: 2016 de Cristiane da Silva Alves; “O poético em narrativas orais de velhos de Alto Araguaia-MT”. Dissertação de Mestrado. Tangará da Serra, UNEMAT: 2013 de Leandro Rodolfo Resende e “A lembrança como linguagem: intercruzando sonhos, memórias e histórias na narrativa dos velhos”. Dissertação de mestrado. Tubarão, Unisul: 2017 da autora Maria Madalena Martins da Silva.

Após reunidos esses nove textos por grupos temáticos de descritores, foi realizada a leitura completa deles, inventariando os elementos que poderiam contribuir com minha pesquisa e relacionando com o aporte teórico que já havia acessado até aquele momento. Esse movimento de revisão bibliográfica me levou ao entendimento de que as memórias de velhos como processos de persistência e resistência das pessoas idosas, especialmente, no que concerne à apropriação do ato de ler, de relatar e de constituir sentidos na fala ainda é muito relativa em um mundo dominado pela tecnologia. Mesmo em pleno século XXI, os idosos ainda pertencem a um grupo minoritário e continuam sendo discriminados e marcados por estigmas diversos que os colocam em segundo plano.

Essa busca evidenciou, sobretudo, a importância de rastrear no passado as histórias e memórias por meio das narrativas dos velhos para que seja possível reconhecer potencialidades e interesses comuns ao tecido social. É o desejo e, para

além dele, a necessidade, a urgência em compreender a integração das dimensões subjetiva e coletiva dessas memórias, a materialização da cultura e dos saberes diversos desse tecido social. Dessa forma, pela escassez de discussão teórica a respeito da temática abordada, a pesquisa constitui-se como um fator relevante, uma vez que busca explorar elementos e fatores que ajudam a elucidar as questões inerentes ao estudo.

1.2 Itinerários teóricos: outros percursos de leitura

O escopo teórico que orienta a pesquisa são as discussões de Bosi (2016) sobre as histórias de leitura de velhos e suas relações com a memória; as de Morin (2011) sobre a teoria da complexidade; as de Certeau (2014) sobre as táticas de leitura e o leitor como caçador; as de Benjamin (1987) a respeito da aceção de experiência e as de Boaventura (2007) sobre a ecologia dos saberes, diálogo entre os diversos saberes provenientes dos conhecimentos culturais, sociais e das experiências vividas por cada sujeito.

Além dos autores supracitados, as discussões serão fomentadas, também com as contribuições de outros artífices, como a noção de sujeito da experiência de Larrosa (2017), as de Freire (2011) e Jouve (2002) a respeito da leitura e das histórias de leitura entre outros apresentados ao longo do texto. As discussões de Bosi (2016) sobre as histórias de vida de velhos e suas relações com a memória auxiliaram no processo de escuta das narrativas dos sujeitos entrevistados, pois ouvir histórias de vida de idosos nos coloca num espaço de percepção privilegiado.

O embasamento em Edgar Morin (2011) propiciou a compreensão da complexidade que envolve toda a dinâmica das narrativas e práticas leitoras dos sujeitos envolvidos, uma vez que o autor considera o mundo a partir de um tipo de explicação em movimento, circular, aonde vamos das partes para o todo e do todo para as partes, a fim de tentar compreender um fenômeno. A teoria da complexidade, proposta pelo estudioso francês, refere-se, desse modo, à capacidade de pensar a realidade sem reduzi-la a uma base simplificadora, entendendo sua unidade e multiplicidade, articulando os diversos campos do conhecimento, considerando tanto o pensamento racional-lógico-científico quanto o mítico-simbólico-mágico. Morin

(2015) propõe também a valorização das diversas linguagens, do conflito, da possibilidade de autoanálise constante, da reforma das ações simultaneamente à reforma do pensamento, a mudança da disciplinaridade para a transdisciplinaridade, a valorização da existência e a esperança de uma nova civilização.

As concepções de Certeau (2014) subsidiaram as elucidações sobre táticas e leitor como caçador. Sob essa perspectiva, as táticas de leitura podem ser compreendidas na oposição entre as categorias tática e estratégia. Para o autor, as estratégias correspondem a um cálculo de relação de forças empreendido por um sujeito detentor de algum tipo de poder que, por esta via, "(...) postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta" (CERTEAU, 2014, p. 46). Já as táticas, por sua vez, são apresentadas como ações de desvio, que geram efeitos imprevisíveis. Em oposição às estratégias – que visam produzir, mapear e impor – as táticas originam diferentes maneiras de fazer. Resultam das astúcias dos sujeitos e de suas capacidades inventivas, possibilitando-os escaparem às empresas de controle e tomarem parte no jogo em questão. Para Michel de Certeau, muitas práticas cotidianas - tais como falar, ler, circular, cozinhar, ir ao supermercado - são do tipo tática. Em geral, elas revelam-se como bricolagens que possibilitam sutis vitórias dos fracos sobre os mais fortes. Assim, são nas práticas do leitor caçador, em que ele busca, paulatina e diariamente, pequenos sucessos que vão se constituindo em vertentes cada vez mais sólidas e consistentes.

A concepção de experiência de Walter Benjamin (1987) favorecerá a interpretação das narrativas, especialmente no âmbito das experiências de vida de cada colaborador. A multiplicidade de sentido para experiência pode ser compreendida de várias formas a depender do campo de estudo. Na linguagem comum, a experiência pode ser entendida como as práticas vivenciadas por um sujeito ou, por outro lado, pode-se configurar como um indicador de competência social ou técnica, no sentido de possuir uma habilidade adquirida através do exercício contínuo de uma profissão, arte ou ofício. Quem acumula experiência tem algo que lhe confere autoridade, mostrando uma distância que separa a inocência da juventude da experiência vivida na velhice.

No ensaio intitulado “Experiência e pobreza” (1987), Benjamin define a experiência como sinônimo de sabedoria e autoridade, consolidada por meio da transmissão de geração em geração, própria de uma organização coletiva, comunitária, ritualística e artesanal. É no sentido de sabedoria que o termo é empregado neste estudo. Para o autor, as formas de experiência estritamente primitivas deslocavam-se através do tempo para as futuras gerações, necessariamente por meio do ritual – um conjunto de gestos, expressões, sentimentos e ações – que compõem as expressões individuais (o modo de falar/narrar, os hábitos) na rede significativa e coletiva, treinando impulsos individuais como parte de um grande plano. O ritual retratava uma configuração experiencial, aceita dentro do grupo, tendendo a formar um sistema global de alianças, projetos, ações compartilhadas e valores não abstratos e compartilhados.

A arte de narrar é alicerçada nas experiências de vida de cada sujeito. Nesse viés, Benjamin, no ensaio “O narrador: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov” (1987), figura o narrador como a síntese do mestre e do sábio porque ele sabe dar conselhos e pode recorrer a um acervo de toda uma vida e associar à própria experiência – a sua substância mais íntima – os diversos saberes que aprendeu na tradição. Sendo ele alguém que tem o dom do conselho, seu talento natural é poder contar e rememorar suas experiências de vida; sua dignidade é contá-la inteira. Ao tecer os fios de sua narrativa, o narrador pode deixar o brilho sutil de sua narração consumir, inteiramente a mecha de sua vida, sendo este capaz de dar instruções e transmitir ensinamentos morais ou ditar normas práticas de vida.

Boaventura de Souza Santos (2007) subsidiará a pesquisa na compreensão dos diversos saberes existentes na comunidade pesquisada, bem como, o diálogo deles com o conhecimento científico. Ao propor a percepção da ecologia dos saberes, o autor não pressupõe um amontoado de métodos de acesso ao conhecimento, mas sim uma ligação, uma conexão que se articula e apresenta contradições. Dessa forma, essa noção do estudioso português objetiva desconstruir a ideia de um conhecimento hegemônico e único, apontando para um novo tipo de relacionamento entre o saber científico e outras formas de conhecimento que devem ser considerados com a mesma valia.

Isso, incide em outorgar uma equidade de valores às diferentes formas de conhecimentos envolvidas em disputas epistemológicas cada vez mais amplas, visando a maximização dos seus respectivos contributos para a constituição de uma sociedade mais igualitária, democrática e equilibrada. Para Santos (2007), a questão não está em atribuir igual validade a todos os tipos de saber, mas antes em permitir uma discussão pragmática de critérios de validade alternativos, que não desqualifique tudo o que não se ajusta ao cânone epistemológico da ciência moderna.

As concepções propostas por Santos (2007), expressas como ecologia de saberes, questionam o paradigma científico atual, que desvaloriza os conhecimentos tradicionais e se posiciona contra o desperdício da experiência. Discorre também sobre a ciência moderna, destacando a necessidade de consideração dos diferentes saberes existentes e da importância de se fazer perguntas simples, focalizando o despontar da epistemologia em tempos de crise. A expectativa de dominação da natureza pela ciência e tecnologia em favor da humanidade provocou uma exploração sem critérios dos recursos naturais, com implicações desastrosas. Santos (2007) preconiza o desenvolvimento equilibrado entre estado, mercado e comunidade, e afirma que para recuperar o conhecimento, são necessárias a ruptura epistemológica e a transformação do conhecimento científico, totalitário e antidemocrático, em um novo modelo pautado na construção e valorização de saberes diversos.

Depreende-se de Santos (2007) que a nova ciência requer um novo paradigma, pois suas expectativas não são mais satisfeitas pelos mecanismos conservadores, hierarquizados e pautados pela ortodoxia da ciência moderna. O novo paradigma deve ser científico e social, isto é, um corpo de conhecimentos sistematicamente elaborados sobre o mundo que possam estar em constante conexão, sendo úteis à sociedade, buscando torná-la mais igualitária e democrática.

Na abordagem do paradigma dominante e de sua transição para um paradigma emergente fica clara a dicotomia entre o conhecimento científico de um lado, e noutro, o senso comum e as humanidades. Isto é, leva-se em consideração tão somente o conhecimento constituído pelos princípios epistemológicos e regras metodológicas ocidentais. A adoção do novo modelo é urgente, pois as mudanças sociais requerem uma reconstrução dialógica em busca de futuro melhor para a humanidade.

Santos (2007) aponta para uma descrença durante a mudança de século, de forma que vivemos em sombras de um passado que já não é mais e diante de um futuro que ainda não chegou a ser. Em suas disposições acerca da mudança de paradigma, Santos aponta que o conhecimento fundamentado na experiência, nas evidências empíricas, não possui o mesmo respaldo pela ciência moderna.

Assim, as reflexões trazidas por Santos (2002) buscam conceituar e situar o momento de transição da modernidade para a pós-modernidade, tanto no âmbito epistemológico, abordando o estado atual das ciências, bem como no contexto político e social. Este cenário tem impacto significativo no contexto social e os espaços ocupados pelos idosos, porquanto implica assegurar o cuidado e o respeito que a sociedade tem que ter com esses sujeitos, pois somente por meio da implementação de novos paradigmas é que os idosos desfrutarão do “lugar de honra” tal qual defende Bosi (2016). Quanto a isso, Santos ratifica que

o respeito não representa a atitude de considerar o que é dito como sendo definitivo acreditando nada mais caber, ser acrescido ou dito, não permitindo que a palavra seja dissolvida e multiplicada e porque não desrespeitada no diálogo, o que implica em discordar do seu interlocutor, retirando o manto intocável do que é dito para que seja reproduzida, para que ganhe vida e autonomia (SANTOS, 2002, p. 28)

Assim, os idosos devem ser valorizados e reconhecidos como sujeitos, sendo, a memória e as experiências de vida, dois aspectos profundamente pertinentes a esse recorte de pessoas. Entendo que a escuta e a valorização de suas narrativas se desenvolvem como um processo de reconhecimento e respeito, pois as pessoas idosas nos transmitem seus conhecimentos e experiências. Assim, desde a infância vamos criando nossas opiniões, baseando-nos naquilo que nos é repassado pelas gerações anteriores. Essa assertiva conversa com as noções de Eclea Bosi quando a autora destaca que “a criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização”. (BOSI, 2016, p. 73)

O narrador de Benjamin influencia de modo profundo a noção de sujeito da experiência de Jorge Larossa (2017) que auxiliou na discussão a respeito do leitor em diálogo com o caçador de Michel de Certeau (2014). As contribuições de Larossa (2017) sobre o sujeito da experiência, auxiliaram também o processo de escuta e

percepção dos traços peculiares de cada entrevistado, o que possibilitou a imersão da pesquisadora num incessante movimento de aprendizado da experiência do outro. Nesse sentido, os sujeitos envolvidos no processo – os entrevistadores e os entrevistados – assumiram o status de sujeitos da experiência tal como definido por Larrosa (2017). Esse sujeito, de acordo com o autor espanhol, seria determinado não tanto por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Dessa forma, “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe toca, nada lhe chega, nada lhe afeta, a quem nada lhe ameaça, nada lhe fere” (p. 15). A leitura, dentro desse panorama, é entendida como experiência. Ler é adquirir experiência, é algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos (p. 19).

Desse modo, a narração constitui-se como um fator sempre presente na vida das pessoas. Nossa sociedade pouco valoriza a sabedoria das pessoas com idade avançada, de forma que o reconhecimento e o estímulo para o relato das experiências pode ser um fator que proporciona atenção e respeito às pessoas idosas, ao admitir suas falas, possibilitar suas manifestações e compreensões de mundo, assim como permitir que ofereçam, mediante os seus relatos de memória coletiva, as justificativas para a configuração do mundo no qual existimos agora.

Por fim, os postulados de Freire (2011) e Jouve (2002) possibilitaram o entendimento da leitura que, nessa pesquisa, se coloca como um fenômeno e, sendo assim, ela deve ser observada desse modo caleidoscópico em que as vivências dos leitores envolvidos na ação de ler, bem como os percursos construídos por eles são fundamentais para o entendimento do significado que a leitura tem para cada um deles e para o grupo com o qual convivem. Nesse sentido, a memória de cada colaborador configura-se como a manifestação do interior que é externalizada e implica a singularidade atualizada e materializada. Nele, o manifesto é entendido como aspecto de consideração, como incentivo para a busca intensa da significação das coisas, não lida somente com fenômenos, mas, com suas relações (FREIRE, 1979). As manifestações das outras consciências podem apontar trajetórias, significados ou atitudes que devem ser considerados, aumentando a singularidade e trazendo-a para além do vivido, despertando o significado e a representação.

Essas noções apresentadas aqui serão aprofundadas na feitura da análise das narrativas, lugar propício para se construir interpretações a partir da ligação desses aspectos teóricos com o dito pelos colaboradores da pesquisa. Desse modo, a construção deste estudo foi pautada na análise das memórias e histórias de vida, sendo a entrevista, a ferramenta que utilizei para dialogar com essas histórias e memórias e me apropriar das vivências e experiências de cada sujeito. A fim de possibilitar que ocorra um genuíno encontro de consciências é indispensável que a contribuição de todos seja validada com a manifestação da subjetividade de cada um. Não existe expressão singular que mereça ser mais respeitada ou relevante, pois cada uma remete para impressões do vivido.

1.3 Velhice e memória: um mosaico de saberes

Contar histórias é um dos atos mais antigos do ser humano preservado pela memória, de modo que nas sociedades antigas, não havendo a escrita, os ensinamentos e saberes eram transmitidos através da contação de histórias, das narrativas. Desde tempos primitivos, o homem conta histórias, verbalizando os fatos cotidianos e as reminiscências herdadas de seus antepassados. As civilizações antigas organizavam-se ao redor de fogueiras para ouvir os mais velhos relatarem suas peripécias, lembranças e princípios (SILVA, 2011). Desse modo, a memória de velhos é uma ferramenta contumaz para o contexto social, como um todo.

A população do Brasil, em conformidade com a tendência global, tem alcançado, cada vez mais, maior longevidade e expectativa de vida. Tal situação traz implicações diretas nas condições demográficas⁹, epidemiológicas e sociais de todo o país. É importante ressaltar que quando menos de 7% da população de um país tem até 65 anos, considera-se que este país é jovem. Quando 14% já alcançaram os 65 anos, o país é tido como envelhecido. De acordo com CHAIMOWICZ (2013), estima-se que o Brasil passe de jovem a envelhecido em 25 anos (entre 2011 e 2036). O

⁹ Segundo Silvestre (2002), denomina-se transição demográfica, a transformação da estrutura etária da população, através da qual se verifica a tendência clara de envelhecimento populacional. Esse processo usualmente decorre do progresso socioeconômico do país e, por consequência, da redução dos índices de mortalidade e de fecundidade.

crescimento da população idosa brasileira em um período de cinquenta anos evidencia que o envelhecimento, antes entendido como um fenômeno, hoje constitui a realidade da maioria das sociedades.

De acordo com pesquisas recentes, o índice de brasileiros com mais de 60 anos tem aumentado gradativamente nos últimos anos, batendo recorde em 2021. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgados em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse percentual teve um aumento de 7,6% em relação a 2012, o que indica que a população do país está mais velha. Nesse período, a parcela de pessoas com 60 anos ou mais saltou de 11,3% para 14,7% da população. Em números absolutos, o grupo etário passou de 22,3 milhões para 31,2 milhões, crescendo 39,8%.

Em conformidade com esses dados numéricos do IBGE, infere-se que a estrutura da pirâmide etária da população brasileira está em processo de mudança e, se continuar nessa progressão, ao longo dos anos será alterado de forma significativa. Isso deduz que, mesmo após o período pandêmico que ocasionou na morte de milhares de vidas, o perfil demográfico do país caminha a passos acelerados rumo ao envelhecimento.

Mendes et al (2005) define o envelhecimento como um processo natural que individualiza uma etapa da vida do ser humano e é caracterizado por transformações físicas, psicológicas e sociais que se apropriam de modo singular cada indivíduo com sua existência prolongada. Os idosos são a faixa etária que vivencia a última etapa da vida, mas essa etapa pode ser vivenciada de forma, significativamente lúcida, dinâmica e vivaz. A prática de leitura contribui para isso.

Segundo Alves (2016), conforme a sabedoria e a experiência se desvalorizam perante ao vigor e a agilidade, o sujeito que envelhece é estigmatizado, apontado como sem utilidade e dispendioso, fragilizado e oprimido. Diante desse quadro, é essencial que o envelhecimento, assim como as demais etapas da vida do ser humano, ocorra com a maior dignidade e apoio possíveis. Por isso, é imprescindível acolher as dimensões de respeito e consideração do legado de memória que os velhos possuem, na compreensão do futuro através da reflexão do passado e de sua rememoração individual e coletiva.

Halbwachs (2006) enfatiza o caráter social da memória e suas referências externas, como um mecanismo impulsionador da temática. O autor considera que a memória individual não é totalmente isolada e fechada, mas oferece o fundamento da memória coletiva, considerando que “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Concernente ao processo das narrativas no contexto das memórias dos velhos, Bosi (2016) aponta a função social do velho na rememoração, aconselhamento, como um liame entre o passado e o futuro, chamando atenção para a fragmentação da lembrança no panorama capitalista, que se prevalece do velho somente no que concerne à sua força servil. No âmbito da sociedade capitalista, ao se explorar a velhice, se extrapola as bases da memória, oferecendo uma supervalorização da história oficial em face da lembrança.

Nas palavras de Boff (2015):

É na velhice que muitos conseguirão a calma para a reflexão, pois na juventude, a maioria das pessoas trabalha freneticamente e vive uma agitação dedicada a “um futuro melhor”. Teme-se o tédio do presente, anseia-se por um futuro mais calmo, quando se poderá descansar. Quando o corpo não pode mais acompanhar as exigências práticas de uma vida atribulada, é que se faz um balanço das vivências e aprendizados, conduzindo-se, a partir de então, de modo mais ponderado (2015, p. 31-32).

A partir desse fragmento podemos inferir que a agitação do dia a dia é um entrave para se estabelecer a calma, a reflexão, o descanso tão almejados pela grande maioria das pessoas. É na velhice – quando não temos mais tanto vigor como antes para acompanhar as exigências práticas de uma vida atribulada – que podemos desfrutar de tais prazeres. Nessa fase da vida, os idosos têm grande importância na conjectura social, inclusive no que concerne a produção de significados. Ainda, segundo Boff (2015), as narrativas dos idosos, mantêm viva a leitura, não apenas em suas próprias existências, como sendo incentivo aos mais jovens leitores com quem coexistam, sejam seus familiares, amigos ou pessoas de seu contexto laboral. Percebe-se assim, que as pessoas idosas que se dedicam, de algum modo, ao exercício da leitura e da narrativa são indivíduos que podem ter tido descontinuada

sua trajetória de escolarização em algum momento de suas vidas ou que iniciaram já tardiamente, contudo, não se acomodaram, mas utilizaram-se de todas as oportunidades que surgiram para, a seu modo, continuarem adquirindo e disseminando conhecimento, permanecendo colaborativos em seu meio comunitário.

Ao abordar a relevância das narrativas dos velhos, Resende (2013) destaca que:

registrar essas histórias, diretamente da memória das pessoas, é importante porque elas veiculam visões de mundo, experiências de vida, ideologias, idiosincrasias, traduzidas numa linguagem simples, por meio da qual se pode relatar fatos, falar de crenças, lembrar sonhos e vontades que permitem a compreensão do outro, que permitem a aproximação com o outro, isto é, que permitem, a quem ouve ou lê essas histórias, o encontro com realidades outras que são aquelas que formam a cultura de um país, e a partir delas podemos conhecer a nós mesmos e ao mundo que nos rodeia (2013, p. 24).

Depreende-se da observação do autor que a memória reconstruída através da narrativa dos velhos é um instrumento capaz de favorecer a aproximação com o outro, o que também é encontrado na perspectiva de Bagno (2016) sobre a nomenclatura de “pertencimento”, ou seja, auxilia no desenvolvimento de laços comunitários e de relações sociais que acabam por sustentar a memória coletiva de um povo, criando a cultura e auxiliando a compreensão do mundo no qual nos inserimos. Tal contexto permanece mesmo na conjectura atual, de um tempo cercado de ferramentas, recursos e avanços tecnológicos.

Nessa perspectiva, Silva (2017) destaca a importância das narrativas para a preservação da memória cultural das diferentes sociedades. A memória cultural integra a história de cada sujeito, e por mais longe que vá, leva inerente em si através de recordações, lembrança das situações vividas antigamente ou que foram contadas de geração a geração. É através da história, contada e recontada, dos fatos ocorridos, que a memória se mantém viva. Assim, o ato de narrar e contar histórias constitui o elo geracional e perpetuador das tradições, costumes e hábitos sociais que contribuem com a manutenção da memória coletiva. Em outras palavras, preservar a memória coletiva dos velhos pressupõe a perpetuação do patrimônio das tradições orais. Rememorar, desse modo, implica em ação significativamente ajudadora das interpretações do presente que se constrói gradativamente.

Nascidos em um contexto histórico no qual a cultura escrita detém sua hegemonia, olvidamos constantemente que existem sociedades originalmente ágrafas, as quais até recentemente utilizavam-se exclusivamente dos recursos da memória e narração para se comunicarem. Por séculos, um dos mais importantes modos de transmissão de conhecimento e até mesmo de entretenimento de determinadas sociedades, era a troca de experiências mediante a narrativa. Tais histórias tinham como fundamento, a própria vida de quem narrava, ou as situações que testemunhou, ou mesmo histórias que criou.

No caso em estudo, destaca-se, pois, a importância de se valorizar a narrativa dos velhos para buscar, no passado, as histórias e memórias que possam constituir os sujeitos em favor de uma coesão social, que se identificando, reconhece potencialidades e interesses comuns, requerendo, na integração das dimensões subjetiva e coletiva, a materialização da cultura do seu povo. Pois o arcabouço narrativo favorece o sentimento de integração de um povo à sua cultura, que, conforme é repassada, estabelece o condão de construir conexões mediante experiências vividas pelos narradores, os velhos, que em sua fala, perpetuam valores, ideias, costumes e explicações sobre o mundo em que vivem. Possibilitar a vivência da leitura e da oralidade aos velhos favorece a construção da memória coletiva e do respeito, bem como valoriza a cultura e o sentimento de união entre a comunidade.

A memória é o arcabouço vivo e fluído do que está guardado, sejam imagens, lembranças ou referências, assim como é o local onde se deposita e se preserva o conhecimento construído de nossos ancestrais. É na memória que está o que ouvimos de nossos antepassados, combinado com as diferentes formas de pensar a respeito desse conhecimento conosco compartilhado. “A memória é a reserva que se dispõe da totalidade de nossas experiências” (BOSI, 2016. p. 13). Desse modo, as histórias contadas trazem vida à memória e o fluxo da memória faz com que compreendamos a história de modo amplo, refletindo a diversidade da experiência e do próprio tempo. A subjetividade do narrador faz de suas memórias experiências únicas sobre fatos vivenciados por muitos outros sujeitos. Assim, as histórias de vida, oralizadas através da memória, constroem e mantêm consolidada a cultura de um povo, através de suas diversas representações.

A memória, sob um enfoque da cultura, manifestada pelas narrativas de cada colaborador não concerne apenas ao sujeito, isoladamente, mas retomam em seu agir, a ação e a vivência de seus antepassados, contemplando, assim a integralidade de sentidos dos fatos, naquilo que foi denominado no estudo como memória coletiva. Assim, a narrativa efetuada por cada colaborador, ativa a memória, que persiste nele, tanto sobre si quanto de seu grupo, na dinâmica da cultura, assim como tece e consolida relações que são tão costumeiras e usuais, que, muitas vezes, pode não ser notadas no cotidiano. Desse modo, é possível perceber que a memória individual e coletiva contribui para a construção da cultura, a partir das experiências individuais e coletivas dos sujeitos e as narrativas possui, nesse processo, um papel de extrema relevância e complexidade. É esse processo que admite eternizar no tempo saberes, aprendizagens, práticas, conhecimentos e formas de agir que constituem cada grupo e que no decurso de sua existência, suas histórias rememoradas tornam-se tradição, e cultura, constituem-se na identidade que define e diferencia determinado grupo, determinada sociedade.

Lima (2016), ao discorrer sobre a temática das memórias dos velhos e contemplando o fenômeno do aumento da longevidade populacional brasileira aponta que é indispensável haver a proposição e execução de ações direcionadas para idosos e que isso tem crescido, tendo em vista o gradativo envelhecimento da população brasileira, e este panorama passou a ser preocupação de instâncias governamentais, instituições públicas e, igualmente, das instituições de ensino superior.

É importante destacar a aceção do termo “velho” utilizado neste estudo para designar pessoas idosas. É ser usual associar ao vocábulo “velho” imagens negativas. Por essa razão, é costume que boa parte da população evite o seu uso. Ser velho, desse modo, é quase sempre associado à desvalia, ao esgotamento e à finitude. Não é o que ocorre em minha compreensão, pois o termo aqui é adotado na perspectiva da sabedoria e da significatividade que sua vivência desempenha. A velhice é compreendida neste estudo como o acúmulo de experiência, no sentido elaborado por Walter Benjamin. Velho, tal como emprego, é um termo associado à noção de sujeito da experiência (Larrosa, 2017), aquele guardião do vivido, das tradições tal como afirma Eclea Bosi.

De acordo com a autora, não é por acaso que as funções sociais desempenhadas na vida ocupam grande parte da memória dos velhos. A memória, na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já trabalharam. Assim, é uma narrativa de homens e mulheres que já não são mais membros ativos da sociedade, mas já foram. Isso significa que os idosos, apesar de não serem mais propulsores da vida presente de seu grupo, têm uma nova função social: lembrar e contar para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam (BOSI, 1994, p. 74).

Assim, no título de minha pesquisa faço uso do termo “velhos” com essa compreensão. É um uso positivo do termo que incorpora nele essa habilidade exclusiva de quem já viveu muitos anos e pode, melhor do que as novas gerações, lembrar e contar suas experiências que acabam por ser as experiências de muitos de nós também, contribuindo, dessa maneira, para que as gerações mais novas compreendam seu passado e possam a partir disso viver melhor o presente e planejar o futuro de modo mais consciente. Ao longo do texto farei uso tanto do termo velho quanto do termo idoso nesse mesmo sentido de guardião da tradição.

Alves (2016), autora de um dos textos resultantes da revisão bibliográfica, aponta ser usual denominar como velho quem já alcançou determinada idade ou apresenta os sinais rotineiramente relacionados ao envelhecimento, como os cabelos brancos, as rugas e a flacidez da pele, levando em conta, exclusivamente a dimensão biológica, que não traduz satisfatoriamente a condição de um indivíduo detentor de histórias, vivências, sentimentos e memórias. Para além desse olhar biológico direcionado à aparência física, quero afinar minha observação para aspectos mais existenciais desses idosos, suas experiências, como dito anteriormente.

Nessa acepção, o velho desenvolve um importante papel no grupo social e familiar, e essa importância decorre das suas experiências, das suas memórias. Desse modo, é possível entender que, conforme diz Bosi

há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente de seu grupo: nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 2004, p. 63).

A ação de rememorar incorpora a função social do sujeito que, no presente, recupera os fatos acontecidos. Tal função será desempenhada quando o sujeito, outrora ativo na sociedade em que se insere, deixa de “cooperar” para o presente coletivo, atingindo o instante da velhice social que traz para o velho a ação de lembrar, tornando-se ele a memória do grupo que integra.

Bosi (2016) ressalta que a velhice não é meramente um destino do ser humano; é, inclusive, “uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem” (BOSI, 2016, p. 77). No que concerne à sociedade industrial, especificamente, a autora acusa-a de ser prejudicial para a velhice e, falando disso, dialoga com Benjamin para quem a modernidade foi a responsável pela perda da experiência.

Essa discussão nos situa no contexto das reflexões a respeito da memória, noção muito importante na reflexão elaborada por Bosi sobre a função do idoso na sociedade moderna. Segundo ela,

a memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar.” (BOSI, 1994, p. 68)

Percebe-se aí duas funções da memória – conservação ou elaboração do passado. Ao trazer para o presente as lembranças do que já se viveu, a postura do sujeito que lembra pode se orientar por essas duas funções. Ambas contribuem para o amadurecimento de qualquer grupo social, seja a família, seja a escola, seja a comunidade. Por meio do contar, do lembrar, podemos perceber qual dessas duas funções predomina no sujeito que revisita a memória. “A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar” (1994, p. 68), afirma Bosi.

Nessa mesma direção, Certeau dialoga com Bosi quando afirma:

seja como for, a memória é tocada pelas circunstâncias como o piano que “produz” sons ao toque das mãos. Ela é sentida do outro. É devolvido em palavra ou em gesto [...]. É feita de clarões e fragmentos particulares. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são as lembranças. (CERTEAU, 1994, p. 164).

No enxerto acima, fica evidente que o acesso a memória, além de trazer imagens do passado relacionadas ao momento vivido, também carrega em si outros artefatos provocados pelas circunstâncias do tempo e espaço. As imagens manifestadas apresentam modificações para associar novas informações e novos significados. Cada vez que a memória é acessada, a sua enunciação apresenta novos aspectos, novas leituras para cada receptor. Esse processo é ininterrupto no ato de lembrar que se torna riquíssimo de construção de experiência como afirma Benjamin (1987). Nesse sentido, afirma Bosi que

a memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão, a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos." (BOSI, 2016, p. 90)

É revisitando a memória dos colaboradores da pesquisa por meio de suas narrativas que objetivo alcançar a compreensão desse uso que eles fazem da memória. Já pude perceber que o potencial de reelaboração do passado trazidos por eles é visível, no entanto, após as análises das narrativas essas percepções serão delineadas de modo mais detalhado. Certo é que, concordando com Eclea Bosi na epígrafe desta seção que cito novamente acima, quero aproveitar cada gota dessa água. Ainda que ela esteja matizada por muitos esquecimentos, é importante o exercício de escuta, é importante não se perder no deserto dos tempos. A compreensão da memória de meus velhos (colaboradores da pesquisa), essa faculdade épica de que fala Bosi, contribuirá de modo significativo para muitas das perguntas de nosso tempo.

1.4 Leitura e leitor: imbricações necessárias

A reflexão a respeito das noções de leitura, de leitor e de histórias de leitura são fundamentais para a análise das narrativas e o alcance dos objetivos a que me propus. Essa reflexão é feita nesta parte do trabalho seguindo o movimento de, a partir das concepções de leitura de Freire (2011) e de Jouve (2002), tecer um diálogo com outros autores brasileiros que estudam a leitura e suas práticas, tais como: Kleiman (1997), Solé (2008), Lajolo (1993), Silva (2008), Orlandi (2000), Dutra (2011), Geraldi

(1997) e Petit (2009). Após essa parte, explorarei a noção de histórias de leitura associada à memória e às narrativas de velhos via Bosi (2016), Beauvoir (1990), Sarabia (1985) e Portelli (2001). Finalizarei esta subseção com uma reflexão a respeito do sujeito da experiência como base para pensar o leitor caçador de Certeau (2014).

O ato de ler não se confunde com decodificações de signos, com reprodução automatizada de informações, mas requer compreensão, apropriação e transformação de significados proporcionando experiências para o indivíduo. Paulo Freire enfatiza que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2011, p. 19), de forma que a concepção de leitura excede a decodificação de sinais, ocorrendo, preliminarmente, a leitura do mundo para que ocorra a leitura da palavra. Para ele, o ato de ler

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. (FREIRE, 2011, p. 11).

Percebe-se a partir da citação do pedagogo brasileiro que a concepção de leitura defendida por ele é de uma habilidade que dar conta não apenas do texto escrito/impresso, do texto verbal/linguístico mas vai para além dele, ampliando-se e alcançando a “inteligência do mundo”. Desse modo, ler para o autor se orienta para outras possibilidades significativas. Pode-se ler uma imagem, uma pessoa, um acontecimento, um mundo. É essa acepção de leitura que embasa este trabalho.

Essa reflexão tem continuidade em vários estudiosos brasileiros com significativa contribuição para se pensar a leitura enquanto ferramenta de relacionamento com o mundo. Na sequência trago alguns desses autores para esse diálogo. No ato da leitura, o leitor busca um objetivo para atender uma determinada necessidade. Fora da escola, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas, não se faz desenhos para mostrar o que mais gostou e raramente se lê em voz alta, ou seja, a prática constante de leitura não significa a repetição infundável dessas atividades escolares. Quando lemos, temos sempre algum

objetivo, pois se trata de um processo contínuo, para que o ser humano possa realizar as exigências que irão surgindo ao longo de suas vidas.

A leitura é uma habilidade indispensável para a aprendizagem, de modo geral. O ato de ler implica em atribuir significados, originados na interação entre o leitor e seu objeto de leitura, que pode ser um texto verbal ou não verbal. Kleiman (1997) considera a leitura como instrumento social e esclarece que o ato de ler um texto não possui significado isolado em si mesmo, mas sua significação é construída na interação entre autor e leitor. Em suas palavras:

A leitura é um ato social, entre sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. Essa dimensão interacional, que para nós é a mais importante do ato de ler, é explicitada toda vez que a base textual sobre a qual o leitor se apoia precisa ser elaborada, pois essa base textual é entendida como a materialização de significados e intenção de um dos interagentes à distância via texto escrito. (KLEIMAN, 1997, p. 10).

Percebe-se, assim, que a leitura não é uma atividade passiva, mas pressupõe a ação do leitor ao interpretar e ressignificar aquilo que é lido, de modo que essa interpretação se dá a partir de suas bases conceituais sociais e culturais, compreende-se, assim, a leitura como um ato que não deve ser desvinculado do prazer. Propõe Silva (2008, p. 12), que [...] “o processo de leitura é uma atividade que possibilita a participação do homem na vida social, em termos de compreensão do presente e do passado e de transformação sociocultural futura”. Desse modo, a leitura se constitui como uma ferramenta contumaz para a interação do homem no meio social.

Tomar posse da leitura é indispensável para agir com autonomia nas sociedades letradas e ela provoca uma desvantagem profunda naqueles que não conseguem realizar essa aprendizagem, contudo, são poucas as discussões que abrangem a dinâmica da leitura no contexto de vida de pessoas idosas. É necessário, pois, constituir a leitura, até então fundamentalmente objeto de ensino, em instrumento de socialização, ou seja, que faça sentido para o leitor, respondendo às exigências do seu cotidiano.

Compreendendo a leitura a partir de uma diversidade de objetos e modalidades, o ato de ler pode ser considerado como um meio para responder a um objetivo, uma necessidade pessoal e não apenas decodificar símbolos. Entende-se,

ao tratar da leitura e de suas especificidades no contexto dos idosos, que o ato favorece sobremaneira a participação social, através de situações como as narrativas, que possuem o condão de integrar as gerações ao redor do ato de ler e de contar histórias.

Nesse sentido Silva (2008, p. 9) afirma:

Ler é ter uma fonte de imaginação e é através dela que se obtêm respostas a todas as indagações. O domínio da leitura traz ao mundo dos conhecimentos, o raciocínio lógico. Ninguém é capaz de ser grande pesquisador se não faz dos livros seu amparo, fazendo conexões com a vida para assim o recriar. Em outras palavras, a leitura deve ser feita de forma concreta, ou seja, que tenha significado com o real do leitor que deixará de ser objeto da leitura para se tornar o sujeito ativo na construção do significado.

Conforme o que foi mencionado, percebe-se que a leitura significativa é a leitura que vai além da identificação e decodificação das palavras e é esse tipo de leitura que possibilita aos indivíduos a capacidade de compreender o mundo, assim como questioná-lo, construir novas conexões, articular os saberes frente a realidade em que se insere, e diante disso, tirar suas conclusões e interpretações.

Solé (2008, p. 22) afirma que a “leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto”. O primeiro, neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura. Esta afirmação tem várias consequências. Em primeiro lugar, envolve a presença de um leitor ativo que processa e examina o texto. Também implica que sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura, em outras palavras, sempre lemos algo, para alcançar alguma finalidade. Para Lajolo,

ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto, mas sim lhe atribuir significado, relacionando-o com outros textos significativos, reconhecendo nele a leitura que seu autor pretendia, podendo entregar-se a ela ou rebelar-se propondo outras significações. (LAJOLO, 1993, p. 59).

O leque de finalidades que fazem com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar, procurar uma formação concreta – seguir uma pauta ou instrução para realizar uma determinada atividade – informar sobre um determinado fato, ler um jornal, livro de consulta, confirmar ou refutar um conhecimento prévio, aplicar a informação obtida pela leitura de um texto na realização de um trabalho, dentre outras possibilidades.

Conforme Orlandi (2000), o leitor é aquele que, em sua preexistência, se constitui como produtor da interpretação do texto, à medida em que situa-se como contemporâneo a ele, produzindo leitura, especificamente de sentido, assegurando sua eficácia, organizando-se com seu conhecimento de um eu aqui e agora, relacionando-se com ele sem perder sua originalidade.

Depreende-se que esta é uma capacidade da mente humana, que possibilita ao homem construir e atribuir sentidos ao que se lê, indo além do que está explicitamente acessível na superfície do texto. O significado se apresenta totalmente no texto oral ou escrito que, apesar de carregar um sentido intencionado pelo autor, é polissêmico e, assim, traz a possibilidade de ser reconstituído mediante o universo de sentidos do leitor, que lhe atribui coerência a partir de uma articulação de significados. A leitura para construção de sentido é uma condição singular, tendo em vista se materializar apenas quando ocorre reconstrução significativa do que se lê, mediante uma interação social.

Em diálogo com todos esses estudos sobre a leitura, Dutra (2011) diz que “ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas, principalmente após recentes pesquisas que apontam ser esta uma das principais deficiências do brasileiro”. Uma leitura de qualidade representa a oportunidade de ampliar a visão do mundo. O hábito de ler desempenha funções individuais e sociais importantes para a formação do leitor, pois através da leitura surgem novos fatos e situações essenciais para ampliação do repertório de informações. Através dos diversos gêneros textuais, essas informações levam a assumir uma posição diante de acontecimentos, desenvolvendo sua competência leitora.

Com relação a implicação da informação sobre o que é ler, ressalta-se o fato de que o leitor constrói o significado do texto. Isto não quer dizer que o texto em si mesmo não tem sentido ou significado. Felizmente para os leitores, essa condição costuma ser respeitada. O significado que um escrito tem para o leitor, desse modo, não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis oferecer, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos.

Os textos que lemos também oferecem diferentes possibilidades e limitações para a transmissão de informação escrita. Não encontramos a mesma coisa em um

conto e em um livro, em um relatório de pesquisa e em um romance policial, em uma enciclopédia e em um jornal. O conteúdo muda, naturalmente, mas não se trata apenas disto. As diferentes estruturas textuais também mudam.

A pessoa idosa possui um vasto repertório de vivências e experiências que é mobilizado durante a leitura, de forma que interpreta o que foi lido de acordo com a perspectiva de mundo que possui. É a partir desse movimento interno que a leitura se projeta para o mundo exterior, auxiliando na compreensão e interpretação dele.

Geraldi (1997) explica que, na leitura, o outro é sempre o parâmetro, de forma que cada texto lido possui uma intenção e um sentido. É, na concepção de alteridade que a prática da leitura se reveste de sentidos entre os idosos, considerando as relações que tece, seja na família ou na sociedade como um todo.

Segundo Jouve (2002), a leitura é uma ação complexa, constituída por cinco dimensões. A primeira é quando ela é concebida como um processo neurofisiológico que pressupõe um ato concreto e observável e que utiliza o aparelho visual assim como diversas funções cerebrais. Nessa dimensão, a leitura é entendida como uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos. Já, a segunda dimensão concebe a leitura como um processo cognitivo, isto é, requer competências – o leitor deve deter um conhecimento elementar para prosseguir a leitura ao mesmo tempo em que lhe é requerido um esforço de abstração. A terceira dimensão apontada concerne à afetividade, isto é, às emoções que a leitura desperta no leitor e que terminam por envolvê-lo, prendendo seu interesse ao que lê. Enquanto a quarta dimensão concebe a leitura como um processo argumentativo em que o autor elabora no texto um discurso de comprometimento dele com o mundo e os demais seres. Finalmente, a quinta dimensão do processo de leitura é definida como processo simbólico – o envolvimento do texto com o mundo do leitor, com sua cultura e com seu meio.

A respeito das várias dimensões discutidas por Jouve (2002), compreendo a leitura para além de palavra mundo tal como vista por Freire (2011), concebida como um processo funcional, em que a pessoa idosa pode interagir e elaborar suas hipóteses, movimentando o seu conhecimento preliminar em favor de novos sentidos a cada possibilidade de leitura.

As concepções de Jouve, de Freire e dos autores explorados acima se efetivam mediante uma perspectiva de aprendizagem que se fundamenta na visão interacional da língua, pela qual entende-se que os indivíduos idosos são ativos e constroem, constantemente, os sentidos em sua relação e interação com o texto.

O idoso pode atuar e se integrar de modo mais ativo na construção da sua cidadania e na materialização de seus direitos por meio da leitura. Ela favorece, ainda, situações prazerosas na vida do idoso, pois colabora para a imaginação e a criatividade, aperfeiçoa o vocabulário, estimula a interação e possibilita, ainda que, tais pessoas possam ter um espaço de reconhecimento, o respeito na sociedade.

É indispensável o domínio da leitura para a comunicação e acesso aos conhecimentos e informações que circulam na sociedade. A habilidade da leitura é também uma forma de manifestar opinião. Quando o acesso à leitura é negado, a pessoa é marginalizada e acaba por vivenciar um isolamento da sociedade, o que ocorre com muitas pessoas idosas que, por alguma razão, não tiveram a oportunidade de escolarização em sua juventude, sendo muitas vezes excluídas em razão de não saberem ler. Buscando aprender a ler, assim como, também, a ler para aprender, o idoso se situa na existência a partir da compreensão e interpretação do mundo em que se insere por meio da leitura.

Partindo da premissa da importância da leitura como um elemento de significativa funcionalidade para os idosos, o contar suas experiências constitui-se como um aspecto de semelhante importância. Por meio delas, os velhos nos transmitem o seu conhecimento e, assim, a partir do que deles aprendemos, vamos construindo nosso caminho e nossa interpretação do mundo.

Desde a infância, crescemos ouvindo os relatos, contos e as histórias de nossos avós, de nossos pais e de pessoas idosas. Tais lembranças nos permitem elaborar um universo de fantasia sobre o passado. De alguma maneira, ao crescermos sob as influências de histórias e contos antigos, temos alguma base para consolidar e compreender a cultura na qual nos inserimos. Conforme Bosi (2016), essas influências nos proporcionam familiaridade com acontecimentos que não conhecemos como costumes, modos, comportamentos, entre outras situações.

A interação entre crianças e idosos através das narrativas orais é, profundamente, prazerosa e enriquecedora para os dois. Em determinadas

sociedades tradicionais, os idosos possuem um papel de destaque em contar a história da comunidade, da família, atuando como referência para as novas gerações. Em nosso contexto social, predominantemente individualista e com grande entusiasmo para o que é novo, muitas vezes desprezamos a vivência e a experiência dos idosos (BEAUVOIR, 1990).

Ouvir histórias de leitura de idosos longevos nos coloca num espaço de percepção privilegiado, uma vez que, de acordo com Bosi (2016), o idoso tem um lugar de honra como guardião do tesouro espiritual da comunidade. E não só do tesouro espiritual, mas de outras e diversas vivências. Assim, alinhado ao propósito desta pesquisa está também o ouvir múltiplas vozes e uma multiplicidade de ações e olhares que estão envolvidas nesse processo investigador.

Vale ressaltar que, na maioria das vezes, retraída em seu lugar social, a pessoa idosa observa nova finalidade na vida quando encontra ouvidos atentos. A utilização do termo história de leitura advém do termo história de vida entendido tanto como relatos de toda uma vida como quanto as narrações parciais de certas etapas ou momentos vividos, tal como afirma Sarabia (1985). Segundo Petit (2009), a leitura acende outra dimensão de espaço e tempo, isto é, aquela característica da situação ficcional. Tempo e espaço de sonho e de fantasia que possibilita construir um país interno, um espaço psíquico apto a sustentar processo de autonomia e a composição de posição de sujeito possibilitando uma narrativa interna, criando conexões entre os acontecimentos de uma história e entre universos culturais.

A narrativa é algo que nos encanta desde que nascemos. Na infância, crescemos ouvindo os relatos de nossos pais e avós e de pessoas mais velhas. Essas reminiscências criam um mundo fantasioso sobre o passado. De algum modo, ao crescermos sobre as justificativas que nos dão as histórias antigas, nos sentimos reconfortados. Conforme Bosi (2016), essas influências nos familiarizam com situações que não conhecemos como costumes, modos, casas, roupas, dentre outras.

Ler é adquirir experiência – relacionar-se com o mundo – como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos. Desse modo, as histórias de leitura que estão no horizonte de expectativas deste trabalho podem designar tanto a vivência de toda uma vida em torno do fenômeno do ler quanto momentos específicos narrados pelos entrevistados.

Nesse sentido, tem destaque o que foi proposto por Portelli (2001) ao afirmar que um texto é sempre resultado de encontros de trabalho culturais e pessoais, de forma que, ao final da investigação, todos seremos influenciados por seu objeto, uma vez que para o autor, o texto é "um discurso dialógico, criado não somente pelo que os entrevistados dizem, mas também pelo que nós fazemos como historiadores – por nossa presença no campo e por nossa apresentação do material" (PORTELLI, 2001, p. 10). Ainda que eu não seja historiadora, coloco-me como pesquisadora de narrativas nesse espaço de presença de que fala Portelli. Aproximar-se dessas narrativas foi um caminho interessante para refletir a respeito das perspectivas e dos desafios que temos nas mais diferentes dimensões do ato de ler e, para, além disso, tornou-se um observatório privilegiado de narrativas, identidades, sujeitos de experiência.

A relação existente entre leitor e leitura e, por conseguinte autor, não se deve limitar a uma ideia reducionista – em que ler consiste em decifrar um aglomerado de palavras sem muita significação ou aprender um conjunto de informações e mensagens a serem reproduzidas – pois, o exercício de leitura não se esgota num simples processo mecanizado. Ler vai além de decifrar códigos. Nessa perspectiva, o leitor tem um papel fundamental na prática de efetivação da leitura. Ele não é apenas um receptor que só recebe informações e nada agrega, mas é alguém que dá vida ao texto lido e, sobretudo, que dá voz, que interpreta, que dialoga com o autor e consegue recriar sua realidade a partir das múltiplas possibilidades que a leitura lhe oferece.

Desse modo, o sentido de cada texto/leitura depende dos sentidos que o leitor atribui a ele por meio de sua bagagem cultural e de suas experiências de vida. No exercício dessa prática, o leitor, mais do que compreender o dito nas entrelinhas, ele é um sujeito ativo, que dialoga e interage proficuamente com o texto. Assim, ele não é um sujeito passivo, mas atua ativamente naquilo em que ler, dando novos significados para além do já dito. Nesse sentido, Certeau afirma que

se 'o livro é um efeito (uma construção) do leitor, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *lectio*, produção própria do 'leitor'. Este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventar nos textos outra coisa que não aquilo que era a 'intenção' deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações. (CERTEAU, 2014, p. 240)

O fragmento mostra que o leitor é capaz de compreender e (re)significar os textos que lê a seu modo, de uma forma bastante singular, por isso o autor considera a operação do leitor como uma espécie de *lectio*, uma produção própria. Isso se dar porque, cada leitor, no processo de compreensão e significação dos textos – dos quais ele se apropria – deixa incutir suas experiências, suas referências individuais, sociais e históricas. Assim, ele possui um lugar próprio dentro do texto “não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor”, mas reconstrói uma multiplicidade de novos significados a partir de toda bagagem reunida ao longo de sua vida. Tudo em seu entorno ajuda a remeter novos sentidos ao que lê.

Nesse bojo, as acepções de Certeau – sobre a relação do leitor com a leitura e a produção de significados – conversa com as de Larrosa (2002) no sentido que as experiências de cada sujeito servem de instrumento valioso para (re)significar sua vivência cotidiana. Se, para Larrosa (2002, p. 21), a experiência de cada sujeito é tudo aquilo “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, então cada leitura realizada que consegue “tocar” o leitor, de alguma forma, serve-lhe para agregar mais experiência e produzir uma infinidade a mais de sentidos. Essa noção de experiência discutida por Larrosa (2002) pode ser entendida tanto no processo de leitura quanto no processo de escuta das narrativas dos colaboradores da pesquisa. Ao lermos, é necessário olharmos com fito cada vocábulo (e para as outras formas de leitura) para sentirmos os acontecimentos e tudo o que cada leitura pode oferecer; devemos deixar ser tocados por cada palavra. Assim, também ocorre no processo de escuta dos velhos. É necessário parar para escutá-los, sentir as palavras que eles emitem.

O leitor é, então, induzido a descobrir em cada leitura, novas formas de conceber a realidade, combinando os seus fragmentos e criando algo não-sabido no espaço em que se insere. Dessa maneira, ele é levado a desbravar novos horizontes, paulatinamente nas entrelinhas do texto. Nesse sentido, Certeau (2014) ratifica que “[...] os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los” (CERTEAU, 2014, p. 245). Nessa acepção, o autor metaforiza o leitor para mostrar o processo que ele faz ao se debruçar sobre as páginas de cada livro. O leitor é esse viajante explorador que sai em busca de um tesouro escondido. Nessa caçada

pelo saber, o leitor transforma-se em um “produtor de jardins que miniaturizam e congregam o mundo” (CERTEAU, 2014, p. 245). Cada palavra oferece-lhe pistas, induzindo-o a galgar com mais afinco nessa procura pelos bens que a leitura lhe permite alcançar. Assim, cada texto lido é como uma picada¹⁰ que se abre para o novo, apontando várias possibilidades de significados.

Em outras palavras, no exercício da leitura, ao percorrer as “terras alheias” dos autores, as experiências acumuladas de cada leitor devem possibilitar que algo lhe aconteça e lhe toque. A possibilidade para isso ocorrer requer algumas atitudes do leitor, como um pensamento mais devagar, um olhar sem muita pressa, se deter nos detalhes, aguçar a atenção, aprender a escutar, a calar, praticar a paciência para conseguir enxergar o novo dentro de cada página que lê ou escuta. Nesse sentido, a experiência de cada leitor, seria como “um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”; aquilo que [...] nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma.” (LARROSA, 2002, p. 24). Esse fragmento suscita a ideia que a leitura, de alguma forma, ao tocar o leitor, transforma-o e, essa transformação que ocorre individualmente e de uma forma própria em cada sujeito, serve-lhe para agregar mais sentidos naquilo que ler e para além do que se ler.

Minha postura frente às narrativas dos quatro velhos que colaboraram com a pesquisa foi de leitora. Leitora do ouvir, do escutar, do texto que, mesmo não estando impresso, é rico de significação e, desse modo, me afetou, me formou e me transformou. A tarefa de ouvir essas narrativas se construiu em mim como uma experiência tal como entendida por Benjamin e Larossa. Do mesmo modo, entendemos os colaboradores também como esses sujeitos da experiência, leitores que, em algum momento de suas vidas, foram afetados por práticas de leitura que os ajudaram a ressignificar a existência.

¹⁰ No interior da Amazônia, o termo picada é utilizado dentre outros sentidos para se referir a um caminho estreito aberto no mato.

SEÇÃO 2 – ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS: RASTROS DA PESQUISA

2.1 Trajetória metodológica: de como se deu a coleta e a análise das narrativas

A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê. (Arthur Schopenhauer)

A história de vida de cada sujeito – concebida como material empírico de pesquisa e coletado por meio das entrevistas realizadas – foi abordada como metodologia deste estudo para compreender as memórias de leitura. No entanto, é importante destacar que a "Metodologia História de Vida" aqui empregada não é uma biografia, nem uma ficção sobre a vida de alguém, é um método que utiliza as narrativas de cada colaborador com o intuito de analisá-las e com elas tecer algumas reflexões para alcançar os resultados almejados. Assim, o caminho proposto pela "Metodologia História de Vida" é a narração, pois permite o estudo da vida das pessoas em um contexto universal e revela a singularidade de cada sujeito envolvido. Nessa perspectiva, o procedimento metodológico permite a articulação do sujeito e da pesquisadora entre espaço e tempo, o que viabiliza a compreensão da dinâmica das relações existenciais, bem como das experiências vividas por cada narrador. Nesse sentido, o estudo das histórias de vida dos colaboradores é a análise da forma que cada um experimenta o mundo. Tomar as narrativas deles como objeto de reflexão é acreditar que ouvir e escrever sobre narrativas de velhos é um exercício que promove uma autorreflexão.

Além disso, utilizar a história de vida de alguém como abordagem metodológica é “explicitar a singularidade e, com ela vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida” (JOSSO, 2004, p. 9). Diante do exposto, percebe-se que ao me valer da história de vida dos colaboradores como abordagem metodológica implica em dela me re-apropriar, refazendo os caminhos percorridos, o que é mais do que "revivê-los", (Bosi, 1987 p. 55). Pois, como ressalta Eclea Bosi, a história narrada "[...] não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a

cidade onde ela floresceu" (Bosi, 2003, p. 69). Trata-se, portanto, de ampliar a possibilidade de inventar novos modos de ser no mundo, a partir do vivido e do encontro com o outro; de incorporar o vivido, o passado que se faz presente.

Após essa breve discussão sobre a metodologia das histórias de vida, enredarei para os recursos utilizados na minha itinerância em campo, os quais estiveram imbricados com os metodológicos e afetivos. Para a realização deste trabalho, a metodologia de pesquisa utilizada, no que se refere aos objetivos se caracterizou como uma pesquisa descritiva e quanto à abordagem do problema correspondeu à uma pesquisa qualitativa. Ela parte da compreensão das narrativas dos colaboradores envolvidos fazendo uma análise qualitativa das narrativas de cada um.

A coleta de dados se deu pela realização de entrevista, de forma que o universo da pesquisa se constituiu por um recorte de moradores de municípios do Acre, especificamente pessoas idosas egressas dos seringais e que, atualmente residem na cidade. A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações de saberes múltiplos observados nas experiências de cada colaborador. Assim, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realizou a coleta de dados junto a esses sujeitos. O local escolhido compreende o Vale do Juruá. Utilizei, predominantemente, entrevistas dialogadas de moradores que fincaram boa parte de suas vivências nessa localidade, com o intuito de obter aspectos específicos, a partir das memórias, das histórias de vida, tanto dos entrevistados quanto as entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista, que tem como base a ideia de reconstruir acontecimentos a partir do ponto de vista dos informantes, visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado a se expressar de forma mais natural e espontânea para, assim, contar/narrar sobre acontecimentos importantes de sua vida, bem como do contexto social, cultural, ambiental, econômico etc. Assim, o diálogo estabelecido entre entrevistador e entrevistado pode ser ajustado, deixando brechas para que ambos tenham a liberdade de comportamento e expressão.

Utilizei o áudio de quatro entrevistas – três que já haviam sido gravadas pelos integrantes do projeto Vozes da Experiência e uma realizada por mim. Todas as entrevistas foram gravadas, a fim de resguardar as memórias sobre o modo de vida e as peculiaridades pertinentes a cada sujeito. Vale ressaltar que, nesse processo,

devido ao contexto pandêmico vivenciado em todo mundo ocasionado pela pandemia da Covid-19, o trabalho desenvolveu-se de forma colaborativa com outros integrantes do grupo de pesquisa GIL, em que parte do material coletado, mais precisamente três áudios, foram provenientes de trabalho já realizado pelo projeto Vozes da Experiência.

Esse procedimento foi adotado devido duas fortes razões: a primeira ocorreu por consequência do isolamento social peculiar ao momento atípico vivenciado mundialmente. Como os sujeitos da pesquisa estão inseridos no grupo de risco¹¹ e para não desobedecer aos protocolos da Organização Mundial de Saúde (OMS), sobre as medidas de proteção sanitária, não foi possível, para mim, realizar encontros presenciais com todos os entrevistados; e a segunda razão é dar continuidade à investigação do projeto Vozes da Experiência e aproveitar o riquíssimo material já coletado.

O processo de escuta deu-se, desse modo, por meio de encontros presenciais e *online* com os entrevistados e familiares. Dona Cândida e Dona Regina foram entrevistadas de modo presencial pela pesquisadora de iniciação científica Simeire Paixão da Costa Melo antes da explosão da pandemia da Covid-19. É lamentável que, no decorrer da pesquisa essas colaboradoras vieram a falecer, de causa natural em decorrência da idade avançada. Por essa razão, este estudo acaba se transformando também em uma singela homenagem a essas mulheres com histórias de vida e de leitura tão fortes e inspiradoras.

Seu Raimundo foi entrevistado pela pesquisadora do GIL Maria Ana da Silva Moraes Lima no município de Rio Branco. Ela enviou a gravação para mim via mídias digitais. Seu Manoel foi entrevistado por mim de modo presencial ainda durante a pandemia. Como frequentava sua casa cuidando dele durante esse período, foi possível fazer as entrevistas sem colocá-lo em risco. Foram três encontros presenciais com ele.

¹¹ A OMS considerou como grupo de risco da Covid-19: bebês e crianças menores de seis anos, gestantes, mulheres que deram a luz há menos de quarenta dias, maiores de sessenta anos e pessoas portadoras de comorbidades, como diabetes, hipertensão arterial, doenças do coração, pulmão e rins, portadores de imunossupressão e pacientes em tratamento contra o câncer. Fonte: CONASS.CONASMS. Guia Orientador para o enfrentamento da pandemia. Covid-19 na Rede de Atenção a Saúde. Disponível em: <https://www.conass.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Instrumento-Orientador-Conass-Conasems.pdf>

As colaboradoras que mais se detiveram na narração de suas experiências de vida foram Dona Regina e Dona Cândida. Os áudios das entrevistas realizadas com elas têm a duração de 02 horas, 41 minutos e 49 segundos e 02 horas, 28 minutos e 55 segundos, respectivamente. Já as narrativas do Senhor Manoel e do Senhor Raimundo foram efetuadas em duas etapas. Depois de ouvir a primeira escuta, tive a necessidade de voltar a ouvi-los novamente, para me apropriar de outros detalhes, especificamente a respeito do processo de leitura de cada um. Somando a extensão das duas entrevistas, a do Senhor Manoel contabiliza 16 minutos e 42 segundos, já o do Senhor Raimundo dura 25 minutos e 54 segundos.

Além das entrevistas, foram realizadas também, diversas conversas por meio de mídias digitais com as pesquisadoras Simeire e Maria Ana com o fim de compreender melhor o *modus operandi* como efetuou-se o processo de coleta de dados por elas realizado. Mantive contato assíduo, também, com um neto de Dona Regina – Amauri Maia Braga Filho. Por ser meu aluno e mantermos contato diariamente, isso permitiu-me muitas trocas significativas de informações e experiências.

Após a coleta dos dados por meio das entrevistas, passou-se à transcrição dos áudios coletados. Para o primeiro momento, foi realizada a transcrição do material oral colhido nas entrevistas. Essa parte do trabalho foi demorada, exigiu uma escuta atenta, um vai e volta nos áudios em busca de compreender palavras inaudíveis, pedidos de ajuda a quem estava por perto para compreender o que estava sendo dito (minha filha e esposo foram fundamentais nessa etapa do trabalho). Ouvi atentamente cada narrativa e transcrevi-as preservando a literalidade de cada fala. A decisão de manter a transcrição literal das entrevistas e narrativas dos sujeitos deste estudo teve como objetivo preservar a memória daquilo que está apresentado nas linhas e entrelinhas das falas que nos foram apresentadas. Foram, ao todo, quatro narrativas transcritas com aproximadamente setenta laudas de texto escrito no total. A partir da finalização dessa etapa, esse material organizado passou à fase de análise.

A análise dos dados coletados foi feita a partir do exercício de ouvir e reouvir as narrativas colhidas, ler e reler as transcrições, tantas vezes quantas foram necessárias para a elaboração de suas interpretações. Nesse exercício de escuta/leitura das narrativas gravadas/transcritas fui colhendo os fragmentos que

sobressaiam das falas dos velhos e que ganhavam um tom especial em seus jeitos de contar, seja pelo avivamento de suas emoções, seja por marcarem suas vidas de modo profundo. A análise desses fragmentos se voltou mais para as histórias de vida. Em um segundo momento, minha escuta se direcionou para os trechos das narrativas em que os colaboradores tocavam de alguma maneira no assunto da leitura e de suas relações com os livros. Aí a análise se voltou para a interpretação de elementos que pudessem contribuir para uma história da leitura.

A metodologia, por conseguinte, efetuou-se a partir da escuta possibilitada pelo caminho investigativo das fontes orais e das histórias de vida a partir de um modelo interativo e dialógico que busca a construção de significâncias como um meio vital estratégico para a produção acadêmica. Nesse sentido, a escuta das narrativas constituiu-se como um instrumento tenaz para pensar as relações entre história e memória, possibilitando novos aprendizados com as experiências de Dona Cândida, Dona Regina, Seu Raimundo e Seu Manoel.

2.2 Cenário da pesquisa: o Vale do Juruá no contexto dos saberes

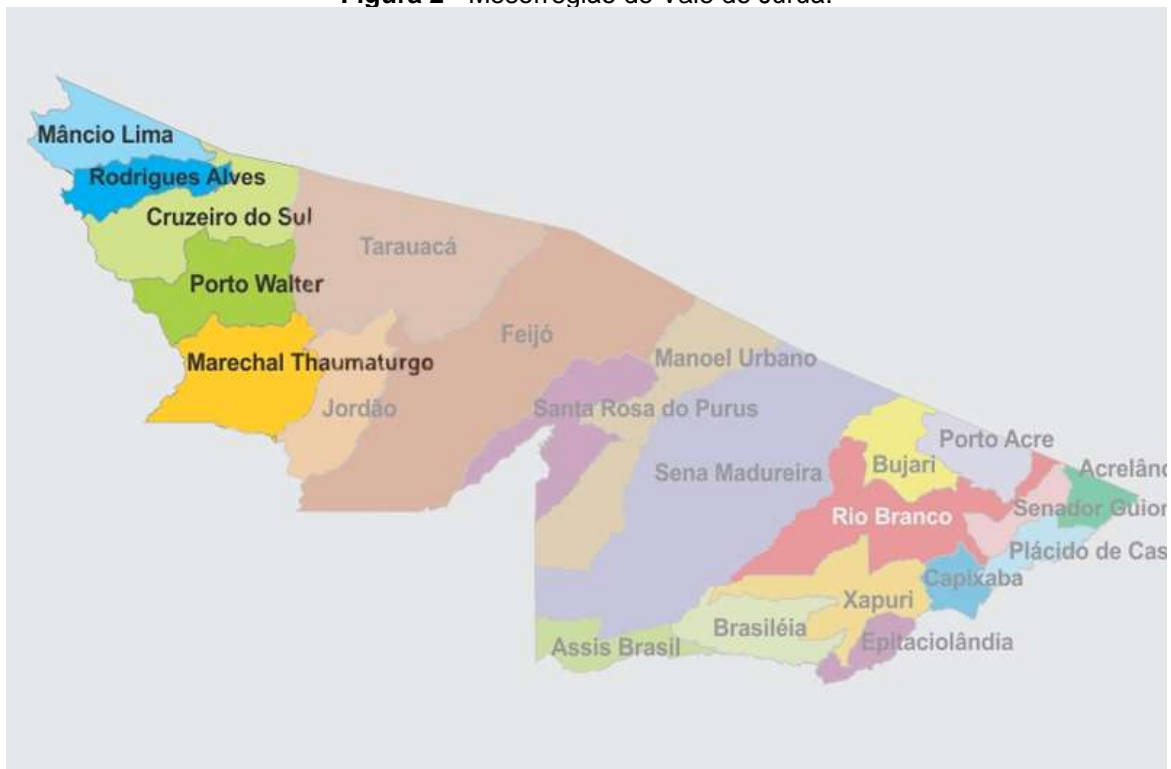
O plano de fundo deste estudo é a Amazônia Ocidental, em sua porção mais verdadeiramente ocidental, ou seja, o estado do Acre, mais precisamente as margens do Rio Juruá. Conforme o pesquisador Araújo (2010) o Rio Juruá tem seu nascedouro na Serra da Contamana, no Peru, no limiar da fronteira com o Brasil, tendo seu curso sinuoso espargindo-se pelo extremo oeste do Acre, adentrando no Amazonas e desaguando no rio Solimões. Contempla em sua extensão uma riqueza cultural diversa, em que conviveram e convivem indígenas, seringueiros que vieram do Nordeste brasileiro, especialmente do Ceará e estrangeiros.

Na Amazônia se percebe, com uma certa nitidez, dois espaços culturais bem definidos por suas características, e, por assim dizer, bem misturados simbolicamente. Um revitaliza o que antes existia, outro absorve as influências das trocas simbólicas que, por sua vez, estão em constante transformação. Esses dois momentos são marcados por dois espaços que entrecruzam: o rural e o urbano; e os contos orais permeiam esses espaços simultaneamente. Nessa perspectiva, entre o lugar de reprodução material e simbólica da vida existe quem narra o mundo (o narrador e o ouvinte) e o seu produto (as narrativas) (ARAÚJO, 2010, p. 21).

As palavras de Araújo (2010) nos situam no panorama da riqueza da coexistência urbana e rural, selvagem e contemporânea, tradicional e científica que perfazem a Amazônia do Vale do Juruá (Figura 2), composta pelos municípios de Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima, Marechal Thaumaturgo, Porto Walter e Rodrigues Alves evidenciando, a grandeza das narrativas dos sujeitos da localidade, posto que perpassam a vida social de cada sujeito que ali habita.

Ainda sobre a etnografia do Vale do Juruá, o pesquisador Mesquita (2014) destaca que a trajetória do sujeito juruaense se desdobra após uma imemorable era de isolamento. A referida região amazônica, outrora, era constituída por mata fechada e habitada por povos indígenas de tempos imemoriais. Diante de tal panorama, nos é possível visualizar os desafios encontrados por aqueles que ali vieram habitar, desbravando a imensidão de floresta, que horas se traduzia como esperança de dias melhores e horas assumia o significado de um grande inferno verde.

Figura 2 - Mesorregião do Vale do Juruá.



Fonte: Tribunal de Justiça do Estado do Acre (TJAC, 2021)

A ocupação do Vale do Juruá é recente e deu-se, sobremaneira, em decorrência das drogas do sertão, com a chegada do extrativismo do látex da

seringueira, no ciclo da borracha, que promoveu a dinamização econômica da Amazônia. Nesse bojo, milhares de sertanejos fugindo da aridez nordestina, rumaram, alguns até mesmo a pé, para as promissoras terras de exploração do “ouro branco”, os seringais acreanos.

A migração de nordestinos para o Acre está diretamente associada aos interesses capitalistas que, à época, tinham a borracha como produto essencial às suas indústrias. Mas, pelas condições em que ocorreu, a migração era muito precária e desumana. Nessa jornada por dias melhores, em sua maioria frustrada por uma realidade inóspita e cruel, o homem nordestino contribuiu com a formação étnica do povo amazônico da região (MESQUITA, 2014).

Nas florestas e nas margens de rios, igarapés e lagos, o seringueiro, dedicando-se por longos anos exclusivamente à extração do látex, isolado e solitário nas estradas de seringas, era proibido pelos seringalistas de exercer qualquer atividade diversa do corte da seringa, inclusive a educação. Na luta por sua subsistência e da família, ele se via obrigado a reinventar suas práticas produtivas, para conseguir a sua sobrevivência.

Os poucos seringueiros que conseguiram constituir famílias acabaram por desenvolver outras estratégias de organização laboral, em que os filhos eram requeridos a trabalhar de sol a sol, distanciando-se ainda mais do acesso à educação, que era exclusividade dos filhos dos seringalistas (SOUZA, 2011).

As reminiscências da imagem da maioria dos colaboradores são semelhantes com a vida de centenas de outros sujeitos que fincaram ou tiveram parte de suas experiências de vida nos seringais. E a imagem que se tem desses indivíduos é semelhante a uma árvore de seringueira que sofreu um corte de onde escorre o látex. Essa imagem ficcional em volta da Amazônia acreana foi retratada muito tempo em livros de história em que os ciclos da economia do Brasil eram mostrados aos estudantes como estruturas progressistas que construíram o país. Nessas lembranças, as referências aos seringueiros eram de personagens típicos brasileiros, que fomentavam às imagens da vitória do banqueiro conquistador, os barões da borracha, que empreenderam sua alma de negócios durante as conjunturas de guerras mundiais, conquistando para o país, fortuna e progresso.

Contudo, o que tentavam comprovar com as cartilhas didáticas de outrora, exibindo fotos do patrimônio arquitetônico esplendoroso, que simboliza o desejo de consumo dos homens pelo capital, na verdade era o opróbio do trabalhador que fincava suas vidas nos seringais sem nenhuma perspectiva de ter a garantia aos direitos básicos de um cidadão, como aprender a ler ou escrever. É essa a relação com a seringueira: o látex que escorre por ela figura o progresso de muitos em decorrência de marcas profundas em quem realmente fornecia esses bens (os trabalhadores seringueiros que trabalhavam, cortando a seringa, dia após dia em situações de vulnerabilidade social e humana).

É nesse cenário que muitas famílias, pela ânsia inexorável de oportunizar dias melhores aos seus filhos, eram compelidas a deixar suas colocações e seguir direção para os centros urbanos que circundavam os seringais. Por essa razão, a vida urbana, da grande maioria das famílias evidenciadas nas narrativas dos colaboradores da pesquisa, apesar de se desenvolver no espaço do município, guardaram muitos traços da vida no seringal, como alguns costumes e tradições.

Na busca por melhores condições de vida e novas oportunidades de educação para os filhos, com a acentuação do declínio da produção da borracha¹², muitas famílias chegaram à cidade, na condição de expropriados e foram residir nos lugares de periferia, já que não podiam pagar pela moradia. Estes indivíduos, buscavam os terrenos onde o preço da moradia era mais baixo ou onde, pelo processo de invasão-ocupação encontravam um lugar para viver. Os problemas imediatos deste fluxo migratório, foram o surgimento de bairros periféricos, em locais onde faltava todo tipo de infraestrutura adequada.

¹² No começo da segunda metade do século XIX, a borracha exerceu forte atração e influência sobre os empreendedores mais visionários. A operação extrativista da matéria-prima látex, na Amazônia, se mostrou lucrativa, tão logo começou a ser explorada. O auge do ciclo da borracha aconteceu entre os anos de 1879 e 1912, tendo ainda, uma boa sobrevida entre os anos de 1942 e 1945, no decorrer da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Porém, no início do século XX, a supremacia da borracha brasileira sofreu forte declínio com a concorrência promovida pelo látex explorado no continente asiático. A brusca queda do valor de mercado fez com que muitos aviadores fossem obrigados a vender toda sua produção em valores muito abaixo do investimento empregado na produção. Entre 1910 e 1920, a crise da seringa amazônica levou diversos aviadores à falência e endividou os cofres públicos que estocavam a borracha na tentativa de elevar os preços. (Fonte: ANTONIO FILHO, F.D. Riqueza e miséria do ciclo da borracha na Amazônia brasileira: um olhar geográfico através de Euclides da Cunha. São José do Rio Pardo: Casa da Cultura Páginas do Inst. Biol., São Paulo, v.9, n.1, p.6-14, jan./jun., 2013 Euclides da Cunha, 2013. Disponível em: <http://www.biologico.sp.gov.br/uploads/docs/pag/v91/dagostini3.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.

Esse fluxo migratório dos povos do interior para a sede das cidades em busca de melhoria de vida ou ascensão profissional através de estudos, continuou a existir, acentuados por outros fatores como: econômico, saúde, educação, etc. Atualmente, ainda acontece, mas com velocidade reduzida. Faria (2007 p. 01) salienta que “os movimentos populacionais, também chamados de migrações, atingem, no mundo contemporâneo grandes dimensões, mas é um fenômeno tão antigo quanto o homem”. Isso evidencia que na história da humanidade, os homens sempre migram em busca de produzir sua existência, na luta pela sobrevivência diária e se deslocam em espaços de esperança. Sabemos que as primeiras populações eram nômades e viviam em constante deslocamento em busca de sua sobrevivência.

Todavia, mesmo diante de todas as adversidades, muitos desbravadores (a exemplo, destaca-se os colaboradores desta pesquisa) não se deixaram vencer pelas dificuldades e adentraram no caminho da educação, encontrando, na leitura e no conhecimento, um escape para dirimir as suas necessidades e alavancar um futuro mais promissor para si e suas famílias.

2.3 Perfil dos colaboradores: o desvelamento de seu devir entre memórias e vozes

O universo da pesquisa se constituiu por um recorte de moradores do município de Cruzeiro do Sul¹³. Trata-se de pessoas com ampla vivência dos tempos e espaços amazônicos, que contribuem, através de suas reminiscências, com a construção de narrativas e experiências de vida ricas de significados.

Alguns dos colaboradores foram seringueiros ou deles são remanescentes, tendo uma ligação direta com as histórias que circundam a trajetória do povoamento da região amazônica do Vale do Juruá. Assim, por vezes, é utilizada no texto a expressão “seringueiros”, não como designação do genuíno trabalhador do corte da seringa, mas como uma designação mais ampla, genérica para aqueles que habitavam os seringais e deles vieram. Como aponta Santos (2002), a designação

¹³ Na pesquisa, foi privilegiado os sujeitos moradores do Vale do Juruá que, ainda moram ou tiveram grande parte de suas vivências nesse local.

“seringueiro” pode comportar outros sentidos, além daquele vinculado estritamente às operações do corte da seringa. Diz Santos:

E seringueiro surge com certa tranquilidade, dado que esta denominação está vinculada não somente a uma categoria de trabalhadores (cujas especificidades regionais já não levam em conta somente a extração da borracha, pois muitos deles já não extraem látex, ou a atividade tem se tornado secundária), mas por comportar outras peculiaridades como a visão singular da floresta, e a significação que dão a ela e por conseguinte o modo de vida constituído (SANTOS, 2002, p. 26)

Esses sujeitos são pessoas idosas com idade superior aos 70 anos de idade. Para fins de compreensão, considero aqui que idosos são as pessoas com mais de 60 anos de idade. Em países com melhores índices de desenvolvimento humano, os idosos são categorizados como pessoas acima de 65 anos, considerando a maior expectativa de vida diante das melhores condições de saúde e longevidade. A ONU determina, juntamente com a Organização Mundial de Saúde (OMS), que se pode considerar idosa a pessoa com mais de 60 anos, mas destaca que esta compreensão pode mudar ao longo da história.

É comum que se considerem as pessoas idosas ou a terceira idade como pessoas que já não têm mais o que contribuir, muitas vezes desvalorizadas e esquecidas nas relações sociais e até mesmo na produção do conhecimento. Contudo, compreendo que os idosos são uma fonte inesgotável de saberes, por suas experiências e conhecimento de mundo, sendo detentores de informações sobre nossa sociedade e dos movimentos através dos quais nossa cultura foi construída.

Sendo os sujeitos, “peças” fundamentais para a construção da tessitura textual, cabe aqui fazer uma caracterização individual de cada colaborador da pesquisa. Importa destacar que a caracterização de seus trajetos antropológicos é heterogênea, como heterogêneos são os referidos sujeitos e como heterogênea é a caracterização dos diversos personagens da Amazônia. Desse modo, o estudo utiliza-se de uma percepção de sujeito amazônico que não se vincula à sua romantização ou estereotipização, mas assenta-se, significativamente, na pluralidade.

Assim como sujeitos amazônicos, nossos colaboradores são pessoas idosas, como já debatido. Compreendendo que os aspectos que circundam a velhice, tal qual qualquer outro fenômeno da realidade, são significativamente mais exuberantes e

mais complexos do que a abordagem cientificista sobre eles, e demais padrões ou teorias, tem-se luz na aproximação entre as narrativas analisadas e a realidade em que se desenvolve. Logo, as compreensões que valorizam um aspecto específico da velhice, biológico ou comportamentalista, socioeconômico ou cultural, possuem maior probabilidade de se afastar da grandeza das experiências que circundam o processo de envelhecimento.

Suas histórias de vida, desse modo, expõem fatos ocorridos e guardados em suas memórias, mas, sobretudo, expõem experiência no sentido daquilo que se acumula do vivido, a potente experiência produzida por uma sensibilidade latente, que se dá pelo ouvir, pelo tocar, pelo cheirar, pelo sentir. A partir de agora, o leitor encontrará a caracterização biográfica de cada sujeito que colaborou com a pesquisa.

2.3.1 Regina Maia Braga

Regina Maia Braga, nasceu em 10 de junho de 1937, no município de Cruzeiro do Sul. Filha de Anselmo Maia de Carvalho (cearense) e Maria Pereira Maia (paraibana). Casou-se com Alquimar Frota Braga e, deste enlace, nasceram sete filhos que lhe deram sete netos. Estudou na escola Absolon Moreira até a 3ª série primária. Concluiu o primário, o normal regional e o magistério no Instituto Santa Teresinha em Cruzeiro do Sul. Em 1983, conclui o curso superior na área de Pedagogia pela Faculdade Federal do Acre; fez pós-graduação em Planejamento Educacional, pela faculdade Salgado Oliveira, de Niterói-RJ.

Regina Maia sempre foi conhecida no município de Cruzeiro do Sul por ser uma grande profissional. Começou a trabalhar em 1957. Nos seus cinquenta anos de profissão atuou em vários âmbitos da educação: foi professora e diretora de escola do primeiro e segundo grau na educação básica do município, nas Escolas Braz de Aguiar e Flodoardo Cabral; foi inspetora e supervisora de Ensino; atuou como Secretária Municipal de Educação; Militante política e cultural, foi eleita como Vice prefeita de Cruzeiro do Sul; e atuou como Coordenadora Pedagógica até o dia de sua aposentadoria, aos 70 anos, no ano de 2007.

Figura 3 - Dona Regina Maia Braga



Fonte: arquivo pessoal da autora¹⁴

Como Secretária de Educação, assegurou o ensino para muita gente, instituindo muitas escolas em fazendas e seringais. Em seus relatos, ela destaca que, na maioria das vezes, o proprietário desses locais chegava até ela e pedia para que fossem construídas escolas nas suas fazendas ou no seringal para impedir que seus trabalhadores se evadissem para a cidade, pois, como de costume na época, e pela escassez de escolas nesses locais, os trabalhadores eram empurrados para as

¹⁴ Foto cedida por Amauri Maia Braga Filho, neto de Dona Regina Maia Braga e colaborador da pesquisa.

cidades vizinhas mais próximas movidos pela necessidade de oportunizar uma educação para os filhos. Segundo Maia, foi um período de grandes aprendizados, onde pôde conhecer de perto a realidade de muita gente que vivia nas entranhas dos seringais e ramais.

Aprendera a ler, enquanto criança, segundo seus relatos como todas as crianças de sua época na escola onde estudava, Absolon Moreira. Ao lembrar de suas antigas professoras, ela assinala que em seu período de alfabetização achava muito interessante que cada professora levava seu tinteiro dentro de uma lata de manteiga ou do caneco de leite, o qual servia para umedecer as canetas utilizadas pelos alunos para que estes pudessem escrever. Em suas falas, ela ressalta que em meio àquelas tintas e mata borrões, o aprendizado era garantido, comprovado na admirável e correta caligrafia que os educandos iam desenvolvendo.

Dona Regina Maia era uma leitora pertinaz dos mais variados gêneros literários. Isso conferiu-lhe o título de escritora, sendo-a autora de Sentimento Telúrico e Juruana um poema amazônico, obras voltadas para o público infantil. Através de suas obras, a autora visava oferecer momentos atraentes, incentivando as crianças a despertar o interesse pelas belezas regionais e pelos recursos naturais e, também estimulando-as a desenvolverem suas criatividade e consciência para a preservação da natureza.

Dona Regina contribuiu significativamente na área educacional, tanto em nível municipal quanto estadual, deixando um vasto legado de valores tanto sociais, culturais quanto humano e, como exemplo de leitora assídua, deixou o convite para que novas mentes possam desenvolver suas criatividade e sua percepção acerca do mundo que circunda. A professora Regina faleceu, aos 82 anos, no curso da pesquisa, em 7 de novembro de 2019.

2.3.2 Dona Cândida Pereira Lima

Dona Cândida Pereira Lima, professora mestra e pioneira da educação de Cruzeiro do Sul, nasceu no Seringal Triunfo, propriedade de um português, Seu Tavares, na Colocação Oriente. Filha de seringueiro, o senhor Francisco Rodrigues da Silva – que veio do Ceará na época da alta da borracha e da seca de 77 – e da

senhora Maria de Nazaré Pereira da Silva, ambos analfabetos. Segundo Dona Cândida, mesmo analfabetos, os pais ensinaram, com muita rigidez aos filhos bons valores como a seriedade e honestidade.

Figura 4 - Dona Cândida Pereira Lima



Fonte: arquivo do grupo GIL¹⁵

Em sua entrevista, Dona Cândida destaca que sentia saudades do tempo antigo e lamenta a desigualdade presente no mundo atual. A educação e a vontade de aprender sempre foram a razão motivadora de sua vida. Fez o curso primário em quatro anos, depois fez o exame de admissão para chegar ao ginásio. Sua irmã foi o meio pelo qual ela pudesse sair do seringal. Com nove anos ela veio morar com sua irmã Hilda, na Olivença. Ela recorda que sua irmã veio morar com os pais do esposo numa casa de paxiúba e coberta de palha de jaci, como a dos seringueiros.

¹⁵ Foto retirada no *facebook*, do usuário Raimundo Carlos de Lima em 15 de outubro de 2018.

Nessa época foi onde ela começou a estudar na única escola que tinha em Cruzeiro do Sul. O trajeto para a escola era feito com seu irmão José (irmão mais novo). Eles vinham pelo barranco e quando avistavam uma pessoa em uma canoa, pediam passagem para atravessar o Rio Juruá. Desde cedo, dedicou-se aos estudos. Abraçou a educação e a profissão de professora que começou a exercer numa escola municipal.

Logo após chegar em Cruzeiro do Sul, Dona Cândida se dedicou muito aos estudos e à leitura, desde cedo já ajudava os seus professores, como a professora Nadir Brito, na Escola Santos Dumont. Atuou na educação básica do município de Cruzeiro do Sul por um longo período, deixando um grande legado no âmbito educacional. Ela começou a estudar com treze anos e concluiu com dezoito anos, porque na época tinha o quinto ano. Depois abraçou a profissão de professora que começou a exercer numa escola da Prefeitura de Cruzeiro do Sul, localizada na Baixa da Égua (atual bairro da Baixa). Em 1945, ela foi nomeada professora, após um ano e meio já trabalhando na área.

A Cândida leitora era assídua na leitura da Bíblia Sagrada e gostava de narrar a literatura bíblica. Em seus relatos, ela afirma que sabia de todas as histórias bíblicas porque foi professora da Escola Dominical por quarenta e cinco anos e que passaram por suas mãos vários moços que, atualmente são os líderes da igreja da qual fazia parte.

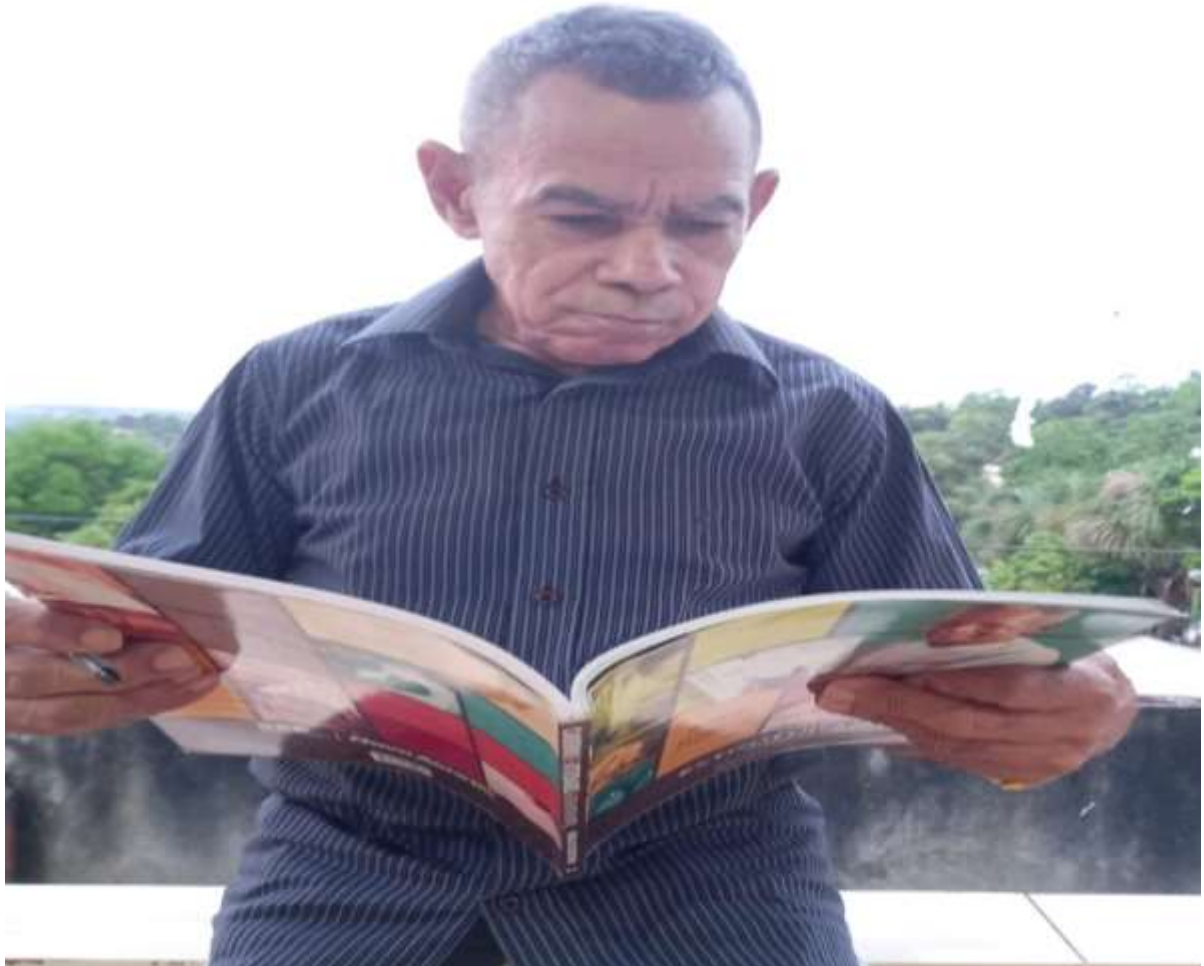
Dona Cândida considerava-se uma profissional bem-sucedida porque amava a profissão que tinha. Seu amor pelas crianças era notório e trabalhar com elas causava-lhe prazer. Ela relata que sua vontade era ter sua casa cheia de crianças. A prova disso é que, mesmo com idade avançada, ela tinha idealizado um projeto de alfabetização, denominado “Aprendendo a Aprender, a ler e escrever”. Infelizmente, não pôde concretizá-lo, mas a sua herança de amor ao próximo e pela leitura, ficaram encrustados em quem teve o prazer de conviver com ela nem que seja por um pequeno período de tempo.

Oriunda de uma família humilde, Dona Cândida sempre preferiu resguardar suas origens. Já com idade bem avançada, ela própria gostava de preparar seu alimento, além de dar comida às galinhas, ficar no quintal cuidando das verduras. O contato com a natureza, a família e as crianças era o que lhe causava maior felicidade.

A professora Cândida faleceu em 17 de dezembro de 2019. Nos seus noventa e oito anos de história, ela deixou um legado de amor, respeito e dedicação ao próximo, com seu maravilhoso exemplo de entrega à educação, uma vocação que abraçou desde cedo, tornando-se uma referência na formação de muitos cruzeirenses. Matriarca de uma família de cidadãos, contribuiu significativamente com o desenvolvimento do município de Cruzeiro do Sul. Dona Cândida deixou o bom exemplo que pelos próprios méritos conquistou o respeito e o reconhecimento da comunidade cruzeirense.

2.3.3 Senhor Manoel Vieira da Silva

Figura 5 - Senhor Manoel Vieira da Silva



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Manoel Vieira da Silva, 72 anos, nasceu em 06 de junho de 1949, Seringal Ocidente, no município de Porto Walter. Filho de uma mulher cearense, Dona Isabel.

Casou-se com Maria Dilma Ferreira e desse enlace nasceram três filhos e criou mais seis, fruto do relacionamento anterior de sua esposa. Desde muito pequenino, já ajudava nos serviços da casa, contribuindo para o sustento da família. Dedicou boa parte de sua vida à extração do látex da seringa, ficando nessa profissão por cerca de 40 anos. Depois com a decadência da borracha voltou-se para a atividade da agricultura. Em 2008 mudou-se para a cidade de Cruzeiro do Sul/Acre.

A vontade de aprender a ler e escrever era, para o Senhor Manoel, mais do que qualquer realização. Ele define como sendo a concretização de um sonho, pois o que ele mais desejava era poder escrever seu nome e não ter que assiná-lo com a digital toda vez que se fazia necessário. Todavia, o processo de alfabetização ocorreu já na terceira idade. Ele começou a estudar com mais de 60 anos quando veio residir na cidade. No início, foi uma experiência muito desafiadora, pois suas dúvidas e incertezas assolavam sua mente, ainda mais quando, eventualmente, ouvia de alguém que ele já era muito velho para estudar. Contudo, o carinho e acolhimento dos professores e a vontade de aprender foi mais forte.

Atualmente, ele ressalta que não está mais na escola devido a situação pandêmica ocasionada pelo vírus da Covid-19. Mas, o tempo que permaneceu na escola já fizera com que aprendesse a ler algumas palavras e fazer sua assinatura. Emocionado, ele relata que se sente muito feliz quando consegue fazer a leitura, mesmo que de poucos vocábulos. Ressalta, ainda que não imagina o mundo sem leitura. Por isso, mesmo com dificuldade, sempre procurou oportunizar condições para que seus filhos pudessem estudar.

O Manoel leitor é aquele que não se deixar vencer pelos desafios que lhe são impostos. Sempre dedicado, não abandona seus livros didáticos e não se deixa levar pelas críticas de que é velho demais para aprender. Aproveita-se sempre das oportunidades e companhia dos netos para ler com eles. Segundo ele, uma de suas maiores conquistas como leitor é situar-se na cidade: ler as placas de trânsito, *outdoors*, etc. E sua maior aquisição que o estudo e a leitura lhe proporcionou, mesmo na terceira idade é poder fazer sua assinatura. Para o referido senhor, assinar o próprio nome é energizar sua dignidade e assegurar seu lugar de cidadão na sociedade.

2.3.4 Senhor Raimundo Corrêia de Moraes

Figura 6 - Senhor Raimundo Corrêia de Moraes e sua esposa Antônia da Silva Moraes (*in memoriam*) vendo suas memórias em um álbum de fotografias.



Fonte: arquivo da autora¹⁶

Raimundo Corrêia de Moraes, 81 anos, nasceu em 18 de junho de 1940 no Rio Juruá Mirim, colocação Açaí no município de Porto Walter/Acre. Casado com Dona Antônia da Silva Moraes com a qual teve, ao todo, oito filhos e adotou mais um. Fruto de pais da migração nordestina que vieram para a Amazônia no início do século XX, o Senhor Raimundo fora criado no interior das colocações, às margens dos rios Juruá e Mirim. Durante sua vivência nessa região, as mudanças eram constantes de uma colocação para outra, devido à extração da seringa. Com o crescimento dos filhos a possibilidade de morar na cidade apareceu como algo inexorável, uma vez que era necessário colocar as crianças na escola.

¹⁶ Foto cedida por Maria Ana da Silva Morais Lima, filha do senhor Raimundo Moraes, a qual contribuiu significativamente com o desenvolvimento dessa pesquisa coletando e cedendo materiais para análise.

Diante da necessidade pela vida escolar e no intuito de promover uma melhor educação para os filhos, o Senhor Raimundo foi impelido junto com sua família para a vida na cidade. Mesmo ambientado fora de suas raízes, suas vivências ainda se entrelaçavam com suas experiências no seringal onde, antes morava.

O primeiro contato do Senhor Raimundo com a leitura foi ainda no seringal onde residia, através da carta do ABC. Depois, ele ressalta que passou a estudar a cartilha, denominada assim porque era um livro maior. E assim, com poucas instruções, Moraes aprendeu os primeiros passos para desenvolver-se na leitura. Já em Cruzeiro do Sul, ele estudou até a 5ª série do Antigo Primário. Nessa fase, ele destaca o nome de duas inesquecíveis professoras que marcaram a história da educação no município: as professoras Rondélia e Gisalda. A facilidade com a leitura, contudo, adveio após a prática incessante da literatura bíblica. Cristão convicto, ele ressalta que sua prática leitora das Sagradas Escrituras lhe propiciou uma facilidade mais aguçada de desenvolver a leitura. Questionado sobre a quantidade de livros que já conseguiu deleitar-se ao longo de suas vivências, ele ressalta que não sabe quantificar com precisão, mas ressalta que já conseguiu ler uma “porção deles”. Moraes destaca, ainda que a leitura lhe propiciou, também manejar melhor a escrita. Mesmo relatando algumas dificuldades em empregar corretamente a gramática, ele consegue escrever de forma bastante compreensível.

Atualmente, o Senhor Raimundo reside no município de Rio Branco, mas não esquece de suas raízes, das vivências de sua vida pretérita no Vale do Juruá. Sempre retorna a Cruzeiro do Sul para visitar alguns de seus filhos que residem no local e relembrar seus momentos vividos na região. Rememorar as vivências de seu passado é uma tarefa prazerosa para Moraes. Essa evidência é ratificada na imagem que antecede essa sua pequena biografia. Ele, junto com sua esposa Antônia Moraes (in memoriam) mostram-se em contentamento revendo suas memórias, em um álbum de fotografias.

SEÇÃO 3 – INQUIETAÇÕES DAS MEMÓRIAS E SABERES PARTILHADOS

Ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo; é constituir uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade; é criar cantos de sombra e de noite numa existência submetida à transparência tecnocrática e àquela luz implacável. (CERTEAU, 2004, p. 245)

No decurso de nossa história de vida, vamos reunindo inúmeras histórias que nos são relatadas, vivemos profundos momentos que preservamos como preciosidades de nosso passado e somos testemunhas de fatos que causam marcas que se prolongam além do tempo. Todo esse arcabouço se configura, em conjunto com outros dados, em substrato para a subjetividade. Moldada pelo passar do tempo, essa coletânea se consubstancia na memória, seja dos indivíduos ou de seus grupos sociais.

Abordar a memória de idosos pode aparentar, preliminarmente, uma ação previsível, tendo em vista que uma das expectativas que se nutre pelos mais velhos é o ato de se narrar histórias de um passado tido como distante, seja da família, da localidade ou de fatos característicos de uma determinada geração.

Parece ser obrigação do idoso constituir-se como reserva de memória da família e da comunidade: “lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1994, p. 63). Os relatos desse estudo trazem à superfície a história e a memória dos personagens que constituem e compõem a colcha de retalhos de suas vidas, suas formas de ver e interpretar o mundo e, notadamente, o modo de agir sobre ele.

Ao enveredar pelos autores que embasam esse estudo, deparo-me com as teorias da complexidade, que se constituem em um novo paradigma, rompem com a fragmentação do cartesianismo, e nos fazem entender o quanto as experiências da vida cotidiana estão interligadas. Morin (2011, p.13) afirma que “complexus: é o que é tecido em conjunto”. Sendo assim, é possível uma compreensão maior de certos fatos que envolvem a prática de leitura, principalmente na terceira idade. Dentre as principais mudanças que ocorreram no século XX, em várias ciências simultaneamente, a biologia, segundo Morin apontava os organismos vivos como totalidades integradas. Isso revela uma das marcas do pensamento sistêmico, evidenciada pelas limitações do modelo reducionista no estudo dos organismos.

Assim, surge o pensamento sistêmico que é contextual e considera o todo de forma mais abrangente. Entre as características do pensamento sistêmico, a mais ampla é a mudança das partes para o todo, as partes só podem ser compreendidas dentro do contexto de um todo maior. O autor destaca que “num holograma físico, o menor ponto da imagem do holograma contém a quase totalidade da informação do objeto representado. Não apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte” (MORIN, 2011, p.74). Com esta acepção sobre o princípio hologramático, Morin reafirma o pensamento sistêmico, sustentando a ideia que as partes só podem ser entendidas de modo contextualizado, dentro de uma totalidade maior. Por isto, a prática de leitura em pessoas idosas deve levar em consideração o sujeito devidamente envolvido em seus diversos contextos e suas experiências de vida, bem como todos os demais fatores que possam lhe influenciar.

As histórias e memórias de velhos são instrumentos muito valiosos, que nos proporcionam a análise das singularidades de cada sujeito. E ao estudar essas narrativas, deparo-me com alguns artefatos que surgem na linguagem. Eles nos mostram que o processo e constituição de cada ser emerge junto de suas experiências, de suas memórias e da cognição que, emergindo junto, produz significados para o viver. Ao estudar as histórias e memórias de idosos, começo a compreender a importância das narrativas no processo de constituição de cada um e como posso usá-las para potencializar a minha prática como educadora. Dessa forma, objetivo usar as narrativas para o desvelamento do sujeito autor, mostrando como eles constroem o conhecimento e a subjetividade – formada através das crenças e valores de cada indivíduo, com suas experiências e histórias de vida – de forma inseparável.

Vale destacar, para um melhor entendimento do título dessa seção, que através das narrativas, ao ouvir, transcrever e tentar entendê-las como linguagem complexa, estou decifrando-me em diversos campos. Decifrando-me com minhas inquietudes de pesquisadora na medida em que alcanço novos conhecimentos a partir dos saberes partilhados pelos colaboradores e escrevo o que penso, e nesse exercício, também aprendo. Estou aprendendo como alguém que se consome e se revela na mesma ação. Assim, desenvolvi esta seção com o intuito de ponderar sobre as memórias de leitura através da análise das histórias de vida dos sujeitos colaboradores e, também esboçar as minhas inquietudes de pesquisadora que emergiram desta experiência.

3.1 O desvelamento das narrativas

A análise das narrativas que exponho nessa parte do trabalho foi feita a partir de duas possibilidades metodológicas. Na primeira parte detalho os aspectos que sobressaíram das histórias de vida dos colaboradores. Na segunda parte direciono a reflexão para os fragmentos das narrativas onde esses colaboradores se referem ao ato de ler ou a qualquer assunto relativo à leitura. Por essa forma de análise pude visualizar melhor os resultados da pesquisa.

3.1.1 Memórias e histórias de vida de Regina Maia Braga

A entrevista aconteceu no dia 10 de maio de 2019, em uma sexta-feira, na residência da Dona Regina Maia Braga e foi realizada pela pesquisadora integrante do GIL, Simeire Paixão¹⁷. O encontro ocorreu numa tardinha e se estendeu até a noite. Dona Regina mostrou-se, durante toda a escuta, muito receptiva, exemplificando suas lembranças com objetos e memórias pessoais, como fotografias, livros, etc. A conversa foi iniciada perguntando à D. Regina sobre sua infância, buscando as reminiscências mais longínquas, definidas pela entrevistada como assuntos da “raiz”. Considerando a perspectiva de Bosi (2003), de que é da ligação com o passado que se retira a força para a construção de identidade, sobretudo quando se discorre sobre memória-experiência, ou sobre a memória vivenciada nos distintos tempos da vida, verifica-se que as lembranças da infância da narradora são apresentadas de forma clara, específica e aprazível, como recordações de um tempo bom, relatando a satisfação e contentamento percebidos àquela altura, como aquilo que possuíam, fato apresentado como de grande valor para a entrevistada:

Minha infância foi boa, foi boa porque a gente se contentava o com aquilo que a gente tinha, que conhecia; outras coisas achava que era o suficiente; era o bom, era alegre e era muito bom. Amanhecia o dia e íamos para escola. Tinha o café e o café geralmente é tapioca, cuscuz, macaxeira, inhame e ovo e era isso que a gente comia antes de ir para escola. (DONA REGINA, 2019).

¹⁷ Simeire Paixão da Costa Melo é pesquisadora de iniciação científica e integrante do Grupo de Investigação Leitura e Vida – GIL

A fala de Dona Regina remete à direção, ao encontro com o outro, um encontro com o conhecimento. Essa prática comum é defendida por Certeau (2011) como uma maneira de caminhar, isso porque considerava que “o caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo” (CERTEAU, 2011, p. 35). O autor deixa evidente que a história está em constante movimento, como o ato de caminhar com passos regulares ou não, no qual o importante é seguir em diferentes direções.

Além do mais, ele considera que “para ler e escrever a cultura ordinária é imperativo reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto” (CERTEAU, 2011, p. 35). Desse modo, as vivências de leitura dos sujeitos dessa pesquisa mostram esse caminhar ora em passos regulares, ora em ziguezague.

Diante disso, as lembranças de Dona Regina Maia que se sobressaem preliminarmente são aquelas relacionadas à rotina da escola, que figura como marcador de tempo social em sua fala, inclusive quando ela relata os detalhes da alimentação oferecida no café da manhã, destacando ser o que comiam antes de ir à escola. É interessante verificar que o tempo da escola enquanto um marcador cronológico das lembranças da entrevistada evidencia a importância que a instituição possuía durante sua vida, o que será destacado em falas seguintes.

Reforçando ser cruzeirense nata, Dona Regina dá maiores minúcias do bairro em que se criou, trazendo detalhes ricos sobre a localização e a composição da tela panorâmica, com açudes, frutas, os moradores e suas atividades cotidianas. Mais uma vez, a entrevistada utiliza-se do tempo escolar como ponto de referência das demais atividades realizadas em sua infância:

Pois é, e aí era gostoso demais, isso era um passatempo que pode-se dizer que não vai chegar da aula, era um final de semana, final de semana até sábado agora domingo é um dia para casa do meu avô, ele morava logo em cima na chapada, para passar o dia mesmo a gente pescava muito peixinho cada cará eu não gostava de cará mas a minha irmã meu Deus! adorava pescar e comer frito. E assim a gente ia com outros amigos e vizinhos e era aquela festança. Minha vó criava muita galinha e fazia aquelas comidas boas para gente almoçar, e era bom demais, a vida naquela época. Dava muita fruta: tangerina, laranja, melancia, tudo de acordo com o tempo, agora só a banana e o mamão que era constante é uma fruta como é que a gente diz, muito amiga e solidária, muito bacana nunca falta né. Mas eles são ali permanentes. E foi muito boa mesmo a minha infância. E a gente estudava; tinha escola perto. Escola Agrícola naquela época, que chamava “sociedade” mesmo onde é o batalhão, ali na guarda do batalhão (DONA REGINA, 2019).

No avançar da entrevista, Dona Regina dá mais detalhes sobre personagens que compuseram a cena das memórias de sua infância, com figuras tradicionais da região, esclarecendo a importância que cada um destes personagens possuía na organização social da época. O “Badeco”, o “Carneiro”, o “Mâncio Lima”, eram personagens caracterizados pela narradora em sua fala, acompanhados de seu papel social.

Em seguida, Dona Regina posiciona a escola novamente como centro de sua narrativa, trazendo informações sobre como era estruturada a relação entre a sociedade agrícola e a escola rural: “Pois é, era muito bom; depois a nossa escola passou a ser uma escola rural com o lugar [sendo] residência da professora, a Dona Francisca Barros de Oliveira, ela morava na mesma escola” (DONA REGINA, 2019). Sem dúvidas, a escola é a protagonista das memórias desta entrevistada.

Ao realizar uma variação de tempo de sua narrativa, Dona Regina volta ao tempo presente e discorre sobre as escolas mais antigas, trazendo destaque em sua fala para a necessidade de preservação destas instituições enquanto patrimônio público e cultural da cidade na qual reside. Ela argumenta com robustez que as escolas devem ser preservadas, ou seja, “deixar como patrimônio, sem mexer em nada.” (DONA REGINA, 2019). Traz, assim, uma crítica incisiva às alterações e modificações que vêm sendo realizadas em escolas antigas de Cruzeiro do Sul, lamentando pela perda de suas características. Nesse momento também tece comentários sobre as mudanças substanciais no ensino e na relação entre professores e alunos, a qual considera estar desgastada pela modernidade e pela perda da autoridade docente.

Destaco a fala da entrevistada sobre a escola Craveiro Costa, que possui uma ligação estreita com sua história de vida, pela atuação profissional de Dona Regina e pela proximidade física da escola com sua casa. A referida escola é uma das mais antigas do município e seu prédio original deu lugar à sede administrativa da Coordenação Estadual de Educação do Acre e, atualmente, é a Unidade de Pronto Atendimento – UPA. A escola possui um novo prédio, em um bairro distinto do original, atuando com Ensino Médio Integral. A esse respeito, Dona Regina posiciona-se e critica a forma que foi realizado o processo de remanejamento da escola e a implantação da UPA. Para ela,

o erro é mexer no patrimônio do município, um patrimônio do município e do povo, e vão ver a mãe o pai o avô os filhos os netos e assim por diante. E aqui quem estudou meu bisavô, olha, essa escola é muito antiga também estudei aqui, mas, ninguém vai contar essas histórias porque ela é uma escola agora para vir embora e tem as características a gente não gosta das coisas, mas a gente é pequenininho, e os mandões que o povo mesmo coloca lá e dar o poder faz tudo como eles querem, ninguém tem mais autoridade, tem autoridade para colocar ele lá, mas, não tem autoridade para resolver as coisas quero nem saber. E assim as coisas vão se modificando. Olha aí o Craveiro Costa, Craveiro Costa é uma escola antiga, primeiro ginásio. E aí também demolido é claro é justo é sei lá, ela vem servindo a área da saúde. Tudo bem, mas haveriam de encontrar terrenos, claro que tem terrenos pra vender, o governo tem dinheiro para comprar não precisava demolir um prédio daquele que é uma história para poder dar uma UPA, teria outro terreno gostei uma UPA, deveria ter feito em um outro lugar não deixava de fazer porque tinha muito espaço (DONA REGINA, 2019).

A fala de Dona Regina, mostra que ela gostaria que houvesse uma certa ordem quanto à preservação do patrimônio cultural da sociedade. Sobre isso, a teoria da complexidade aponta que para que haja ordem é necessário que aconteça primeiro um princípio desordenado para que a ordem seja estabelecida. Isso porque “a desordem e a ordem, sendo inimigas uma da outra, cooperam de certa maneira para organizar o universo” (MORIN, 2015, p. 61).

Avançando na narrativa, Dona Regina aponta como aprendeu a ler: “Eu, menina aprendi a ler como todas as outras crianças da minha época, e da minha vizinhança nessa mesma escola.” (DONA REGINA, 2019). A narradora relembra seus professores, as professoras alfabetizadoras e seu papel social, a distinção que os professores possuíam à época e as atividades desenvolvidas com carinho na aprendizagem da leitura e da escrita. Dona Regina manifesta apreço por tudo que relembra, sobretudo a descrição das atividades propostas: “E assim a gente escrevia o ABC” (DONA REGINA, 2019).

Ressalto que, nas falas sobre a aprendizagem da leitura e escrita, as memórias de Dona Regina são frescas quanto aos métodos utilizados em sua época, mas a entrevistada também manifesta suas considerações sobre as teorias e métodos atuais de desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita, comparando o método fônico, o silábico e mencionando teóricos como Decroli, Montessori e Paulo Freire. Relata também as mudanças trazidas pelos operadores do sistema de ensino na cidade, desde a educação religiosa, marcante na região pelas ordens religiosas das irmãs Dominicanas, as “freiras”, assim como a estrutura das séries de ensino.

[...] Além do primário não era o ginásio normal regional eles tinham uma admissão, o que era quinta até aí tinha o normal regional então a gente formava como professor. Era um ginásio acrescido ou acrescentando matérias de didáticas pedagógicas então a gente formava como normalista aí depois que vem o Magistério ele está percebendo de como se evoluiu, minha época, eram poucas as escolas, mas a gente tinha bons professores não tinha o a tecnologia de hoje e nem um material didático rico, era um material didático pobre (DONA REGINA, 2019)

Dona Regina narra, com orgulho, sua contribuição enquanto trabalhadora da educação, tendo sido docente, inspetora e diretora em sua trajetória profissional, enfatizando o quanto se sente feliz por ter sido educadora e ter feito parte da formação de pessoas que hoje considera como socialmente importantes, reforçando o quanto a educação da época era mais exigente e mais organizada que na atualidade, fato ao qual imputa o sucesso da modalidade de educação vivenciada.

Por que as pessoas daquela época eu conto no dedo, quem hoje em dia não é aposentado funcionário público no dedo eu até outro dia já tava até fazendo assim uma investigação em mim mesma avaliação do meu trabalho profissional, aí eu disse que beleza quanto eu tenho de ex-aluno que são funcionários públicos e de alto escalão: advogados, doutores, Glória a Deus aleluia vale a pena ser professor hoje em dia é o medo hoje que corajoso estudante que diz assim eu vou fazer matérias vai me dar a possibilidade de eu ser uma professora de biologia, matemática, geografia, história e letras Inglês, francês e espanhol e etc., e etc. Coragem hoje em dia meu Deus complicado, complicado. Eu me aposentei agora em 2007, eu comecei a trabalhar em 57, eu trabalhei 50 anos na educação. E aí eu digo assim, no meu tempo os alunos aí meu Deus do céu é saudade dar um bom dia ou boa tarde com licença (DONA REGINA, 2019).

Em recordações de peculiaridades do ensino de sua época, como o recitar do “bê-á-bá” e a tabuada sabatinada¹⁸, Dona Regina vai criando seu arcabouço de considerações: “Pois é. O nosso estudo daquela época com essas técnicas, metodologias, criada pelo próprio professor, mas vale à pena! Era bom.”, de forma que consegue tecer junto o contexto social da época, as divisões sociais e de gênero, com a definição de papéis entre homens e mulheres, destacando o apreço pelos trabalhos manuais e artesanais os quais as mães e esposas, que normalmente ainda não trabalhavam fora, em sua maioria, desempenhavam. A educação para o lar, ou as “prendas”, era uma disciplina ministrada na escola voltada para as mulheres,

¹⁸ Método de recitar a tabuada em que o aluno era questionado sobre os cálculos e ao errar, recebia uma palmada nas mãos com um instrumento chamado “palmatória”.

especificamente. As brincadeiras fora dos idos tecnológicos também são um destaque nesta narrativa.

Prosseguindo, nossa narradora destaca personagens que lhe influenciaram em seu apreço pela leitura e escrita, e assim, ela revela que esse gosto foi muito estimulado justamente por pessoas pouco escolarizadas, mas com muito amor pela literatura:

Menina por incrível que pareça as pessoas de poucas letras, mas de uma sabedoria inquestionável as pessoas que liam aquelas literaturas de cordel, Ritinha, Zezinho e Mariquinha, Pequeno Polegar, tinha João de Deus, Rangel prima essa é a real história do reino da pedra fina do moço Daniel e da princesa. Essas pessoas iam para as casas dos outros despertar essas coisas recitar e a gente ficar com vontade também, na nossa época a gente memorizava muito poema. Professora irmão Glória, Francisca Sena, e muitos professores antigos que eu tive, que todo mês tinha um poema recitado, que “Aquela última flor do Lácio inculca e bela”, tinha aquela de “volta a casa paterna”. “Meus oito anos Ai! que lindo Oh! Que saudades que tenho da aurora da minha infância querida que os anos não trazem mais!” (Ela recitava com um brilho no olhar). Tinham as colegas que queriam competir juntava tudinho pra recitar e os meus oito anos é cantado e recitado (DONA REGINA, 2019).

Dona Regina destaca que a leitura era uma atividade social, a qual as pessoas se reuniam nas casas umas das outras para ouvir contos, poesias e narrativas, juntamente com comidas típicas, uma forma de socialização e interação entre as famílias, amigos e vizinhos. Ela destaca que os pais eram alfabetizados e que a mãe dominava com perfeição as letras, sendo que o pai se dedicava aos esforços de trabalho para o sustento doméstico, na agricultura e criação de animais.

Sobre suas literaturas favoritas, Dona Regina destacou na atualidade a predileção pela leitura da Bíblia, mas revelou seu fascínio por contos infantis, sendo que escreveu dois livros:

Eu tô com dois livros de história infantil, só escrevo infantil. E aí a história da Índia fala no humano. Vamos chamar de lendas as mulheres da Amazônia que eram cavaleiras, chamadas as amazonas. Aí esse livro eu termino com ela. O rapaz tinha essa visão, essa vontade de aventura ele saiu vai, vai, vai, vai e ele chega na tribo das ditas Amazonas. Uma história assim bem fantasia (DONA REGINA, 2019).

Nesse relato, podemos verificar a construção da imagem de si mesma perante o outro, mobilizando valores e memórias na elaboração de sua identidade. Fala, ainda, de suas experiências com assuntos delicados, como drogas e pornografia, havidos no

interior das escolas, quando de sua atuação docente e administrativa na área pedagógica. Dona Regina evidencia em seus relatos a contribuição profissional que exerceu no âmbito educacional. Ao ser questionada com que idade iniciou a docência, ela responde: “Eu acho que eu comecei com 18 anos, mas parei com 70 por causa da compulsória, mas, eu ainda queria ir. Agora com essas leis, o homem disse que pode trabalhar até com 80 anos agora né.” (DONA REGINA, 2019). Além de professora, secretária de educação, ela também destaca: “vice-prefeita, inspetora de ensino, inspetora eu fui três vezes, eu fui muita coisa. Eu só tenho de agradecer a Deus a força que ele me deu.” (DONA REGINA, 2019).

Os familiares de Dona Regina também aparecem em suas narrativas, com destaque aos irmãos e primos e os papéis profissionais por eles ocupados na sociedade, em uma clara menção à importância que a educação possui para a vida humana, entendida pela narradora como alavanca para o desenvolvimento pessoal e social: “Minha irmã era professora e meu irmão era enfermeiro e foi deputado quatro vezes.” (DONA REGINA, 2019). Dona Regina, como já dito acima, também ocupou posição política na cidade de Cruzeiro do Sul, tendo sido vice-prefeita.

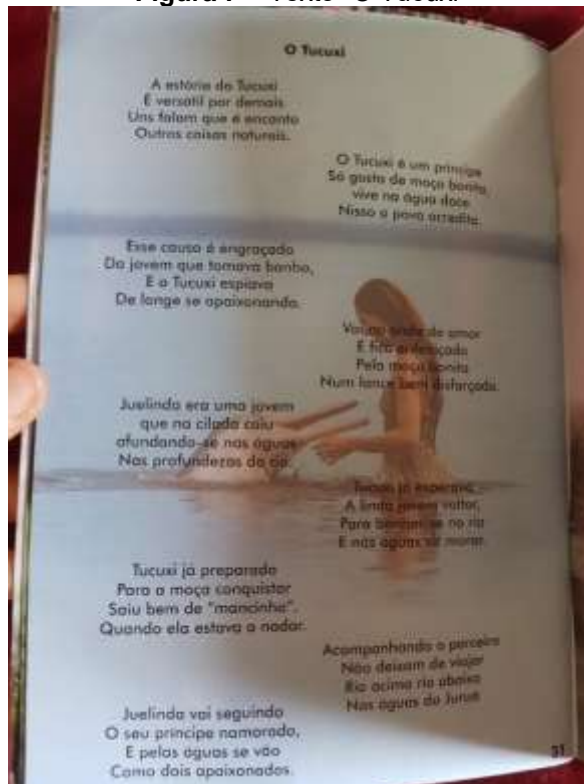
O relato desta narrativa está rico de informações sobre o pioneirismo de Dona Regina nos esforços de promover a expansão da educação e da implantação de novas escolas em Cruzeiro do Sul, em sua zona Rural e urbana. “Desde o meu tempo quando secretaria de educação nós abríamos muitas escolas em fazendas e seringais.” (DONA REGINA, 2019).

A experiência de apreço pela educação da narradora foi estendida aos filhos, sendo que lhes nasceram sete, mas dois vieram a falecer, dos cinco, dois são homens e três mulheres. Teve, ainda, dez netos, tendo falecido três deles. Ao falar dos filhos e netos, Dona Regina destaca o papel que a educação teve na vida deles, lembrando as instituições tradicionais de ensino e figuras marcantes, como a Madre Adelgundes Becker, que hoje é nome de uma escola militar no município. É notório, na fala de Dona Regina, o valor atribuído ao papel do educador na sociedade: “O bom professor ele deixa na pessoa com quem ele trabalhou, conviveu, dividiu, partilhou, ele deixa uma marca.” (DONA REGINA, 2019).

O gosto pela leitura persiste na vida adulta, sendo que ela menciona com carinho o apreço por ganhar livros. Assim como destaca que somente guarda

lembranças boas de sua época como professora, o afeto dos alunos, as demonstrações de respeito e consideração, os singelos presentes, as conversas e tudo que entretencia seu imaginário enquanto narradora de sua própria história de vida. Abaixo, seguem imagens e excertos dos livros publicados por Dona Regina Maia.

Figura 7 – Texto “O Tucuxi”



Fonte: arquivo pessoal da autora¹⁹

Conforme a senhora Regina Maia, se trata de um livro de fantasia, com contos voltados para o imaginário local da região, com personagens como o Boto Cor-de-Rosa, que integram as lendas regionais, muito repetidas por moradores da região, assim como outras histórias locais que são apresentadas por ela em seus escritos.

Meu avô também contou que era assim. “Tinha uma moça que teve um filho, aí um padre foi para lá. Ele fez um culto só com as mulheres e moças. E pediu para que as mulheres ficassem de um lado e as moças do outro. Essa dita moça, ficou no lado das moças ele a pegou pelo braço e colocou no lado das

¹⁹ Fotografia retirada do livro de Dona Regina Maia, que ganhei de presente do seu neto Amauri Maia Braga Filho.

mulheres. E ele pediu para fechar as portas da capela e em uma bacia estava uma cobra. Ele disse: Não tenham medo, porque ela só vai atrás da mãe dela. Ele colocou a cobra no chão, e ela foi atrás da mãe dela. Quando chegou na dita moça, o padre pediu para ele tirar pra fora da roupa um dos seus seios e quando a cobra o mordeu, ela se transformou na criança que a mulher havia jogado no poço (DONA REGINA, 2019).

Segundo Halbwachs (2006), embora a ação de lembrar seja individual, são os grupos sociais pelos quais o sujeito conviveu e convive que estabelecem o que é memorável ou não, já que a memória é uma construção elaborada no presente que escolhe situações do passado desde os quadros sociais da memória. Assim, a memória individual está vinculada a memória dos grupos que indicam aquilo que será rememorável. Logo, o indivíduo não reconstrói o seu passado isoladamente, pois suas memórias estão obrigatoriamente associadas às recordações grupais, e sendo assim, são coletivas.

3.1.2 Memórias e histórias de vida de Dona Cândida Pereira Lima

A entrevista foi realizada, também pela pesquisadora Simeire Paixão, na residência de Dona Cândida, situada em uma chácara, no DERACRE, bairro de zona rural de Cruzeiro do Sul/Acre. A conversa ocorreu no espaço da cozinha e com a interação da neta dela. Por isso em algumas partes, observa-se algumas falas da neta, além da entrevistadora. Após a conversa, foi servido um lanche para todos, de forma muito acolhedora. O foco desta narrativa também possui a escola e a educação como marcadores de tempo e ponto de partida das vivências da narradora. Assim como Dona Regina, Dona Cândida foi figura marcante e pioneira no cenário educacional de Cruzeiro do Sul, tendo elaborado um método de alfabetização, que ganha ênfase na entrevista.

Dona Cândida nasceu no Seringal Triunfo, em 1921, tendo seu pai seringueiro e sua mãe responsável pelos afazeres domésticos e criação dos filhos. A narrativa de Dona Cândida é iniciada posicionando a entrevistadora através do parentesco da narradora com um médico tradicional da cidade de Cruzeiro do Sul e prossegue trazendo mais figuras de relevância como ponto de referência de sua posição na sociedade.

A infância da narradora é descrita através de seu deslocamento do seringal para a cidade, sendo que o contato com a educação formal e a própria alfabetização ocorrem aos treze anos de idade.

Nasci no seringal, seringal Triunfo, no dia 18 de novembro de 1921, meu pai: Francisco Rodrigues da Silva seringueiro, minha mãe: doméstica e, depois, no, nesse seringal, na colocação seringal Triunfo, mas na colocação que eu nasci era Oriente, chamado Oriente, perto da vila Thaumaturgo. E ficamos lá até... ele era seringueiro, e minha mãe doméstica, e voltamos... ficamos lá até...quando eu saí de lá, tinha, eu tinha 9 anos já, [...] só tinha escola pra cá, e eram poucas as escolas, não podia porque, eu cheguei, eu tinha 9 anos, quando comecei a estudar aqui em Cruzeiro foi, eu tinha treze ano já, que fez a transferência, da gente que morava lá, já, mas era distante pra vir. Aí eu estudei aqui na escola Venceslau Bráz aí, onde, hoje chamam bairro, era o bairro do Telégrafo, onde hoje chamam bairro do Alumínio, por perto da Cobal, por ali. Eu tinha treze anos e era a carta de ABC, o antigo coisinha, aquela carta de ABC e aí os professores, como é que eu digo? faziam a gente estudar desde o AA, B, tudo. Conhecia aquelas letras todinhas, desde de A até Z, que é a última, né (DONA CÂNDIDA, 2019).

Os relatos de Dona Cândida são bastante expressivos no que se refere à sua experiência como professora alfabetizadora e quanto ao método por ela desenvolvido para alfabetizar. A entrevista foi bastante extensa, tendo a narradora falado sobre diversos assuntos, sem, necessariamente, conduzi-la a um direcionamento do que podia falar, tendo sido estratégia do próprio estudo que os entrevistados pudessem discorrer com liberdade sobre o que lhes era relevante, a fim de identificarmos o que surgia no trabalho da memória. (BOSI, 1994)

Ela também demonstra carinho e muito orgulho em ter sido professora alfabetizadora de pessoas com proeminência social na cidade de Cruzeiro do Sul. A fala revela seu amor pela educação e o valor que esta possui para o desenvolvimento e crescimento do ser humano. A educação, para Dona Cândida, é entendida como uma missão.

Ele foi meu aluno, o Dr. Zé Alberto foi meu aluno, esse que é meu ex-genro, o Zé, o Corrêa foi meu aluno. Vichi... tem tanto. Essa gente grande lá do do, de Rio Branco quase tudo foi, quase tudo não um bocado [...] O Arquilau foi meu aluno, o irmão dele que mora lá, pra lá pra onde mora a, a Bia, a Andréia, como é aquele lugar que a Beatriz vai sempre pra lá, pro Joaquim? [...] o aluno reflete na escola onde, o meio onde ele estiver reflete tudo aquilo aonde ele vive, o que ele vive, como, tudo reflete. Quem tem uma formação de casa, uma... Conceituada e tudo reflete aquilo que a interferência. Quem são aqueles que só fazem o que não presta, na escola é aquele que lhe dar o maior trabalho e tudo, você tem que conhecer que é pra diferenciar (DONA CÂNDIDA, 2019).

Os relatos são repletos de personagens da cidade de Cruzeiro do Sul, muitos familiares próximos, outros amigos, parentes colaterais como genros e cunhados, sempre conectados pela educação. A vida familiar, enquanto pano de fundo do cotidiano, desperta, através da recordação, ideias de felicidade e vida satisfatória. As relações familiares estão fortemente assinaladas nas trajetórias dessa narradora e é através delas que são organizadas as representações do passado, sempre em associação com o presente.

Juntamente com as narrativas das etapas do seu método de alfabetização (similar ao método silábico), Dona Cândida traz diversas considerações sobre assuntos que estão em voga na atualidade, mas há muito tempo ainda eram tabus na educação, tais como a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, distúrbios de aprendizagem, educação construtivista, entre outros, assim como deixava evidente que a educação formal, a escolarização, ainda era algo pouco acessível às mulheres, que se dedicavam mais à família, ao casamento e aos filhos, sendo que muitos pais tradicionais evitavam mandar suas filhas à escola.

A narradora pontua a existência de poucas escolas na cidade, o que dificultava ainda mais o acesso: “Não, mas eu digo é naquele tempo era pouca escola que tinha.” (DONA CÂNDIDA, 2019). Diante disso, ela procura deixar bastante patenteado o quanto valorizava a oportunidade de ir à escola, tendo aprendido a ler no primeiro ano de escolarização: “Quando eu comecei a estudar com treze ano, não perdi nenhum ano, nunca. Estudei o primeiro ano, passei por cima dele aí vim pro Barão do Rio Branco” (DONA CÂNDIDA, 2019).

Novos personagens de destaque são trazidos pela memória da narradora, como procuradores, advogados, vereadores, professores e outras profissões, assim como é interessante perceber que a fala de Dona Cândida também é marcada pela utilização do nome das famílias como ponto de referência narrativo: “A mãe dele era, era a Maria Eliza que era dos Vieira, não sei e você conhece a família dos Vieira, não?” (DONA CÂNDIDA, 2019).

O avançar das memórias de Dona Cândida trazem relatos dos conteúdos abordados nas disciplinas escolares, como geografia e história, a ênfase no conhecimento dito “decorativo” da época, com os nomes de localidades, suas capitais,

os países e suas características, pontos-chave da educação tradicional de outrora. Um dos orgulhos da narradora foi iniciar os estudos aos 13 anos e jamais ter sido reprovada durante sua escolarização, evidenciando sua dedicação e esforço nos estudos. Questionada sobre quando aprendera a ler e se tinha facilidade na leitura, ela responde:

No primeiro ano de aula. No primeiro ano. Quando eu tinha 13 anos porque se não fizesse tudo no tempo que entrava na escola que quando eu tava começando (palavra inaudível), mas eu não achei nada difícil pra mim aprender, não sei se é porque eu tinha o desejo de estudar e eu tinha loucura por criança, assim de ensinar. (DONA CÂNDIDA, 2019)

Filha entre 15 irmãos, Dona Cândida integra uma família bastante numerosa e tradicional de Cruzeiro do Sul e, apesar de sua idade avançada, ela consegue detalhar os personagens de sua família e a relação destes pelo casamento com outras famílias da cidade. Findou os estudos aos 18 anos, momento no qual passou a ser professora na cidade.

Eu lecionei onze anos, quando eu comecei, onze anos consecutivos na segunda série, pegava o, como é que chama? A apostila? Já sabia tudo decorado, aquilo pra mim não era nada, o assunto [...]. Dava aula de todas as disciplinas. [...] As classes era assim: cada professora dava todas as disciplinas, terceiro ano; depois inventaram um tal de primeiro ano atrasado, primeiro ano adiantado que... as criança já vinha do jardim. (DONA CÂNDIDA, 2019)

Dona Cândida conta com muita satisfação o fato de ter sido professora de outros professores de muito destaque em sua ação docente no município de Cruzeiro do Sul e rememora as falas de alguns dos alunos ao encontrá-la após, formados: “Bem notados, bem formados... Aí ela disse ‘Eu sou Enedina’. Meu Deus! Ela me abraçou e tudo e eu beijei e ela dizia: ‘seu Osmar²⁰ eu, eu toda vida estudei me espelhando na sua mãe’. (DONA CÂNDIDA, 2019).

Assim como Dona Regina, Dona Cândida também organizou a publicação de um livro, uma cartilha de alfabetização baseada no método silábico, chamada “A Carta de ABC”. A trajetória da narradora na educação alcançou as esferas municipal, territorial (estadual) e federal. Contudo, relata que nunca teve oportunidade de

²⁰ Osmar é filho de Dona Cândida. Comparece na narração, pois no momento deste encontro, acompanhava a mãe.

alfabetizar os próprios filhos, pois os que estudavam na escola que ela lecionava, eram destinadas às salas de outras professoras.

Entre letras, sílabas e palavras, a narrativa de Dona Cândida vai se construindo dentro da educação formal, perpassando por nuances lúdicas, pelo rigor metodológico e pela valorização da formação pessoal e profissional de si e daqueles que foram seus alunos. A partir de 01h:19m:18s da entrevista, Dona Cândida interage com a neta e a entrevistadora cantando e apresentando algumas músicas infantis que utilizavam em seu exercício diário de alfabetização.

3.1.3 Memórias e histórias de vida do Senhor Manoel Vieira da Silva

A entrevista foi realizada por mim, em dois momentos diferentes. O primeiro ocorreu na minha casa, a critério do Senhor Manoel, em uma tardezinha de sexta-feira, 04 de fevereiro de 2022. Ficamos sentados embaixo de umas árvores no fundo do quintal. Tinha sons de pássaros, no momento; o segundo encontro foi realizado numa tarde de domingo na residência dele, em 12 de junho de 2022. Na ocasião estávamos sentados à mesa, tomando café e conversando. Hora ou outra ocorreu algumas recorrências de sons de pessoas, mas não atrapalhou a audição.

Bosi (1994) concebe no idoso a função social própria de lembrar, de fazer incursões rumo ao passado e com maturidade escolhe aspectos que entende relevantes no presente. Para a autora, o idoso não sonha quando lembra, mas desenvolve uma função para a qual está maduro, a união do começo e do fim, de tranquilizar as águas movimentadas do presente, ampliando suas margens. A história de vida e a narrativa do primeiro personagem masculino deste estudo, o Senhor Manoel, distingue-se das personagens femininas no que se refere à escolarização. É uma história de lutas e dificuldades, iniciada, desde cedo, com a morte de sua mãe:

É, eu morei no seringal Grajaú. Eu nasci dentro do Ouro Preto, e no tempo que a minha mãe morava lá...eu nasci dentro do Ouro Preto, e aí com bem uns oito anos, ela adoeceu, minha mãe, nesse tempo não existia médico né, só aqui em Cruzeiro mermo, aí ela ficou muito inchada sei que ela, ela faleceu, aí nossa vó foi quem terminou de criar nós (SENHOR MANOEL, 2022).

Os pais se separaram quando senhor Manoel ainda era bem pequeno, sendo que sua mãe se casou com outro homem e teve mais irmãos, tendo um deles falecido por afogamento. Todos foram criados por sua avó, após o falecimento da genitora. Os avós vieram do Ceará, no influxo da Borracha na Amazônia. Era comum a vinda de nordestinos para o Acre a fim de trabalhar nos seringais, de forma que acabavam por constituir família na região: “A minha vó é do Ceará, todos dois tanto ela quanto o meu avô, ela veio, ainda me lembro quando ela passou aqui em Cruzeiro do Sul [...] Vieram todos do Ceará.” (SENHOR MANOEL, 2022).

A narrativa se dá nos seringais Ouro Preto, Grajaú, Esperança e Natal, de modo que os irmãos e irmãs foram se casando e constituindo suas famílias, sendo ele um dos últimos a contrair matrimônio, sempre destacando em suas falas o seu trabalho no corte de seringa: “Aí teve um tempo que o Chico se casou, ainda morei uns anos mais ele, aí fui trabalhar só por minha conta, cortar seringa.” (SEU MANOEL, 2022).

A construção da identidade do idoso, na perspectiva social, é interpretada pelo modo como ele se enxerga e deseja ser interpretado pelos demais. Assim, sua identidade não pode ser interpretada como exclusiva, de forma que a identidade do idoso é coletiva, havendo nela uma construção social mediante a qual a concepção de identidade do idoso direciona-se aos processos interacionais entre sujeitos numa sociedade.

Seu Manoel relata sobre seu casamento como Dona Dilma, seus três filhos e utiliza o evento como pano de fundo para mostrar como eram as organizações comunitárias na época, sendo que as famílias conviviam próximas umas das outras, até mesmo em uma única casa, grande, abrigando diversos núcleos familiares.

Eu morava lá no Grajaúzinho, onde ela morava mais a mãe dela, aí fizemo uma casa lá né, o Chaga já tinha uma casa lá, aí fizemo só desmanchar, fizemo a casa encostada na beira do rio, fizemo a casa encostado da Dona Duvirge, a mãe da Dilma (SENHOR MANOEL, 2022).

Sobre sua experiência com a escolarização, o Senhor Manoel relata que teve uma breve experiência, ainda no seringal Grajaúzinho, já adulto e casado, por pouco menos de um mês, mas ainda lembra o nome da professora “Lisângela”, o que deixa evidente a significância que o papel da docente teve em sua vida. Questionado se teve oportunidade de adentrar nos estudos na infância, ele responde:

Não, na minha infância não, nunca tive. [...] Na minha infância tinha (escola), mas, ficava longe, ninguém ia lá para, dentro do Ouro Preto pra vim estudar. A professora que tinha nesse tempo, era a dona Fátima do Seu Ruben, que dava aula lá no posto Said, aí, qual era a outra que tinha? Parece que no Belo Horizonte tinha outra, no tempo era as conhecida que tinha; [...] E era longe, acho que dava mais de três horas, umas três horas de onde a gente morava, para foz do Belo Horizonte. E não tinha nem barco, nem nada que levasse a gente, não. [...] Muito difícil. (SENHOR MANOEL, 2022)

O narrador segue posicionando sua experiência com a escolarização, prosseguida já na cidade de Cruzeiro do Sul, no ano de 2008, com destaque novamente para a identificação das professoras e o aprendizado obtido com elas. Ele destaca ainda ter participado do Movimento de Alfabetização – MOVA.

Vim para cá em 2008. Aqui, ainda estudei com, foi com três professoras, mas uma era a Lisane, aquela que é a namorada do Sullivan, da irmã Izamilde, mas foi por poucos dias, aí estudei com a professora, não sei nem quantos mês foi, a professora Rosilene, que mora ali detrás do posto de Saúde, estudei com a Michele, com a Michele foi com quem eu aprendi a fazer o meu nome, a filha do Seu Zé Lucas. (SENHOR MANOEL, 2022)

Sobre a experiência no Mova, ele destaca o apreço pelos materiais didáticos, enfatizando que “de vez em quando eu pego neles para lembrar algumas coisa e não esquecer do que já sei.” (SENHOR MANOEL, 2022). Destaca ainda que gosta de estudar e aponta a pandemia como um impeditivo para o prosseguimento dos estudos: “Foi, entrou a pandemia e dificultou.” (SENHOR MANOEL, 2022).

Na narrativa em análise, a principal motivação para a aprendizagem da leitura foi o estudo da Bíblia, fato que o Senhor Manoel ainda não conseguiu realizar, mas já consegue escrever seu nome completo, enfatizando o quanto acha importante saber assinar o próprio nome, com um claro senso de cidadania. Ademais, a alfabetização funcional está claramente em curso, pois o narrador relata que já consegue ler e interpretar placas de sinalização da cidade: “Já leio PA-RE, PA-RA-DA” (SENHOR MANOEL, 2022). Aqui o Senhor Manoel fala as palavras de forma soletrada. Essa fala mostra que o idoso possui uma certa limitação no que diz respeito aos conhecimentos acerca da leitura, mostrando pouca proficiência leitora. Em vista disso, Santos (2007) afirma que:

Na ecologia de saberes, a busca de credibilidade para os conhecimentos não-científicos não implica o descrédito do conhecimento científico. Implica simplesmente a sua utilização contra-hegemônica. Trata-se, por um lado, de explorar a pluralidade interna da ciência, isto é, as práticas científicas

alternativas que têm se tornado visíveis por meio das epistemologias feministas e pós-coloniais (SANTOS, 2007, 87)

Diante da citação acima, concebe-se a certeza que todo o conhecimento deve ter credibilidade, isso porque a ciência possui práticas alternativas e plurais e com a leitura não é diferente.

Nesse contexto, Santos (2010) afirma que, é por meio da contagem e recontagem de histórias que se fundamenta a concepção do sujeito acerca de si próprio e sobre os outros com os quais interatua em sociedade. Assim, a leitura, além de desenvolver nossa imaginação, favorece a formação cultural dos sujeitos, enriquece o léxico e possibilita novos olhares e descobertas, além disso nos possibilita viver a experiência. Benjamin (1996) nos ensina por meio de uma parábola acerca da experiência:

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. (BENJAMIN, 1996, p. 114).

O que podemos entender por meio do texto do autor é que a experiência é necessária, que o tesouro que tanto procuramos está no cuidado (ato de cavar a terra, ou seja cuidar da terra) que temos com nossas experiências. O tesouro é a experiência em si.

O senhor Manoel esclarece seu gosto por ouvir histórias e leituras, deixando evidente o quanto deseja saber ler de forma efetiva, para poder realizar a leitura da Bíblia de forma autônoma. Mesmo tendo sido desestimulado a estudar após adulto, por pessoas de sua convivência, ele afirma que jamais se sentiu intimidado de conquistar o objetivo de ler e escrever, destacando que a professora Michele o auxiliou e incentivou inúmeras vezes a persistir.

Um pouquinho de vez que escutava um ou outro que vinha aqui em casa dizer que não adiantava mais, mas eu não ligava. Mas, preconceito mesmo não. Eu ainda tive foi a... a professora fazia, a última professora que eu estudei, a Michele, dizia que eu era inteligente, inteligente assim, que eu não perdia nenhum dia de aula, né? Que eu tinha vontade de aprender (SENHOR MANOEL, 2022)

Os relatos são de inúmeras dificuldades para estudar, desde o tempo, ocupado pelo trabalho necessário ao sustento da família, como a disponibilidade de escolas, considerando a educação como um valor de extrema importância e enfatizando que preza pela escolarização de seus filhos.

Nas narrativas do Senhor Manoel é possível observar que, outrora, a alfabetização estava associada a um período específico da vida dos indivíduos, enquanto hoje é entendido como um processo de aprendizagem que persiste e se aprimora ao longo do percurso de vida do sujeito. Nesse sentido, a educação regular se entrelaça com a formação continuada, e me parece que também se entrelaça com os vastos saberes dos idosos que se vincula, de forma estrita à participação social, sobretudo se concordamos com a premissa freiriana (1985), na qual ratifica que "o ato de ler não se limita à mera decodificação da palavra escrita, mas é antecipado e ampliado na inteligência do mundo".

3.1.4 Memórias e histórias de vida do Senhor Raimundo Corrêia de Moraes

A entrevista foi efetuada, em dois momentos e dias diferentes, na residência do Senhor Raimundo, no seu "cantinho" reservado para o estudo e leitura da Bíblia e de outros livros bíblicos. É realizada por sua filha Maria Ana²¹ e cedida por ela para ao registro neste trabalho. O Senhor Raimundo descende de pais cearenses, que vieram de navio para a Amazônia a fim de trabalhar na extração da seringa e na produção da borracha. Sua história é similar à de Seu Manoel – imigrantes cearenses que se casaram com mulheres da região amazônica e constituíram suas famílias e trajetórias de vida.

É. A história que eu lembro um pouco da minha vida é que meu pai era cearense, veio do Ceará com os meus pais e três irmãos e, na viagem o pai dele faleceu. Faleceu a bordo do navio que eles iam pra Amazônia e a minha avó achou que devia continuar a viagem pra, pro Acre, né? Eles continuaram a viagem (SENHOR RAIMUNDO, 2022).

²¹ Maria Ana da Silva Morais Lima é professora do Instituto Federal do Acre, mestre em Desenvolvimento Regional e pesquisadora do Grupo de Investigação Leitura e Vida. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Identidades onde pesquisa histórias de leituras de professores indígenas.

A narrativa gira em torno das atividades de criação de animais, corte de seringa, o nascimento dos irmãos e a convivência familiar. Até o relato de seu casamento, o Senhor Raimundo destaca as muitas mudanças de localidade em que conviveu, sempre trabalhando na questão da produção de borracha, em diversos seringais: “Aí já casado, cortei seringa um ano nessa colocação, segundo ano eu me mudei pra uma colocação por nome São João [...] Trabalhei um ano nessa colocação São João.” (SENHOR RAIMUNDO, 2022).

Novos personagens vão surgindo com o desenrolar na narrativa, como o patrão, senhor Ildo Mota. Seguidamente, o pano de fundo da narrativa deste colaborador é permeado por inúmeros deslocamentos para trabalhar em colocações distintas e sua fala é altamente conduzida a partir de sua relação com o mundo do trabalho: “Eu passei um tempo muito difícil porque não tinha profissão, e muito ruim de trabalho, mas mermo assim, com muito sacrifício a gente conseguiu vencer essa etapa.” (SENHOR RAIMUNDO, 2022).

Desse modo, o relato do Senhor Raimundo articula memória individual e coletiva (HALBWACHS, 2006), compreendendo, como outros entrevistados, a memória como decorrente da relação dos indivíduos em seus grupos sociais, analisando uma memória social e não isolada, de forma que as recordações individuais se relacionam com os grupos e instituições às quais o sujeito pertence, como a família, o grupo social, a escola, a religião e o trabalho.

Assim, é notório que quando lembramos é porque os demais, a circunstância presente, nos fazem recordar, uma vez que, recordar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e concepções atuais as experiências passadas. Halbwachs (2006) entende que a mínima modificação ambiental alcança a qualidade da memória e vincula a memória individual à grupal, e, ainda, que a linguagem é a ferramenta socializadora da memória.

Ao chegar na cidade de Cruzeiro do Sul, o Senhor Raimundo destaca seus diversos trabalhos informais, até conseguir trabalhar com empreendedores locais e em empresas de construção, em empresas públicas, como a Petrobrás, tendo atuado ainda como vigilante, pedreiro e carpinteiro, na construção de prédios importantes da localidade, como o Instituto Orfanológico Santa Terezinha.

Na construção do colégio, de carpinteiro, aí de lá foi que eu, já tava pertim de terminar o prédio, aí chegou a Mechede aí eu fui contratado na Mechede aí pronto, não faltou mais, não faltou mais trabalho, não faltou mais nada, Graças a Deus . Aí a gente, eu trabalhei esse tempo, aí resolvi a sair, já com a intenção de vim pra Rio Branco, ainda, quando eu saí da Norsegel, ainda recebi um dinheiro razoável, montei uma oficina, marcenaria, trabalhei uns tempo na marcenaria na frente da minha casa, e...aí resolvi vim pra Rio Branco passar dois anos em Rio Branco na casa do meu filho que, que tava desocupado, ele tava morando em Salvador Bahia, aí eu vim pra passar dois anos em Rio Branco. Quando eu cheguei em Rio Branco fui contratado pra trabalhar de vigilante com os índios (SENHOR RAIMUNDO, 2022).

O narrador enfatiza a sua trajetória profissional até o momento de sua aposentadoria, com os direitos trabalhistas reconhecidos, a partir da assinatura de sua carteira de trabalho, evidenciando sua compreensão de cidadania.

E hoje, pela misericórdia de Deus sou aposentado, já não tenho mais a minha esposa, ela faleceu, mas vou levando a vida, tenho uma família abençoada, meus filhos, Deus usou todos para serem bem-sucedidos, e me ajudam no que podem, e não falta nada, nada, absolutamente nada, Graças a Deus. E hoje tô aqui viúvo, e os meus planos é passar o resto da minha vida com os meus filhos e, viajando pra Cruzeiro do Sul passo uns dias em Cruzeiro do Sul, passo uns tempo em casa, se Deus permitir no fim de setembro irei passar uns dias com meu filho em Porto Velho, até o dia em que Deus também me chamar pra ir pra Glória, é esse o meu relatório de até onde eu me lembro (SENHOR RAIMUNDO, 2022).

A narrativa traz ainda as experiências desafiadoras, como acidentes de trabalho, dificuldades de saúde e o esforço que muitas atividades exigiam, até o cansaço extenuante. Na época, o acesso aos serviços de saúde era limitado. Mesmo diante de todas as dificuldades apresentadas, o relato do senhor Raimundo Moraes é leve, com brincadeiras, sorrisos, cheio de gratidão por tudo que viveu, enfatizando a importância que sua disposição para o trabalho teve na sua vida e de sua família.

É no Juruá Mirim, aí me tiraram numa rede, era três horas de viagem, eu passei isso foi no começo do mês de outubro eu fiquei o mês de outubro todim no fundo de uma rede tomando injeção um dia otu não, injeção de bezetacil, pelo próprio patrão, o Ildo Mota. No final de outubro eu consegui andar, me segurando nas paredes, aí voltei pro cento, lá pro São João, trabalhei o resto do ano (SENHOR RAIMUNDO, 2022).

Prosseguindo, é necessário evidenciar que os relatos deste colaborador são ricos em detalhes. Ao contar as histórias, ele parece estar vivenciando aquele momento, como se estivesse descrevendo o que vê, mesmo que os relatos sejam

frutos de acontecimentos muito antigos. Um dos acontecimentos mais marcantes, contado com riqueza de detalhes, foi um acidente havido com um de seus filhos, nas águas do rio.

Eu vinha remando na frente e minha esposa na popa da canoa com a criança nova no braço e eu coloquei o Estaniel sentado em cima de uma mala e ele cuchilo e virô. Quando eu escutei o grito da minha esposa que eu mim virei só vi os pés dele, ele caiu n'água e fundou (pausa). E eu não tive outra coisa coisa a fazer, soltei o remo e cai n'água e mergulhei em direção da, em direção dele, nesse tempo eu tinha muito forgo, muito forgo mesmo e disse, fui im baixo num topei ele, aí faltou forgo eu subi, quando eu subi olhei pra baixo a minha esposa chorando na popa da canoa. Aí eu na minha vista eu vi um rebojo assim como que tivesse sido ele que tivesse vindo na flor d'água, aí eu mergulhei na direção, aí encontrei ele já em baixo, na lama, aí peguei ele e subi (pausa). Já tinha bebido muita água, aí botei ele na canoa e subi e fiquemo na casa da Dona Chaguinha que era abaixo da nossa casa, isso já umas seis horas da tarde. Lá elas colocaram ele de cabeça pra baixo, ele butou muita água pela boca e não consentiram mais nois sair de lá, nois durmimu lá. Foi um momento muito difícil da minha vida, só pela misericórdia de Deus. Hoje eu acredito que Deus tinha um plano na vida dele, tanto quanto na minha vida e eu consegui resgatar ele das profundeza das água e hoje é um homem de Deus, missionário em Porto Velho, toda a família crente em Cristo Jesus, graças a Deus. As poucas coisas que me lembro na minha vida (risos). (SENHOR RAIMUNDO, 2022)

As experiências do Senhor Raimundo narradas no fragmento acima nos permitem recorrer à memória e atualizar outros sentidos para poder vislumbrar seus lastros que permanecem no tempo. É como uma voz que evoca na nossa mente nos permitindo entender ou enxergar os fatos que são narrados. A esse respeito, Bossi (1994) ressalta que a conversa

evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento de paisagens caras, pela desapareção de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (BOSI, 1994, p. 41).

Isso mostra que através das memórias e narrativas dos velhos, podemos adentrar em um universo repleto de riquezas e diversidades que, até então eram desconhecidas. E a capacidade criadora de cada sujeito permite-o acessar o presente com o vislumbre de um outro tempo, ressignificando, assim seu paradigma atual.

Nesse momento da gravação, Maria Ana, a entrevistadora, leu um fragmento do livro “Morte e Vida Severina” para Seu Raimundo. Ao ouvi-lo, ele fez uma

associação da história de Severino com as dificuldades experimentadas em sua vida, ressaltando a constante espera por uma vida melhor e sua persistência em alcançá-la. Foi a partir desses comentários que ele começou a falar de sua primeira experiência com a leitura. Ainda foi no Seringal, com a Carta do ABC, depois a cartilha. Com esses livros aprendeu os rudimentos da leitura.

Ao chegar em Cruzeiro do Sul, conseguiu a escolarização até a antiga quinta série, tendo como professoras, senhoras conhecidas na educação cruzeirense, como Dona Randélia e Dona Gisalda Mariano. “Hoje, eu tenho é dificuldade para escrever. É porque falta conhecimento do, do colocar os pontos no lugar certo [...]. Mais, pela leitura da Bíblia eu já tenho mais facilidade” (SENHOR RAIMUNDO, 2022).

Pela narrativa, o Senhor Raimundo Moraes expõe suas subjetividades. Sua fala é povoada por narrativas, as quais contam suas vivências e experiências e permitem a comunicação consigo, com seus sentimentos e com o mundo. Desse modo, a subjetividade é claramente identificada em sua narrativa, assim como a riqueza de detalhes daquilo que é narrado, bem como é apresentada uma articulação entre suas vivências pessoais e as vivências coletivas dos personagens de suas falas.

3.2 Memórias imbricadas: o que nos dizem os sujeitos da pesquisa

A preservação da memória através das narrativas contadas por velhos tem se tornado um evento cada vez mais distante da realidade da sociedade atual, seja pela informatização da sociedade ou pela desvalorização da figura da pessoa idosa. Benjamin (1996) problematiza o fato de que o narrador, ou seja, aquele que conta fatos ou histórias, tende a desaparecer em nossa sociedade, desde os anos pós Guerra, em face de um distanciamento entre esses narradores e a sociedade.

Nesse sentido, me aproprio do que, de forma pertinente, fala Bosi (1994, p. 458-45) sobre narrativas de velhos: “O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia.” Quando narram suas experiências, os colaboradores da pesquisa marcam posição no espaço em que vivem. Demonstram consciência cidadã, deixam entrever objetos de suas crenças, de seus gostos, de seus afetos, de suas conquistas. Desse modo, para

a autora, a maneira que o sujeito narra suas memórias revela uma característica pessoal de cada indivíduo. Ainda de acordo com Bosi (1994) a lembrança tem como função conservar o passado do ser humano da maneira mais adequada a ele.

Além disso, o indivíduo só guarda em sua memória o que é importante e agradável, isso porque o que é “confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo” (BOSI, 1994, p. 68). Diante disso, podemos perceber a importância de registrar as memórias de pessoas idosas, visto que são testemunhos acerca de suas vidas e da história.

Nessa perspectiva, os colaboradores constituem-se personagens com ampla contribuição para a formação da memória e da história desta região do Acre. Cada um com sua própria jornada, com a sua própria busca, com suas próprias lutas e com suas próprias conquistas, construindo assim, caminhos, formas de resistência, no vasto imaginário da Região Amazônica. Nas falas dos colaboradores, é possível perceber que não há uma linearidade cronológica dos acontecimentos. Em alguns relatos parece que a memória deles é traída pelo tempo – e retomada, muitas vezes depois por meio de flashbacks – o que não desmerece sobremaneira aquilo que nos é apresentado. A esse respeito, Bosi afirma que

Às vezes há deslizos na localização temporal de um acontecimento... Falhas de cronologia se dão também com acontecimentos extraordinários da infância e da juventude... Linhas adiante, lembra em acréscimo que uns e outros sofrem um processo de desfiguração, pois a memória grupal é feita de memórias individuais (BOSI, 1994, p. 419).

As narrativas agrupam, essencialmente, a história de dois homens e de duas mulheres. Dona Regina e Dona Cândida tiveram a experiência de vivenciar a escolarização em um grau acentuado para o que era disponível em sua época, ou seja, embora para ambas tenha havido um início tardio de escolarização formal, elas puderam vivenciar com integralidade os níveis de escolaridade necessários para quê, posteriormente, pudessem também ser colaboradoras do ofício da educação, como professoras, alfabetizadoras, escritoras, inspetoras de ensino, diretoras de escola, desenvolvedoras de métodos próprios de letramento entre outras tantas contribuições para a educação.

Os quatro colaboradores trazem histórias de tempos antigos, de muita luta e muito trabalho, de construção das bases do município de Cruzeiro do Sul através de histórias de seringa, de pesca, de construção civil, de roçado, de contribuição no âmbito escolar e de muito trabalho árduo, executado por homens e mulheres fortes, na busca pelo sustento e na colaboração do desenvolvimento regional. Tais relatos possuem uma profunda conexão como que argumenta Benjamin (1996) em uma perspectiva de imaginário coletivo de tempo e espaço precisos, em que analisa a memória sob um viés sociológico e marxista da fetichização do trabalho como mercadoria. Para o autor,

A essa estirpe de construtores pertenceu Descartes, que baseou sua filosofia numa única certeza – penso, logo existo – e dela partiu. Também Einstein foi um construtor assim, que subitamente perdeu o interesse por todo o universo da Física, exceto por um único problema – uma pequena discrepância entre as equações de Newton e as observações astronômicas. Os artistas tinham em mente essa mesma preocupação de começar do princípio quando se inspiravam na Matemática e reconstruíram o mundo, como os cubistas, a partir de formas estereométricas, ou quando, como Klee, se inspiravam nos engenheiros. (BENJAMIN, 1996, p. 116).

O texto acima nos fornece informações acerca do desdobramento da história, mostrando um aparente paradoxo em que as consequências não histórias suspendem a esperança apesar de estarem muitas vezes devastadas. Nesse sentido, o autor supracitado mostra que as pessoas tem em mente a preocupação em começar de algum lugar, a partir de alguma perspectiva e isso acontece com os colaboradores dessa pesquisa. Ao narrar suas histórias de vida e memórias de leitura, todos eles buscam em suas reminiscências pretéritas um ponto inicial para tecer os fios de suas experiências vividas.

Desse modo, percebe-se que a trajetória de todos os colaboradores fora marcada por desafios e lutas por melhores condições de vida. Um traço diferencial entre os colabores masculino e feminino é evidenciado no âmbito educacional: Dona Regina e Dona Cândida tiveram oportunidade de adentrar aos estudos e graduar-se na educação formal mais cedo, já o Senhor Raimundo e o Senhor Manoel ingressaram na escola de forma mais tardia. É possível inferir, diante disso que o fato de nossos narradores necessitarem trabalhar arduamente para prover seu sustento e de seus

familiares pode ter sido um fator determinante para a diminuição da possibilidade de maior escolarização.

Ao aprofundar-nos sobre a importância da escolarização para os colaboradores deste estudo, é de destaque o que argumenta Santos (2007) ao compreender a educação como prática formativa de sujeitos históricos, integrantes de um grupo social e membros ativos de um contexto político mais amplo, o que entendemos aqui como uma ecologia de saberes. A ecologia dos saberes refere-se ao reconhecimento da infinita pluralidade dos saberes e da necessidade de valorização deles para realização de ações verdadeiramente emancipatórias.

A ecologia de saberes (SANTOS, 2007) é visualizada neste estudo nas falas de nossos colaboradores e na análise de suas trajetórias de vidas quando verificamos que suas contribuições efetivas para a sociedade, para seu grupo social, para as suas famílias e para si próprios não dependem exclusivamente de saberes escolarizados, mas constituem-se e compõem-se de uma tessitura de distintos saberes e de diversas frentes de conhecimentos.

Ora, é possível enxergar através das narrativas as distintas linhas de atuação dos sujeitos, como por exemplo, as contribuições de Dona Regina Maia no âmbito da organização de escolas no município de Cruzeiro do Sul. No protagonismo de Dona Cândida quanto ao desenvolvimento e a aplicação de um método efetivo de alfabetização e leitura e do valoroso trabalho de Seu Raimundo e Seu Manoel no que se refere ao corte de seringa e à construção civil, atuação a qual eles destacam com orgulho.

Esses saberes vindos das experiências de vida de nossos colaboradores não foram adquiridos pelos meios formais. Foram forjados no enfrentamento de cada um com as necessidades que o real, aos poucos ou, algumas vezes, de sopetão, lhes impunha. Mas foram saberes que os constituíram em suas subjetividades e os levaram a criar as condições necessárias para sobreviver e viver nos diversos espaços da Amazônia, seja no seringal seja na cidade.

É importante ressaltar os relatos dos colaboradores quanto aos personagens que surgem em suas narrativas delineando ainda mais as histórias por eles apresentadas. São filhos, netos, irmãos, pais, cunhados, conhecidos, vizinhos, patrões, colegas de trabalho, alunos, figuras eminentes e outras pessoas que auxiliam

no compor ainda melhor o panorama dos relatos que vão gradativamente sendo resgatados e reconstruídos.

Suscita-nos, diante disso, a reflexão empreendida por Bosi (1994) ao argumentar sobre a utilidade dos velhos, destacando que estes nos ajudam a lembrar, lembrar muito e lembrar bem, valorizando a memória social, ancorada na velhice, uma fase importante da vida que muitos jovens relutam e ignoram. As palavras dos sujeitos de nossa narrativa estão impregnadas de orgulho de suas contribuições, cada qual à sua dada medida, para a sociedade de sua época, reverberando até os dias atuais, através de suas falas e de seus escritos.

Percebemos, com os relatos que a função social desenvolvida no curso de toda a vida toma parte expressiva da memória desses velhos, e isso não acontece eventualmente. A memória, na velhice, é uma construção de pessoas atualmente envelhecidas que já trabalharam. Logo, é uma história de homens e mulheres não mais figurando ativamente na sociedade, mas que já com ela contribuíram. Isso implica que os idosos, embora não sejam mais tão colaborativos contemporaneamente com o seu grupo social, possuem novas funções sociais: rememorar e contar para os jovens a sua história, de onde vieram, o que fizeram e contribuíram. Os velhos são a memória da sociedade.

As memórias de cada um encontram-se imbricadas, mediante suas experiências de vida e histórias de leitura. As entrevistas mostram histórias que se cruzam por meio de suas narrativas. Percebemos que os seringaais, a contação de estórias/causos são elementos que se repetem no percurso dos sujeitos da pesquisa. Desse modo, a leitura se faz presente como fator fundamental na vida dessas pessoas, mostrando uma multiplicidade de experiências vividas e vivenciadas seja por elas, seja por pessoas que fazem ou faziam parte de sua trajetória.

3.3 O encontro e o desencontro das histórias de vida com as histórias de leitura

A partir daqui, faço uma reflexão mais focada nos fragmentos das narrativas em que os colaboradores da pesquisa falam a respeito de suas experiências de leitura.

Coloco meu ouvido à espreita do que eles têm a dizer a esse respeito. Interessa-me, sobretudo, as concepções de leitura que subjazem a essas falas.

Dona Regina Maia narra com saudade as experiências de leitura desde a época em que seus pais investiam na educação dos próprios funcionários até os dias da entrevista. É a história de uma mulher que transita entre a profissão docente, a direção escolar e vai até aos cargos de chefia, como vice-prefeita e secretária de educação. Dona Cândida, a segunda entrevistada, nos desperta a atenção ao responder às perguntas contando como ensinava, como despertava e instigava o gosto pela leitura de seus pequenos. O terceiro entrevistado, Seu Manoel, teve pouco contato com a leitura, entretanto defende sua importância e o orgulho de, mesmo depois de uma certa idade, ter aprendido a escrever seu nome, bem como, o desejo que ainda tem em aprender a ler, especialmente, a Bíblia. Já o quarto entrevistado – Seu Raimundo, nos fala acerca de suas vivências e sua busca por melhores condições de vida e assim menciona seu contato íntimo e profundo com o livro bíblico. Para ele, essa é a principal obra de estudo, aquela que despertou sua curiosidade por meio de imagens e, depois que se tornou evangélico, sentiu o desejo de aprender a ler.

São relatos que refletem a pluralidade dos modos de ser leitor. Em face do exposto, Larrosa (2014, p. 63) afirma que "ler é como traduzir", isso porque a tradução, assim como a leitura, é o entendimento de muitas coisas, é uma forma babélica da linguagem. Conforme explicado acima, o autor defende que a tradução vai além dos limites da própria língua. É sinal de que a leitura também vai muito além da palavra. E há um fato em que Dona Regina remete a essa afirmação. Para ela a leitura é algo amplo, complexo, é muita coisa e o livro é um mudo que fala. Essa visão da entrevistada corrobora com a de Jouve (2002, p. 17) quando menciona que "ler é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções". Vejamos a fala de Dona Regina acerca do que é a leitura:

Ave maria! O que é ler! É tão complexo falar de leitura porque a leitura é ler. Ler é, deixa eu ver, porque é algo tão amplo. Ler é informa-se, ler é crescer, ler é aprender, ler é divertir-se, ler não é só um passa tempo, mas é um preenchimento das suas horas vazias que você se deleita nas palavras de um bom autor que não te embriaga, mas te acalma. Dentro por meio daqueles sonhos que você transmite ou daquelas mensagens que veem suavizar por meio das suas emoções. Ler é muita coisa, leitura é muita coisa que eu tinha que me ter preparado. (DONA REGINA, 2022)

A colaboradora nos fornece um conteúdo riquíssimo do que ela acredita ser a leitura, nos levando a observar a complexidade que sua resposta nos oferece acerca dessa habilidade. Complexidade na visão de Edgar Morin (2015)

é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. (MORIN, 2015, p. 13)

Esses trechos, de Jouve – de Regina Maia – de Morin, se complementam, se unem e se opõem. Logo, a senhora leitora e detentora de uma visão ampla acerca do ato de ler, mostra na prática esse paradoxo mencionado por Morin, uma vez que segundo ela a leitura é deleite, é embriaguez, é sonho e é uma suave emoção. Assim, o autor deixa claro que a complexidade não é algo simples, mas algo que nos faz pensar as diversas possibilidades de leitura sem reduzir a uma atividade de deleite ou de aprendizagem como bem menciona Dona Regina em suas falas.

Além disso, Jouve (2012) fala acerca das várias facetas que a atividade de leitura promove: o neurofisiológico, o cognitivo, o afetivo, o argumentativo, e o simbólico. Esses meios são observáveis nas falas, não só de Dona Regina, mas também dos outros três colaboradores. Por exemplo, quando a entrevistadora lê um trecho do livro “Morte e Vida Severina” e o senhor Raimundo associa a narrativa à suas próprias vivências do passado. Assim, “a leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário” (JOUVE, 2012, p. 220). Ela faz reviver, na simbologia do personagem Severino, a vida dura que Seu Raimundo tivera outrora. Do mesmo modo, o trecho da fala de Dona Regina, citado acima, evidencia a faceta afetiva porque parte das emoções que a leitura causa, bem como a argumentativa pois nos leva a aprender, a conceber o sentido.

O processo neurofisiológico visa a análise do conteúdo lido, algo concreto, observável e recorre às faculdades definidas do ser humano, sendo uma atividade do aparelho visual e das diferentes funções do cérebro. Podemos visualizar esse traço da leitura enquanto atividade complexa, quando o Senhor Raimundo relata seu primeiro contato com o livro e com a leitura “o primeiro livro que eu comecei a ler foi a Bíblia. [...] Eu lia um Novo Testamento da Igreja Católica que tinha aquelas foto do

sofrimento de Jesus Cristo. Mostrava aquelas foto e eu, aquilo já me chamava atenção” (SENHOR RAIMUNDO, 2022).

Já o processo cognitivo percebe e decifra os signos, tenta entender do que se trata, converte as palavras em elementos de significação. “O texto coloca em jogo um saber mínimo que o leitor deve possuir se quiser prosseguir a leitura” (JOUVE, 2012, p. 19). Tal processo se mostra na fala de todos os entrevistados porque todos decifram os signos, uns com mais habilidade e facilidade e outros com mais dificuldade. Ainda que o Seu Manoel não domine a leitura do código verbal, ele consegue compreender parte dos signos que lhe chegam aos olhos. Isso lhe dá condições de processar a leitura, ainda que de modo lento e dificultoso. Apesar disso, fica claro na sua narrativa o efeito causado pela leitura quando se sente afetado por ela, pelo fato de saber ler.

A fala do Seu Raimundo, citada acima, remete, ainda, à concepção de leitura apresentada por Certeau (1994) como invenção da memória. Para o autor, isso é uma insinuação das “[...] astúcias do prazer e de uma reaproximação do texto com o outro: aí vai caçar, ali é transportado, ali se faz plural como os ruídos do corpo.” (CERTEAU, 1994, p. 48). A experiência do Senhor Raimundo em ler a Bíblia, como citado anteriormente, mostra seu encantamento com as imagens, ele é transportado por elas, é levado a buscar mais conhecimento, a ler mais. Esse movimento que nasce de um ato genuíno de leitura reflete sua busca por algo além da palavra.

O Senhor Manoel aparentemente tem mais dificuldade em decifrar os signos linguísticos escritos. Estudou poucos meses no MOVA²², mas, segundo ele, não conseguiu aprender muita coisa. Ele relata que aprendeu apenas a escrever o nome e que de vez em quando pega os livros do Mova para não esquecer o que aprendeu. Apesar disso, ele confessa a entrevistadora seu desejo em aprender a ler: “Eu queria fazer, só mermo pra mim aprender, ler algum, ler uma palavra né, meno ler a palavra da Bíblia, mas isso eu ainda não aprendi, a ler a Bíblia” (SENHOR MANOEL, 2022)

O fragmento acima mostra a principal motivação do idoso ao buscar a escola: aprender a ler. Apesar de todas as limitações que o indivíduo da 3ª idade possui e o senso comum que o velho não tem mais idade para estudar, ele revela que queria ao

²² MOVA- Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, projeto idealizado por Paulo Freire que visava a inclusão social e garantia dos direitos humanos à educação, diminuindo os índices de analfabetismo no Brasil (<https://www.educabrasil.com.br/mova>)

menos aprender a ler um pouquinho. Para ele ler a Bíblia é o suficiente. Essa narrativa evidencia o quão a leitura como atividade de decifração do código linguístico é importante na vida das pessoas.

Embora considere que não sabe ler, o senhor diz que estuda. “De vez em quando eu pego neles para relembrar algumas coisa e não esquecer do que já sei” (SENHOR MANOEL, 2022). O ato de voltar ao material estudado faz com que o sujeito faça releituras daquilo que analisa, que lê. Desse modo, Jouve (2002) afirma que a releitura é indispensável para apreciar e para entender uma passagem textual. Observa-se, nesse sentido que o idoso aplica esse conceito ao revisitar seus livros e não perder o contato com a leitura que já desenvolveu, demonstrando gostar de exercitar o que já aprendeu: “Gosto. Sempre eu leio, as palavras que eu sei, sempre eu gosto de ler.” (SENHOR MANOEL, 2022).

Ademais, Dona Regina em uma de suas falas menciona que o livro é um “mudo que fala”. Uma metáfora interessante na descrição desse objeto. Nela está implícito uma ação humana dada ao livro. Ele fala e faz falar. Esse conhecimento que a entrevistada nos passa vem ao encontro das discussões de Certeau (1994) sobre a atividade leitora. Para ele, o leitor insinua as astúcias do prazer, e “faz das palavras a solução de histórias mudas” (CERTEAU, 1994, p.49). Diante da conjuntura levantada por Eclea Bosi e pelos estudiosos da velhice de modo geral, de abandono dos velhos e de suas experiências, renegando-os à mudez por falta de ouvidos atentos, o livro, a leitura, como fala Dona Regina, ganha ares de companheiro, de amigo, ainda que mudo, fala, preenche a necessidade de novas experiências.

As práticas de leitura dos entrevistados trazem muitas reflexões que merecem ser analisadas e compartilhadas, pois são experiências transmitidas por indivíduos que possuem autoridade adquirida com sua velhice, e essa experiência sempre foi passada aos mais jovens, apesar que atualmente é dada pouca atenção a esse fato, o que resulta, segundo Benjamin (1993), na pobreza de experiências.

Aqui se revela, com toda clareza, que nossa pobreza de experiências é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu novamente um rosto, nítido e preciso como o do mendigo medieval. Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorratamente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é

preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. (BENJAMIN, 1993, S/P).

O fragmento acima revela que a falta de experiências da humanidade tem nos deixado como o mendigo medieval e os valores passados pelos mais velhos são subtraídos dando lugar a uma bagunça de estilos e concepções de mundo diferentes, onde os valores culturais conduzem à pobreza e à barbárie. Esse caso, pode ser observado quando Dona Regina relata receber convite dos jovens para resgatar a cultura:

Como pode ser resgate da cultura inventando as coisas. Resgate da cultura é ir buscar as origens das coisas. Vão buscar os idosos e façam um seminário com eles. Uma reunião com vários dias para que todos tenham a oportunidade de contar as suas histórias. Gente, o costume do povo é cultura (DONA REGINA, 2019).

O exemplo acima mostra que o saber da experiência que os mais velhos trazem, de fato, são deixados em segundo plano. Assim, se perdemos a história, a experiência que eles têm a compartilhar estamos conseqüentemente perdendo nossa cultura e sem isso não saberemos a origem das coisas, mas uma invenção das coisas.

Diante disso, Larrosa (2014) propõe possibilidades para que pensemos acerca da educação. Ao sugerir que é necessário pensar a partir da experiência, do sentido, ele sugere significados para essas palavras (experiência/sentido), para que o leitor produza sentidos com base no contexto em que são inseridas.

Portanto, as vivências e as experiências de mundo que os sujeitos dessa pesquisa compartilharam por meio das entrevistas mostram de fato uma bagagem muito grande que merece ser reconhecida e valorizada pela sociedade. São ensinamentos que, se aplicados atualmente, podem fazer diferença significativa na sociedade. Assim Freire (2011) defende que se deve ensinar a ler o mundo para que haja transformação. E como o indivíduo fará isso sem os ensinamentos dos mais velhos, sem a preservação da cultura e do patrimônio cultural, como é criticado no excerto abaixo.

O erro é mexer no patrimônio do município. Um patrimônio do município e do povo. E vão ver a mãe, o pai, o avô, os filhos, os netos e assim por diante. E

aqui quem estudou foi meu bisavô. Olha, essa escola é muito antiga. Também estudei aqui, mas, ninguém vai contar essas histórias porque ela não é mais uma escola agora. [...] E os mandões que o povo mesmo coloca lá e dar o poder faz tudo como eles querem. Ninguém tem mais autoridade; tem autoridade para colocar ele lá, mas, não tem autoridade para resolver as coisas, querem nem saber. E assim as coisas vão se modificando. Olha aí o Craveiro Costa. Craveiro Costa é uma escola antiga, primeiro ginásio. E aí também foi demolido. É claro, é justo? É, sei lá. Ela vem servindo a área da saúde. Tudo bem! Mas haveriam de encontrar terrenos; claro que tem terrenos pra vender, o governo tem dinheiro para comprar não precisava demolir um prédio daquele que é uma história para poder dar uma UPA, teria outro terreno. Gostei da UPA, mas deveria ter feito em um outro lugar, não deixava de fazer porque tinha muito espaço. (DONA REGINA, 2019)

Perante o exposto, nota-se que as marcas da história estão sendo destruídas e conseqüentemente a cultura, o ensino, a leitura. A história é demolida como os prédios/escolas que Dona Regina cita acima. Essas modificações narradas por ela revelam a fragilidade de experiências de nossa sociedade. (BENJAMIN, 1987).

Desse modo, as memórias e vivências dos colaboradores entrevistados contribuem para a construção da história de um povo, apesar de Ecléa Bosi, considerar o ser humano competitivo, uma vez que:

Nos melhores aprendizes a gratidão acompanha o sentimento da própria superioridade em relação ao velho. Mas o comum dos aprendizes, quando a fonte doadora esgotou seus benefícios, volta-lhe as costas e busca outras fontes. Isto é humano, dirão, é a lei da superação da geração mais velha pela mais jovem. Ou será desumano, próprio de uma sociedade competitiva, onde já se perdeu o gosto inefável da individualidade de cada pessoa? (BOSI, 1994, p. 77).

A autora deixa evidente que mesmo os melhores aprendizes possuem um sentimento de inferioridade em comparação aos mais velhos. Talvez pelo fato de vivermos em uma sociedade competitiva esse sentimento seja aflorado. Diante dessa dicotomia ela se questiona se isso é desumano ou se a pessoa perdeu o gosto encantador que cada pessoa possui individualmente.

As memórias dos velhos mostram que eles são levados a condições determinadas por suas experiências. Orlandi (2000) afirma ser “[...] no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz [...]”. É sobre essa memória de que não detemos controle que nossos sentidos se constroem dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando” (ORLANDI, 2000, p. 54). Dito isso, é fundamental que haja compreensão acerca dos sentidos construídos por esses velhos, pois ao falar, os

sujeitos significam em condições determinadas pela experiência e por fatos que evidenciam sentidos. Assim, os colaboradores da pesquisa usam suas memórias para ressignificar suas vivências em um diálogo com os pesquisadores. É nesse corpo a corpo que constroem linguagem, a sua linguagem, o seu jeito de dizer a experiência.

Na esteira de Orlandi, Bosi (1994) aponta que na velhice os sujeitos são de suas recordações apenas uma testemunha “que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão.”(BOSI, 1994, p. 408). Esses apelos podem ser feitos por meio da leitura. Os colaboradores do sexo masculino, por exemplo, relatam o interesse pela leitura dos livros bíblicos. O primeiro contato com a leitura que o Senhor Raimundo tem é por meio de fotos, assim, suas primeiras leituras foram por meio das ilustrações em sua Bíblia. Já o Senhor Manoel demonstra como principal motivação adentrar nos estudos para aprender ler a Bíblia.

Outrossim, os relatos dos velhos trazem reflexões acerca da relação que possuíram e que ainda possuem com a leitura. É graças à memória que suas vivências e experiências são transmitidas e que podem servir de conselho para os mais novos. Desta forma “a função social do velho é lembrar e aconselhar - memini, moneo - unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos.” (BOSI, 1994, p. 18). O velho é fundamental para a construção da história de uma sociedade, pois ele é fonte de conhecimento e cultura, visto que de sua memória transbordam experiências.

Isso se deve ao fato que a memória pode ser a conservação ou a elaboração do passado, mesmo porque “o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar” (BOSI, 1994, p. 68). Dessa maneira, Dona Regina acredita que para a cultura ser resgatada é necessário acessar os conhecimentos que os idosos possuem, pois são deles as origens das coisas.

A respeito da memória dos idosos como origens das coisas, fonte que transborda conhecimento e cultura, Dona Regina, mais uma vez mostra sua inteligência, indicando como se deve trabalhar com a leitura, aliás, como ela trabalhava, mas isso pode e deve ser um conselho a ser posto em prática: “[...] quando eu criei o banco de livros em 1983, eu enchia de cartazes, eram cartazes que eu tinha, era de incentivo.

“Livro é mudo que fala”. Eu colocava muitas frases sugestivas, eu pegava de autores ou criava algumas” (DONA REGINA, 2019).

Os ensinamentos de Dona Regina mostram estratégias que apontam e despertam curiosidades acerca da leitura, captando a atenção do leitor para as obras. Dessa forma, “é mais exato reconhecer nessas ‘estratégias’ um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio” (CERTEAU, 1994, p. 10). Posto isso, é importante considerar que os saberes dos velhos possibilitam reviver experiências exitosas do passado. No entanto, para Bosi (1994) é:

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas.” (BOSI, 1994, p. 76).

O fragmento acima, deixa claro que por mais que as aparências mudem, as correntes do passado podem ser revividas ao passar em uma rua, com certas pessoas e em certos lugares, por exemplo. Em conformidade com a ecologia de saberes (SANTOS, 2007) faz-se necessário, portanto, dar credibilidade aos saberes dos velhos:

Na ecologia de saberes, a busca de credibilidade para os conhecimentos não-científicos não implica o descrédito do conhecimento científico. Implica simplesmente a sua utilização contra-hegemônica. Trata-se, por um lado, de explorar a pluralidade interna da ciência, isto é, as práticas científicas alternativas que têm se tornado visíveis por meio das epistemologias feministas e pós-coloniais, e, por outro lado, de promover a interação e a interdependência entre os saberes científicos e outros saberes, não-científicos. (SANTOS, 2007, p. 87).

A ecologia dos saberes, assim como a teoria da complexidade (MORIN, 2011), não considera apenas uma parte, mas busca dar valor tanto ao conhecimento científico quanto ao não-científico, promovendo a interdependência entre os diversos saberes.

Igualmente, os entrevistados do sexo masculino, apresentam características semelhantes: O gosto pela leitura da Bíblia. Desse modo, observamos que esse é um dos gêneros que os dois senhores apreciam enquanto Dona Regina e Dona Cândida

gostam de outros. A leitura se mostra para esse grupo de entrevistados como várias possibilidades, seja com o intuito de aprender e conhecer os ensinamentos cristãos, seja para deleite ou para compreender a mensagem de livro como “A Cabana” citado por umas das senhoras. O que se infere dessas experiências é que devemos explorar a pluralidade de textos, as diversas perspectivas de leituras para que as diferentes formas de conhecimentos sejam vistas em igualdade, podendo dialogar umas com as outras como em um movimento hologramático.

Além disso, é importante mencionar que o contato com uma das entrevistadas, despertou bastante atenção pelo modo como que respondia à entrevista. Dona Cândida, canta durante a coleta de dados, ao responder acerca das perguntas feitas. Cantava como se estivesse na sala de aula quando era professora e fazia isso para demonstrar sua metodologia com a turma:

(cantando) “No jardim da infância, onde não mora a saudade, crianças vivem alegres cantando, oh quanta felicidade. Brincam de roda, rolam no chão, vão no balanço da doce ilusão, jogam peteca, bola e peão, contam histórias do bicho papão, A, E, I, O, U, vamos todos aprender soletrando B, A, BA na cartinha do ABC.” Isso daqui eu cantava, essa letra não é minha, essa música não é minha, mas eu cantava. Que tinha um jardim de infância, meus filhos tudo estudaram no jardim da infância. A gente fazia uns cartazes com elas e colocava na parede. A sala toda preparada, tinha tudin. Tudo que a gente ia fazer tinha uns cartazes lá, na frente. “Bicho papão hoje está doente, bicho papão não escova os dentes, bicho papão não tem educação, almoça e janta sem lavar as mãos, eu não não, eu não, não, eu não vou ser como o bicho papão, eu não, não, eu não, não, eu não quero ser como o bicho papão.” (DONA CÂNDIDA, 2019)

As falas cantadas da senhora podem revelar que ela recorre a imagens do passado para rememorar sua prática docente. Ela utiliza-se dessas estratégias como forma de despertar a atenção do entrevistador para que ele formule em sua mente imagens de como ela lecionava. Semelhante a isso, o Senhor Manoel, também usa esse recurso de cantar para mostrar a entrevistadora a forma de leitura que praticava em sala de aula. Ao ser questionado sobre a forma de leitura que ele exercitava em sala de aula em parceria com a professora, ele responde:

Lia. Sempre ela (professora) lia. Livro de... livro mesmo de leitura, livro de história. – O senhor lembra de alguma? (voz da entrevistadora) – Lembro só de uma. Aquela que diz: “A casinha da vovó, cercadinha de cipó, o café tá demorando com certeza não tem pó.” Isso aí tudo ela lia, que era pra mim fazer e ler também no caderno. (SENHOR MANOEL, 2022)

Esse fator importante e complexo evidenciado na fala desses dois colaboradores releva muito de suas experiências. Dessa forma, suas memórias parecem colorir seus pensamentos permitindo-os acessar as imagens da memória. A exemplo de Dona Cândida e do Senhor Manoel, o que se pode perceber é que todos os quatro colaboradores conseguem acessar essas imagens com facilidade. As duas senhoras passam ensinamentos de suas vivências pessoais e profissionais proporcionadas por meio do fenômeno da leitura. Enquanto os dois sujeitos do sexo masculino trazem conhecimentos de mundo valiosos e suas experiências com a leitura.

Tecerei agora alguns comentários a respeito dos resultados do estudo. Na primeira questão/problema, levantada no início da pesquisa em relação aos perfis e às práticas de leitura dos quatro colaboradores cheguei à conclusão que as histórias de vida e leitura dos colaboradores tem momentos que cruzam e outros em que se afastam. Como sujeitos singulares que são e foram, com suas idiossincrasias e experiências de vida, essa é uma constatação normal, já que cada um possui/possuíram uma bagagem individual, cultural, social e subjetiva de saberes, informações e experiências.

No que concerne a aproximação dos perfis dos colaboradores destaco a desenvoltura como eles narraram suas memórias. Todos eles mostraram-se confortáveis e à vontade em contar suas histórias: conseguiram relacionar fatos de sua infância, juventude, casamento, de suas raízes, local onde viveram e alguns acontecimentos marcantes por eles vivenciados. Tendo como o habitat o Vale do Juruá, os colaboradores, revelaram suas experiências advindas do trânsito entre o seringal e a cidade, evidenciando, assim muitos traços da vivência nesses dois âmbitos distintos. Destaca-se, também, a motivação de cada um em adentrar no âmbito educacional. Todos buscavam, nos estudos, melhores condições de vida que pudessem suprir suas próprias necessidades e de suas famílias. E ainda, todos, em algum momento desenvolveram – e ainda desenvolvem, no caso de Seu Raimundo e do Seu Manoel – alguma relação com a leitura. Dona Regina, Dona Cândida e o Senhor Raimundo de forma mais profícua e o Senhor Manoel de maneira mais tênue.

Em relação as práticas de leitura, cada colaborador desenvolveu-as de forma peculiar, mesmo aproximando-se em alguns aspectos. Dona Regina, considerada leitora profícua, revela seu gosto pela leitura de um modo geral, sem mencionar preferência de gênero literário. Sua prática leitora pode ter sido um fator propulsor para exercer também o ofício de escritora. Ao ser questionada como foi que aprendera a ler. Ela narra com detalhes sua experiência:

Eu, menina aprendi a ler como todas as outras crianças da minha época, e da minha vizinhança [...]. A gente tinha professora, coordenador [...] tão interessante que era cada um levava seu tinteirinho dentro de uma latinha de manteiga ou do caneco de leite com aquelas canetinhas aqui mela na ponta do tinteiro né para cobrir a letra. Ela (a professora) levava os cadernos da gente para casa para fazer o ABC de lápis. Quando ela trazia no dia de manhã para a gente ficar naquelas mesas, mesa grande, sentar de dois para cobrir aquelas letras todinha e ela olhar se você está cobrindo de maneira correta ou não. Era muito bom, mas, a gente se melava todo de tinta. “Tinha uns mata-borrão.” [...] no nosso tempo o mata-borrão era, era uma espécie de papel poroso, letra está muito grossa que tinha derramado mais tinta ali do que deveria ser a gente ia botar ali para enxugar. E era assim as técnicas. (DONA REGINA, 2019)

De forma cônica e detalhada, Dona Regina narra o método pelo qual conseguiu o primeiro contato com a leitura. Seus “tinteiros e mata borrão” são expressões de sua época, revelando a forma que adentrou no universo da leitura.

Dona Cândida, também leitora assídua, revela seu gosto pela leitura desde cedo. Ela narra com detalhes a forma que adentrou na escola e o seu contato inicial com a leitura.

Eu tinha treze anos e era a carta de ABC, o antigo coisinha, aquela carta de ABC e aí os professores, como é que eu digo? faziam a gente estudar desde o AA, B, tudo. Conhecia aquelas letras todinha, desde de A até Z, que é a última, né. Quando a gente sabia que tinha, era o... eles faziam aqueles, chamavam rascunho, era o, faziam a letra com o lápis, escreviam com o lápis pra gente cobrir. [...] Faziam aquilo no caderno da gente as letras e a gente ia cobrir, aí saía, ia pelo, uns iam pelo risco, eu toda vida fui caprichosa aí, procurava fazer o melhor possível, sempre me saía muito bem. Quando, até, quando chegava na última letra [...]. E quando chegava no último, a professora pra fazer o teste com a gente, fazia um buraco assim na folha de papel. [...] Na folha de papel coloca em cima da letra, se a gente, se você dissesse certo tudo, ia passando, saltiado, assim, virava outo lá noutro canto, se você dissesse o nome da letra tudinho direitinho era porque você conhecia tudo direitinho, né a letra, sabia o nome tudo. E depois passava, vem pra o Bê-á-bá. Aí, daí desse teste aí, se você tudo bem, tudo você vinha pra o Bê-á-bá. Aí você era do mermo jeito Bê-á-bá, Bê-é-bé, Bê-i-bi, Bê-ó-bó, Bê-u-bú e aí ia. Aí C, Cê-á-cá, Cê-ó-có, Cê-u-cu. (DONA CÂNDIDA, 2019)

Expressando método similar ao de Dona Regina, Dona Cândida reforça seu capricho e desvelo ao tratar com as letras, revelando que, desde cedo, já se destacava na escola.

A relação de leitura do Senhor Manoel é marcada por alguns entraves que sucederam desde sua infância, o que resultou no seu contato tardio com os livros e a escola.

Na minha infância tinha escola, mas ficava longe, ninguém ia lá para, dentro do Ouro Preto pra vim estudar. [...] Era longe, acho que dava mais de três horas, umas três horas de onde a gente morava, para foz do Belo Horizonte. E não tinha nem barco, nem nada que levasse a gente, não. [...] Eu já estudei depois que eu cheguei aqui (na cidade) já. Vim para cá em 2008. Aqui, [...] eu aprendi a fazer o meu nome [...]. Eu queria fazer, só mermo pra mim aprender, a ler algum, ler uma palavra né, meno ler a palavra da Bíblia [...]. O meu nome eu já consigo, eu faço, consigo fazer. [...] O que eu ainda leio é o meu nome, e alguma palavrinha que eu leio, essas mais fácil, lá na rua tem aquelas placas né de...de...Já leio PA-RE, PA-RA-DA (aqui o senhor Manoel fala as palavras de forma soletrada). (SENHOR MANOEL, 2022)

O trecho das memórias do Senhor Manoel mostra que, um período significativo de sua vida foi marcado por diversas dificuldades que lhe impediram de ingressar mais cedo nos estudos. Porém, isso não o impediu, mesmo que tardiamente, de buscar seus objetivos: aprender a ler, “ler uma palavra, ler a Bíblia”. Já na velhice, conseguiu aprender a fazer o próprio nome e ler pequenas palavras. Mesmo não sendo leitor proficiente, mostra-se entusiasmado com o fato de já poder ler algumas palavras.

O Seu Raimundo relata seu contato inicial com a leitura, de um modo geral, e expressa a principal motivação para o desenvolvimento de sua prática leitora – A Bíblia, revelando ter facilidade e domínio de leitura dos escritos bíblicos.

o primeiro contato que eu tive com a leitura foi, ainda a carta de ABC. É eu tive, eu tive uma explicação de alguém, foi pouca coisa, né? No Seringal. Depois da carta do ABC eu passei a estudar a cartilha, chamada a cartilha que era um livro maior, maior. E assim, assim aprendi a fazer alguma coisa na leitura [...] Aí depois, depois com muitos anos, depois que eu me converti ao Evangelho, passei a estudar Bíblia e hoje eu tenho facilidade de fazer uma leitura. (SENHOR RAIMUNDO, 2022)

Com motivação semelhante ao do Senhor Manoel – aprender a ler para lê a Bíblia –, Seu Raimundo narra como ocorreu o seu primeiro contato com a leitura, destacando sua facilidade com o estudo e leitura da Bíblia Sagrada.

A partir dos fragmentos das falas de cada colaborador é possível depreender que todos eles, em algum momento de suas vidas tiveram significativas experiências com a prática leitora. Desse modo, trago agora os resultados a respeito das concepções de leitura que brotaram das narrativas de cada um. Para Dona Regina, falar de leitura é algo muito complexo:

É tão complexo falar de leitura porque a leitura é ler. Ler é, deixa eu ver, porque é algo tão amplo. Ler é informa-se, ler é crescer, ler é aprender, ler é diverte-se, ler não é só um passa tempo, mas é um preenchimento das suas horas vazias que você se deleita nas palavras de um bom autor que não te embriaga, mas te acalma. Dentro por meio daqueles sonhos que você transmite ou daquelas mensagens que veem suavizar por meio das suas emoções”. Ler é muita coisa, leitura é muita coisa que eu tinha que me ter preparado. (risos) Ler é muito amplo. (DONA REGINA, 2019)

No trecho acima, ao destacar a complexidade em definir a leitura, Dona Regina ressalta que a leitura permite inúmeras possibilidades: adquirir informações, serve para o sujeito/leitor aprender, se divertir; além de servir como um passatempo, preenche as horas vazias do leitor, causando-lhe deleite e suavizando a mente. A multiplicidade de significados da leitura, para Dona Regina, é tão larga e extensa que ela diz que deveria ter se preparado para falar sobre a temática. Nesse, sentido a leitura é “muita coisa” mesmo, pois permite que o indivíduo re(signifique) sua vida e tudo ao seu entorno e alargue seu leque de experiências.

A concepção de leitura de Dona Cândida, embora não seja mencionada de forma objetiva e clara, é perceptível na forma que ela narrou suas lembranças. Em boa parte do áudio (a partir de 01h:19m:18s até o final, que durou 02 horas, 28 minutos e 55 segundos), Dona Cândida interage com a neta e a entrevistadora cantando e apresentando algumas músicas infantis que utilizava em seu exercício diário de docente. Para ela, as canções serviam-lhe de metodologia para o ensino da leitura. Assim, aprender a ler, ou exercitar a leitura envolve métodos distintos. Isso é perceptível na história contada por ela a respeito de como ensinara o neto a ler:

[...] a menina saía pra trabalhar, aí dizia: - Angelina tu ensina o César, ensina aí o César, a lição os trabalhos aí tu ensina. - Aí o César ficava. Aí a Angelina dizia pro César: -Tu é burro! Tu és burro! Eu na tua idade, eu fazia tudo sozinha! - E não sei o quê. - Tu és burro! – Aí ficou, dizia que o menino era burro [...] . Aí ele ficou com aquilo, aí ele dizia pra professora dele: eu não quero nada não. – aí a professora dele não procurou conhecer psicologicamente, socialmente, e assim por diante, descobrir a criança, o

meio. [...] A turminha dele toda tava lendo e ele não, aí ele se convenceu de que era burro: - eu sou burro mermo meus colegas tudo sabe ler e eu não sei. [...] aí ela (filha) deixou ele lá em casa, aí ele foi, eu fiz uma sondagem com ele. O menino respondeu tudo, não sabia ler não, mas eu fiz a sondagem com ele. Ele respondeu tudo direitin aí, quando ela passou eu disse: taí o teu burro, não tem nada disso. Ele está ficando é complexado, isso faz mal mermo. [...] Sei que com uma semana, ele já tava lendo. (DONA CÂNDIDA, 2019)

A partir do fragmento de Dona Cândida, percebe-se que a prática da leitura requer metodologias distintas que levem em consideração os diversos aspectos do sujeito, seja ele psicológico, social, cultural, etc. Só assim, a leitura vai efetivar-se, de fato e o leitor conseguirá desenvolver-se proficuamente.

O Senhor Manoel, mesmo não dominando o código linguístico escrito, valoriza a leitura de forma significativa, valendo-se dela como uma possibilidade de adquirir conhecimentos e novos significados para a vida, proporcionando experiências singulares, como “viajar” para outros lugares. Questionado sobre a importância da leitura, ele assevera que

é bom a gente saber né, saber alguma coisa, ler uma palavra, alguma coisa, eu tinha mais vontade de aprender pra mim ler, ler a leitura, os versículo da Bíblia [...] Sempre eu leio, as palavras que eu sei, sempre eu gosto de ler. [...] Ler é muito bom. Aprender. [...] A leitura faz a gente ver as coisas, os lugares né, (ir/viajar) pra outro estado, pra outra cidade. (SENHOR MANOEL, 2022)

A fala do Senhor Manoel revela a importância que ele denota para a leitura. Para ele, a leitura permite que o sujeito/leitor se transporte para outros espaços, permitindo-lhe conhecer outros lugares e culturas através das páginas dos livros. Por isso, ler é uma atividade boa, prazerosa que faz o leitor ver as coisas além das palavras já ditas e das informações explícitas.

Para o Senhor Raimundo, a leitura vai além de decifrar os códigos linguísticos. Ao mencionar os livros que já lera – de preferência os bíblicos – ele detalha seu deleite na leitura.

O primeiro livro que eu conheci foi a Bíblia [...], foi o primeiro, o primeiro livro que eu comecei a ler foi a Bíblia, mas antes, antes mesmo [...] eu lia um Novo Testamento da Igreja Católica que tinha aquelas foto do sofrimento de Jesus Cristo. Mostrava aquelas foto e eu, aquilo já me chamava atenção. Inclusive eu ficava até revoltado com aquilo que o livro dizia, com respeito ao sofrimento de Jesus Cristo, eu ficava revoltado, eu achava que era uma injustiça. [...] Eu já li alguns livros já. Mas, o livro que eu me dedico mais é a Bíblia. Eu já li a Bíblia já umas três ou quatro vez. Do Gênesis ao

Apocalipse.[...] Já li outros livros [...] Só que são... todos são livros bíblicos [...] Me sinto bem estudar a Bíblia. **Não só ler, mas meditar** (grifos meus). Estudar e meditar [...]. (SENHOR RAIMUNDO, 2022)

Voltado para a leitura das Sagradas Escrituras e outros escritos bíblicos, o Senhor Raimundo revela afinco na leitura e apropriação do ato de ler. Para ele, não basta só ler, mas sobretudo meditar. O desenvolvimento dessa prática fica claro, principalmente, quando consegue comentar e expor suas emoções e opiniões acerca das fotos do primeiro livro do qual recorda ter lido.

Os discursos aqui apontados revelam experiências de caráter distintos, de pessoas que fazem parte do fundamento cultural da formação da região do Vale do Juruá. Nesse sentido, me aproprio do que, de forma pertinente, fala Bosi (1994, p. 458-459) sobre narrativas de velhos: “O que me chama a atenção é o modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização de pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia.”

No tocante à leitura, todos os colaboradores mostraram entusiasmo e vontade de cada vez mais mergulhar nesse universo de infinitas possibilidades. Apresentam concepções de leitura que se entrecruzam e se complementam. Mediante, a tessitura de cada um pode perceber que eles gostam de narrar suas histórias de vidas com riquezas de detalhes. Cada um apresentou suas experiências e suas nuances de vida de forma singular, corroborando, substancialmente para a tessitura da pesquisa.

Em síntese, o resultado do trabalho traz, a partir das histórias de vida e de leitura dos colaboradores e de suas relações com a memória, os perfis e as práticas de leitura dos quatro colaboradores da pesquisa, bem como a forma que esses sujeitos desenvolveram suas práticas de leitura e as principais concepções de leitura que brotam de suas narrativas. Quanto ao perfil dos leitores – os quatro colaboradores se mostraram leitores regulares do texto impresso, dentre eles a Bíblia se destacou. Mas, para além disso, a leitura de mundo dos quatro sobressai como forma de potencializar a leitura do livro. Já em relação as práticas de leitura, foi constatado que a prática de leitura individual sobressai nas falas dos colaboradores, principalmente a leitura resultante de suas vivências no ambiente escolar, mesmo que, no trânsito do seringal a cidade, o tempo de escola tenha diminuído, especialmente no caso dos colaboradores do sexo masculino. No que diz respeito a concepção de leitura,

evidenciou-se que a leitura aparece nas falas dos colaboradores sempre de forma positiva. Ela é entendida como uma habilidade importante de conhecimento do mundo e de ampliação das possibilidades de aproveitar a vida. Sobressaiu nas colaboradoras do sexo feminino a mediação leitora como modo de contribuir para a formação do outro.

Portanto, ao abordar as narrativas de idosos como um resgate à memória, como uma ode à experiência, o estudo cumpre com seu propósito basilar, fomentando a reflexão em torno das histórias de leitura compiladas e das perspectivas teóricas que auxiliaram na compreensão delas. Destarte, as narrativas coletadas se entrelaçam, se unem ao mesmo tempo em que também se distanciam por meio de suas peculiaridades e agregam conhecimento mutuamente, logo, é fundamental mencionar que a teoria da complexidade (MORIN, 2011), a ecologia de saberes (SANTOS, 2007) a reflexão acerca do sujeito da experiência (BENJAMIN, 1987), o leitor como caçador (CERTEAU, 2014) e o entendimento das concepções de velhos e memória na esteira de Eclea Bosi (2016), além dos demais autores citados ao longo do texto foram minha base substancial para tecer acerca das histórias de vida e de leitura, entendendo-as como um fenômeno transformador da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho selecionou como objeto de estudo as histórias de vida e memórias de leitura de velhos do Vale do Juruá, por entender a importância e significação dos idosos na nossa sociedade e em nossas vidas. Privilegiei o lugar das memórias e das histórias de vida e de leitura com o intuito de desenvolver um itinerário que me permitisse a análise acerca da leitura na velhice em relação às suas memórias e experiências de vida.

Falar de velhice pode parecer, para muitos, uma temática sem muita relevância social, desprovida de beleza e riqueza; pode assustar, porque há sempre uma associação direta com a morte, a exclusão e a improdutividade. Todavia, ao folhear as memórias de velhos, senti-me como um viajante marinho de Benjamin (1987), pois isso me possibilitou adentrar no universo dos sujeitos que conhecem e transmitem as tradições do passado. Viajei nas terras alheias de Certeau (2014), onde pude percorrer longínquos campos e voltar com a bagagem cheia de histórias e experiências para contar. Me detive nas concepções de Bosi (2016) acerca da importância de enxergar os velhos como seres detentores de múltiplos saberes que nos ajudam a ressignificar o presente. Nessa conjectura, Santos (2007) me auxiliou na compreensão que toda forma de saber deve ser validada. A complexidade de Morin (2011) me permitiu acessar cada colaborador levando em consideração seus múltiplos aspectos e saberes.

Esse tipo de pesquisa me permitiu alcançar, mesmo que, sucintamente, a compreensão de alguns fenômenos complexos específicos da prática leitora. Mediante a análise das narrativas, pude compreender que a clareza e a imagem de cada colaborador – que vai se materializando, aos poucos, através de suas memórias e histórias de vida e de leitura – não pode ser apreciada, nem obtida por fatores numéricos em termos de regras matemáticas ou dados estatísticos, mas sim, fazendo uso de descrições de ouvidos atentos, interpretações em profundidade e comparações cômicas. Destarte, o estudo pode contribuir na construção de um conhecimento que leve em conta os diversos saberes de cada colaborador, propiciando o diálogo entre esses saberes.

Pude compreender que cada sujeito se constrói e (re)constrói a cada dia como ser linguístico através de suas experiências e histórias de vida. No acesso a memória de cada colaborador, alarguei minha bagagem de conhecimentos e valores que consegui abstrair em cada história ouvida. Assim, cada colaborador se sobressai neste estudo como autor/leitor/produtor de texto e de múltiplos significados, que ampliam sua comunicação com o mundo por meio da leitura e da narração de suas histórias e experiências de vida.

Nesse sentido, o resultado da pesquisa suscita a contribuição das histórias de leitura dos idosos para uma nova forma de conceber a leitura, que requer leitores incluídos e engajados, comprovando, nesse bojo, o recurso narrativo como meio eficaz para a formação do leitor/produtor de textos, cujas histórias e experiências de vida se entrelaçam simultaneamente com suas histórias de leitura devido ao seu caráter dinâmico e memorialista. A fala de cada colaborador, a diversidade de vozes, a conexão dos sentidos e a interação deles foram marcas contundentes de leituras, cuja histórias de vida tecidas com as memórias, ganharam destaque no curso dos acontecimentos.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. da S. **Novos tempos, vozes antigas**: os narradores velhos na narrativa ficcional brasileira do século XXI ou de como ficou difícil ouvir os velhos ou de como a ficção enfrenta o tabu da velhice. Porto Alegre: UFRS, 2016.

AMORIM, C.A; PESSOA, F.S. (orgs.) **Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa**: políticas, programas e rede de atenção à saúde do idoso. São Luís: UFMA/UNA-SUS, 2014.

ARAÚJO, J. N. **O imaginário amazônico nas narrativas orais do Vale do Juruá**. Manaus: UFAM, 2010.

BAGNO, S. **Memória, pertencimento e identidade em narrativas de moradores do Fallet, Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, W. Obras escolhidas. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 10. reimpr. São Paulo: Brasiliense, v. 1: **Magia e Técnica, Arte e Política**. 1996.

_____. “Experiência e Pobreza”. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo. Brasiliense, 1987

_____. “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo. Brasiliense, 1987.

BOFF, R. R. **Idosos de Veranópolis**: suas leituras do passado em narrativas do presente. Dissertação de Mestrado. Passo Fundo, UPF, 2015.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 19 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Edusp. 1987

_____. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à Saúde. **Atenção à Saúde da Pessoa Idosa e Envelhecimento**. Série Pactos pela Saúde 2006, v. 12 Brasília – DF 2010.

CHAIMOWICZ, F. **Saúde do idoso**. 2. ed. Belo Horizonte: NESCON, UFMG, 2013.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: I – Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **A invenção do cotidiano: I – Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **História e psicanálise: entre ciência e ficção.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário.** Lisboa: Presença, 1989.

DUTRA, V. L. R. Abordagem funcional da gramática na Escola Básica. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín.** Curitiba, 2011.

FARIA, C. êxodo rural. 2007. Disponível em: <http://www.infoescola.com/geografia/exodo-rural>. Acesso em 24 janeiro, 2021.

FERREIRA, N. S. A. **Leitura de Histórias de Leitura.** Campinas: UNICAMP: 1994

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 51. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1989.

_____. Paulo. **Educação e mudança.** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JOUBE, V. **A leitura.** São Paulo: UNIESP, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004

KLEIMAN, **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura.** Campinas, São Paulo, Pontes, 1997.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência.** Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. **Linguagem e educação depois de Babel.** Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Trad. João Wanderley Geraldi. São Paulo, Brasil, 2002.

LIMA, E. C. M. M. **Memórias de leituras de idosos da UATI/UEFS**: ressignificando suas histórias. Dissertação de Mestrado. Feira de Santana: UEFS, 2016.

LIMA, S. J. B. **Discursos que constituem a comunidade Riacho do Meio**: argumentação em 'lembranças de velhos'. Dissertação de Mestrado. Pau dos Ferros: UERN, 2017.

MENDES, M.R.S.S.B.; et al. **A situação social do idoso no Brasil**: uma breve consideração. Acta Paul Enferm.; vol.18, no.4, 2005.

MESQUITA, E. **Mudanças Climáticas e os conhecimentos dos povos da floresta**. Anais da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. ABA - Associação Brasileira de Antropologia: Brasília, 2014.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2015.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2000.

PETIT, M. **A arte de ler, ou como resistir à adversidade**. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PORTELLI, A. **História Oral como gênero**. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. In: Revista Projeto História, nº 22, São Paulo, junho de 2001.

RESENDE, L. R. **O poético em narrativas orais de velhos de Alto Araguaia-MT**. Dissertação de Mestrado. Tangará da Serra: UNEMAT, 2013.

SARABIA, B. **Histórias de vida**. Revista Internacional de Sociologia. N. 29. Estudos, 1985. P. 165-186. Disponível em: [file:///D:/Downloads/Dialnet-HistoriasDeVida-250539%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/Dialnet-HistoriasDeVida-250539%20(1).pdf).

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente** – Contra o desperdício da experiência. 4º. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Novos Estudos**, vol. 79, novembro de 2007.

_____. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, N. **Seringueiros da Amazônia**: sobreviventes da fatura. São Paulo: USP, 2002. Dissertação de Mestrado.

SICHELERO, J. P. **Contação de histórias: sua contribuição para o incentivo à leitura**. Frederico Westphalen: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2017.

SILVA, V. A. **Leitura literária na sala de aula: concepções dos professores das séries iniciais**. Campinas, SP: [s.n.], 2011.

SILVA, M. M. M. **A lembrança como linguagem: inter cruzando sonhos, memórias e histórias na narrativa dos velhos**. Dissertação de mestrado. Tubarão: Unisul, 2017.

SILVA, E. T. **Leitura e realidade brasileira**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2008.

SILVESTRE, J. A. **Diagnóstico sobre o processo de envelhecimento populacional e a situação do idoso**. Ministério da Saúde, 2002.

SIQUEIRA, R. L. et al. **A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 7(4):899-906, 2002.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre, Artmed, 2008.

SOUZA, J. D. **Entre lutas, porongas e letras: a escola vai ao seringal - (re)colocações do Projeto Seringueiro (Xapuri/Acre - 1981/1990)**. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2011.

<https://www.letas.mus.br/gonzaguinha/280648/>. Acesso em 12 de novembro de 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estudos e Análises > Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios no Brasil <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>. Acesso em 02 de setembro de 2022.

ANEXOS

ANEXO 1

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM DONA REGINA MAIA BRAGA

A entrevista aconteceu no dia 10/05/2019, na residência da Dona Regina Maia Braga e realizada pela integrante do GIL Simeire Paixão.

Entrevistadora: -Como foi a sua infância?

Sra. Regina Maia -Tu queres saber lá da raiz?

Entrevistadora: -Lá da raiz até....

Sra. Regina Maia -Minha infância foi boa, foi boa porque a gente se contentava o com aquilo que a gente tinha, que conhecia outras coisas achava que era o suficiente era o bom era alegre e era muito bom.

Sra. Regina Maia Amanhecia o dia e íamos para escola. Tinha o café e o café geralmente é tapioca, cuscuz, macaxeira, inhame e ovo e era isso que a gente comia antes de ir pra escola.

Entrevistadora: -A senhora nasceu aqui mesmo em Cruzeiro do sul?

Sra. Regina Maia -Nasci, lá aonde é pertim do batalhão.

Entrevistadora: Ali próximo ao aeroporto Velho?

Sra. Regina Maia - Também, mas....um pouco não próximo ao aeroporto velho todo.

Entrevistadora: Aquela área do exército?

Sra. Regina Maia - A área do exército do lado direito de quem vai era nosso. Foi vendido pra eles. E a outra parte mais lá na frente também. Mas a parte grande mesmo é a que tem um açude e ontem eu tava conversando aqui, Aí o rapaz falou assim, era o menino do Dete, Dona Regina aquele pessoal fez casa até dentro da lama, só tem um córrego que passa naquela aquela bacia vamos dizer assim, foi meu avô que construiu, meu avô era paraibano, construiu a abraço com homens mas era um açude aquele não era um açude aquilo era um lago, pra ele movimentar o engenho a roda d'água força da água a gente ia muito para lá aquelas bica que era canalizada a água que vinha né pra poder passar nas engrenagem da roda era uma coisa assim de se

admirar que as pessoas daquele tempo. O que se vê pela prática o que eles faziam era perfeito. E a gente gostava também de ir muito pra lá pra tomar banho e tomar garapa com limão e apurú a coisa mais difícil e a gente vê a apurú e agora.

Entrevistadora: O que é isso?

Sra. Regina Maia – Você conhece?

Entrevistadora: Não.

Sra. Regina Maia - É uma frutinha que a sementinha dela é verde escuro bem azedinha gostosa você machuca na peneira e põe na garapa oh coisa boa, cupuaçu gente ia para lá era uma fartura. Era alfenim, era mel, rapadura, batida ah! Eu gostava muito de batida eles botavam coco e cravo e erva doce pense em uma coisa boa.

Entrevistadora: Lá era tipo como se fosse mata fechada era? Aquela parte lá antes?

Sra. Regina Maia - Era, ao redor era, para segurar a água né, ao redor era, eu acho que tinham seis a sete Vertentes, cada um lado que descia assim ali e hoje dá bem de perceber que está tudo limpo.

Pois é, e ai era gostoso demais, isso era um passatempo que pode-se dizer que não vai chegar da aula, era um final de semana, final de semana até sábado agora domingo é um dia para casa do meu avô, ele morava logo em cima na chapada, para passar o dia mesmo a gente pescava muito peixinho cada cará eu não gostava de cará mas a minha irmã meu Deus! adorava pescar e comer frio. E assim a gente ia com outros amigos e vizinhos e era aquela festança minha vó criava muita galinha e fazia aquelas comidas boa para gente almoçar, e era bom demais, a vida na aquela época. Dava muita fruta tangerina, laranja, melancia, tudo de acordo com o tempo, agora só a banana e o mamão que era constante é uma é uma fruta como é que a gente diz, muito amiga e solidária muito bacana nunca falta né. Mas eles são ali permanentes. E foi muito foi muito boa mesmo a minha infância. E a gente estudava tinha escola perto. Escola Agrícola naquela época, que chamava “sociedade” mesmo onde é o batalhão, ali na guarda do batalhão.

Entrevistadora: Ali que era a escola.

Sra. Regina Maia - Era um Casarão enorme de extei alto e ali era União agrícola ou sociedade agrícola. E era aonde os agricultores faziam as reuniões. Em cada reunião tinha um churrasco e uma palestra . Naquele tempo tinha “Carneiro” tinha “Mâncio

Lima” tinha Badeco tinha muita gente que mexia assim com a agricultura e era interessado em desenvolver.

E aí eles faziam tipo uma festa aonde que iam colher homens agricultores como também ia a família.

Entrevistadora: Era muita fartura.

Sra. Regina Maia - Pra nós que era menino né gostava dessas coisas. Pois é, era muito muito bom depois da nossa escola passou a ser uma escola rural com o lugar residência do professor é a Dona Francisca Barros de Oliveira, ela morava na mesma escola.

Entrevistadora: A senhora lembra do nome da Escola?

Sra. Regina Maia – Ai, quando foi construída mesmo o nome da escola ela passou a ser Absolon Moreira, e até hoje é esse nome. Ela foi só transferida depois que foi demolida lá porque o batalhão se instalou e construiu a sede e ela veio mais pra cá mas é antiga que é gostosa muito antiga, muito antiga.

Entrevistadora: É das mais antigas da cidade né?

Sra. Regina Maia – A mais antiga é o Barão. Foi morada, foi residência dos prefeitos daquela época eu acho que 9 e 12. Francisco Regos Barros, morou ali no Barão, é muito antigo e foi por isso que eu fiquei assim quando eu ouvi falar que o governo ia demolir e depois não demolido foi modificado nem isso deveria ter feito, deixa as coisas como estão.

Entrevistadora: Deixar como patrimônio, sem mexer em nada.

Sra. Regina Maia – O erro é mexer no patrimônio do município, um patrimônio do município e do povo, e vão ver a mãe o pai o avô os filhos os netos e assim por diante. E aqui quem estudou meu bisavô, olha, essa escola é muito antigo também estudei aqui, mas, ninguém vai contar essas histórias porque ela é uma escola agora para vir embora e tem as características a gente não gosta das coisas mas a gente é pequenininho, e os mandões que o povo mesmo coloca lá e dar o poder faz tudo como eles querem, ninguém tem mais autoridade, tem autoridade para colocar ele lá, mas, não tem autoridade para resolver as coisas quero nem saber. E assim as coisas vão se modificando. Olha aí o Craveiro Costa, Craveiro Costa é uma escola antiga, primeiro ginásio. E aí também demolido é claro é justo é sei lá, ela vem servindo a área da saúde. Tudo bem, mas haveriam de encontrar terrenos, claro que tem terrenos

pra vender, o governo tem dinheiro para comprar não precisava demolir um prédio daquele que é uma história para poder dar uma UPA, teria outro terreno gostei uma UPA, deveria ter feito em um outro lugar não deixava de fazer porque tinha muito espaço.

Entrevistadora: Tem muito espaço.

Sra. Regina Maia - Agora uma faculdade com visão de futuro, tem que ser distante mesmo, pra ter área uma faculdade em área Restrita, reduzida não tem como se expandir para outros lugares é errado.

Entrevistadora: Antigamente ela era no Ceflora.

R.M- Outros cursos que querem criar já não dar. A não ser que faça prédios de andares ou arranha céus. Façam prendidos de andares e andares (rsrsrs)

Entrevistadora: A senhora tinha quantos irmãos?

Sra. Regina Maia – Só dois, Geraldo Maia que faz 10 anos que faleceu. E a minha irmã Rosa Maia, só somos três, família pequena também não conheci meu pai, ele morreu com 46 anos. Minha mãe ficou viúva com 46 anos completo. Casal viveu uma vida simples viveu a vida dela como ela queria.

Entrevistadora: - Como é que a senhora aprendeu a ler?

Sra. Regina Maia – Eu, menina aprendi a ler como todas as outras crianças da minha época, e da minha vizinhança nessa mesma escola. A sociedade agrícola, a Escola Absolon Moreira.

A gente tinha professora, coordenador, mas antes não tinha falava assim: Quem é o chefe dessa escola? Mas antes disso antes de eu começar a estudar lá, teve outros professores que eu não conheci, mas ouvi falar muito. João Viver, e tem outro não sei o que Ferreira, mas não tô bem recordação antes das que as pessoas fazem. Esse aí eu recordo bem porque ele é casado com a tia minha e depois é que eu me lembro mesmo é Francisca Barros de Oliveira e Itálva de Oliveira Melo filha da professora esta era a professora das crianças que estão se alfabetizando tão interessante que era cada um levar seu tinteirinho dentro de uma latinha de manteiga ou do caneco de leite com aquelas canetinha aqui mela na ponta do tinteiro né para cobrir a letra ela levava os caderno da gente para casa para fazer o ABC de a lápis quando ela trazia no dia de manhã para a gente ficar naquelas mesas, mesa grande, sentar de dois para cobrir aquelas letras todinha e ela olhasse você está cobrindo de maneira correta ou

não. E é que hoje nem sei se tem porque com esse construtivismo aboliram muita coisa não sei nem se tem ainda está forte a coordenação motora que nós tínhamos e nem precisava de a gente fazer caligrafia porque, já era uma caligrafia você fazia cobrindo a letra cobrindo a de um professor escrevia lindamente ela é verdadeira caligrafia, que “Cali é bonito né” e “grafia que é traçado da letra”. Era uma verdadeira caligrafia e sem falar na ortografia que não tinha erro. Era muito bom, mas, a gente se melava todo de tinta. “Tinha uns mata borrão.” E que não tem mais não, e que hoje em dia o que as pessoas usam é o giz, se alguma caneta espoca alguma coisa assim passa o giz, ele absorve né mas no nosso tempo o mata-borrão era era uma espécie de papel poroso letra está muito grossa que tinha derramado mais tinta ali do que deveria ser a gente ia botar ali para enxugar. E era assim as técnicas.

E assim a gente escrevia o ABC, todinho maiúsculo e minúsculo e aprendia as letras todas do alfabeto e elas faziam a folha de papel né, o pedaço de papel ou papelão até um pouquinho mais grosso fazer assim um quadradinho, assim na folha para saber se você não tinha decorado a beabábá, para saber se você identificar mesmo ai botava em cima aquele quadradinho em cima nome devedor do “Ca” colocava ali, Que letra é essa? Ai ficava para lá e para cá e não sabe ou então dizia assim, “Ca”, e assim ia em todas e é justamente para saber se a gente tinha decorado ou se realmente tinha cavaleira. E eles inventam né e até hoje também usam a criatividade da pessoa diz que eu vou fazer por que não tinha muitos meios né. E era assim mas agora a gente aprendia as sílabas as palavras depois é que vinha um texto, hoje, aliás hoje eu não sei, nesse construtivismo é do conheço o método do não conheço porque quando surgiu esse método eu já trabalhava em segundo grau, trabalhava em administração, eu nunca me interessei em investir nesse aprendizado passou não conheço, mas, o método tradicional ele ótimo e vou lhe dizer eu não sei se é decrolir ou se é dil, Maria Montessori também tem quase, então, a gente juntando esses educadores todinhos você ver que os princípios deles vamos dizer muitos assuntos eles se encaixam concorda uns com os outros veja bem, método começo do próximo para o distante do conhecido para o desconhecido veja bem o que eles fazem com o método Paulo Freire, Paulo Freire, o que ele fez? nas construções os operários trabalhando tijolo coisa que ele manuseando e pegando é o concreto é o próximo é o trabalho no dia a dia e o nosso tradicional era assim por isso eu não digo que o

tradicional está fora de uso não, de hoje o dia que o tradicional ainda está de pé tem muitas coisas que eles encaixaram achando que é uma coisa nova vai buscar raiz lá longe um princípio embutido lá dentro eu e minhas colegas aprendiam a gente aprendeu e foi embora pessoal do meu tempo logo não tinha mão de obra qualificada naquela época logo que a gente terminou o primário vieram as freiras em 37, mas começaram a trabalhar em 38, que criaram outros cursos né além do primário não era o ginásio normal regional eles tinham uma admissão, o que era quinta até aí tinha o normal regional então a gente formava com professor. Era um ginásio acrescido ou acrescentando matérias de didáticas pedagógicas então a gente formava como normalista aí depois que vem o Magistério ele está percebendo de como se evoluiu, minha época, eram poucas as escolas, mas a gente tinha bons professores não tinha o a tecnologia de hoje e nem um material didático rico, era um material didático pobre. Geralmente para o professor, nós tínhamos os cadernos chamava olha o caderno de ponto, que hoje você chama o caderno de anotação né, caderno de rascunho e a gente chamava de ponto porque, não tinham livro e o professor lia no livro deles, que eles recebiam deveria ter um órgão aqui que reunia para entregar a quem inspetoria de ensino é coisa muito antiga e hoje em dia mudou para núcleo né, mas, até um tempo desse até quando eu trabalhei como administradora da educação, ainda era inspetora, pois bem, e aí a gente realmente aproveitava bem o professor, porque ele resumia e tirava aquilo que era essencial copiava e nós aqui danadinhos no lápis também copiando porque aquele ponto que ela passava hoje na próxima aula ela “sabatina”, Não era dizer: Fizeram? Aí o menino, está aqui o meu, está aqui o meu, tá aqui o meu coisa nenhuma, sabatinado, sabatinado mesmo não aprenda não.

Por que as pessoas daquela época eu conto no dedo, quem hoje em dia não é não é aposentado funcionário público no dedo eu até outro dia já tava até fazendo assim uma investigação em mim mesmo avaliação do meu trabalho profissional, ai eu disse que beleza quanto eu tenho de ex-aluno que são Funcionários Públicos e de Alto Escalão Advogados, doutores, Glória a Deus aleluia vale a pena ser professor hoje em dia é o medo hoje que corajoso estudante que diz assim eu vou fazer matérias vai me dar a possibilidade de eu ser uma professora de biologia, matemática, geografia, história e letras Inglês, francês e espanhol e etc e etc. Coragem hoje em dia meu Deus complicado, complicado. Eu me aposentei agora em 2007, eu comecei a trabalhar em

57, eu trabalhei 50 anos na educação. E aí eu digo assim, no meu tempo os alunos aí meu Deus do céu é saudade dar um bom dia ou boa tarde com licença.

Tinha uma a pedra olha olha aí que eu vou me lembrar, uma pedra que eu não sei do que era pedras era mais, que não era metal ferro metal e metal uma pedra mesmo que ficava em cima da mesa do professor, quando o aluno queria sair da sala para banheiro, água, coisa assim Professora eu preciso ir lá fora aí pegava pedra e levava e se chegasse outro a professora olhava a pedra e dizia: não chegou ainda fui lá no fora não saiu a outro

Entrevistadora: Era só um?

Sra. Regina Maia - Só depois que a pedra chegava era que outro ia, lembro disso (rsrsrsrs) muito legal.

Entrevistadora: A senhora aprendeu a ser com quantos anos?

Sra. Regina Maia - Sete anos é que ia para escola eu entrei na escola com 7 anos, mas eu acho que aprendi a ler igual ao outro.

Mas eu lembro de um erro enorme olha, que às vezes fica assim imaginado como é importante um acento em uma palavra. O jabuti porque tinha umas cartinhas de ABC que às vezes ela tinha ilustração embaixo essa tinha um jabuti que o jabuti chama-se também “cágado” né são os quelônios né, daí quando foi pra soletrar palavra Ah eu acho soletei direitinho falei, mas eu não usei o acento.

Sra. Regina Maia – Você sabe como foi que ficou a palavra?

Entrevistadora: A senhora não usou o acento.

Sra. Regina Maia – Como ficou a palavra?

Entrevistadora: Jabuti?

Sra. Regina Maia - Não era Jabuti, era a outra Cágado.

Entrevistadora: Ficou cágado?

Sra. Regina Maia - kkkkkkkkkkkkkkkkkkk, muito interessante.

R.M- Vê a diferença que faz o uso de um acento hoje em dia eles têm a história do acento diferencial né. E aí eu digo gente às vezes eu até digo se acento não tiver lá os meninos vão dizer lampada, não vai dizer lâmpada, (risos) totalmente diferente. Aí eu digo meu Deus do céu, é muito importante é assim né com a carta do ABC que tinha letras grandes que eram as maiúsculas, aí a cursiva, a letra cursiva e novinha muito depois a gente era mais na letra de imprensa. Mas também quando vinha letra

cursiva era uma verdadeira ou caligrafia a minha mãe e outros professores antigos estudaram paleografo é uma caligrafia se uma letra Impecável, não tem uma maior e nem menor quem escreve quem aprendeu a escrever na base do paleografo, meu Deus do céu, é uma letra um tipo de aprendizagem não vamos dizer rotula não mas vamos dizer identifica identifique a pessoa diz que a aquela pessoa estudou paleografo de tão bem-feita que ela é.

Entrevistadora: O nome é paleografo? Paleografo é o quê?

Sra. Regina Maia - Paleografo é quem estuda naquele tempo eles tinham esse tipo de escrita o professor ensinava essa escrita livros né que eles tinham para eu não estudei minha mãe que contava é um tipo de escrita aperfeiçoa todas as pessoas da minha tia Severina minha mãe Petronilha, Dona Raimunda, a Rosana, Francisca Barros a Dalva que a gente olhava as letras existe a diferença, as letras elas não são idênticas a sua com a minha ou não mesmo estudando pelo mesmo método mas deixa uma uma vamos dizer assim uma identificação como você diz assim está aqui uma pessoa que estudou nessa linha da escrita. Não perde a característica de ser um R de S por toda aquela beleza, presta atenção esses documentos que são escrito Primor é lindo a escrita pensa que não, A escrita é uma coisa muito bonita. Mas é bom que se voltem para isso né, o médico passou e outro dia aqui eu quero ver queo médico passou que eu tô esquecida, faz tempo mas eu queria repetir essa receita. Ah meu Deus, eu não sei como é esse nome não, não escreve não é legível não elegível.

Entrevistadora: Nem um pouco.

Sra. Regina Maia - Ai eu digo eu não me recordo qual foi a médica, foi ai fora não me lembra onde foi não mas nós Hoje nós estamos indo para digitar aí nossas receitas estão sendo digitadas e eu trago as minhas receitas agora médicos que consultam lá fora todas digitadas pra não ter erro.

Entrevistadora: Tem esse lado que a escrita vai se perdendo né.

Sra. Regina Maia - Mas em compensação você não compra um errado remédio. Quem compra em Drogaria não compra remédio errado porque eu não sei como é que aqueles meninos aprendem rápido a ler aquelas letras né. São “hieroglíficos” (kkkkkk), é um M parecido com um N é um R é um S.

Sra. Regina Maia - Agora uma coisa interessante naquela época era quando você aprendia a tabuada. S.P- Como era?

Sra. Regina Maia - Como era, era na , tinha uma palma né, uma roda com cabo as professoras tinham e usavam. Tal dia elas diziam assim, podem se preparar para a “Sabatina” de 2 a 5 ou de 5 a 9. E aí minha filha se você errasse era peia, era deconfossa.

(Teve uma pausa ela foi beber um pouco de mel para a garganta).

Eu me lembro como se fosse hoje, tinha a tabuada de 9, tinha um tio meu que estudava na mesma sala, ele perguntou, 9x7? eu me lembro como se fosse agora, 9x7, falei 63, porque era aquela roda né. Quem não ia respondendo tudo bem, tanto vezes tanto, tanto fezes tanto, adiante até quando o cara respondia dava à palmatória para ele dar bolos nos outros dois. Ardia e peguei só essa vez desse meu tio. Aí chegou a minha vez né, 9x7 né, procurei me perdi é não disse e passe adiante. Aí chegou o meu tio e disse, 63, menina ele se virou e me deu um bolo. A sala era enorme era dividida pelo Professor trabalhar não era muita sala não, separado só por carteira.

Entrevistadora: Essa sabatina que a senhora fala o quê mesmo?

Sra. Regina Maia - Sabatina é isso que eu falei, manda o pessoal estudar isso pode ser feito em outra matéria também. Aí ele vai perguntando, aquele que quando pergunta vai respondendo ta tudo bem, o outro que não respondeu o outro que responder volta dando peia entendeu. Aí você quer qual é o qual é a resposta disso tudo a resposta disso tudo para você não ficar para você eu acho que é isso você se interessar de aprender a tabuada para não passar vergonha na frente dos outros e até porque naquela época, não tinha facheestária, hoje também tem né aí, as vezes tinha deles que já tem namorado ou simpatizado não queria passar vergonha. Eu sei que tudo isso é, mas era bom eu aprendi tabuada até de 19 de 10 a de 11 e a de 20 não tem o que saber. A tabuada de 1 a guarda de 10, 11 não tem o que saber porque elas já dão a resposta lá até hoje em dia eu ainda sei. Ai nos meus netos estão estudando eles dizem: Vovó, aí eu digo tem que aprender a tabuada, porque se aprender não esquece mais nunca. Pois é o nosso estudo daquela época com essas técnicas metodologias criada pelo próprio professor, mas vale a pena era bom.

Entrevistadora: A senhora estudava de manhã?

Sra. Regina Maia - Era, a maioria era de manhã a tarde tinha trabalhos manuais aula de prenda da própria escola lá nossa escola tinha a Dona Rosinha Solartiano, lembro como se fosse hoje ela morava ali para o lado da é Formoso ali para o lado da Cohab

ali naquela praça menina era ela Maria Jorge, Maria do Salgado a Silvia e a Dona Rosana professora menina ela bordava divinamente bem e era na mão na mão tudo que era jeito era rococó era ponto espiga era ponto Sheila, era ponto arte a nó era margarida menina era tanto, caseado aplicações que hoje só faz em máquina que nada tudo na mais linda ensinava mesmo e era e era assim tipo eu acho que já era nas exigências da época. Os estudantes se preparam para a vida principalmente a mulher né porque a aula de prenda é só para mulher, a gente fazia enxoval de bebê, camisinhas bem bordadinhas era muito bom muito bom a gente eu mesmo quando me casei costure as camisinhas dos meus filhos. Eu dizia pra mamãe, costure as camisas que eu bordo.

Entrevistadora: E os meninos faziam o quê?

Sra. Regina Maia - Bem nessa parte aí eu só me lembro que os meninos faziam bem era jogar bola, ele joga muita bola e nós ia lá na torcido azul vermelho e chamavam de encarnado né Era, um tempo que merenda ainda não tinha merenda a gente levava muita fruta a professora gostava de fazer salada de fruta e dizia quem tem fruteira em casa que está produzindo tragam pra gente fazer salada às vezes ela fazia também arroz doce e fazia mungunzá com leite de coco e que servia para gente mas não existia merenda naquela época, mas era bom pela época muito bom.

Entrevistadora: Quando a senhora começou era às 4 horas era normal de hoje?

Sra. Regina Maia - Era mesmo mais menina, só que tinha também intervalo.

Entrevistadora: De 15 minutos também?

Sra. Regina Maia - Ah! eu não sei mas eu acho que era de uns 20 que a gente jogava bola brincava gente fazia corrida de bandeira a gente pulava corda.

Entrevistadora: Corrida de bandeira eu ainda peguei.

Sra. Regina Maia - Pulava corda.

Entrevistadora: Tinha a do taco também?

Sra. Regina Maia - Brincadeira do viadinho.

Entrevistadora: Qual?

Entrevistadora: Pega a turma que está todinha né faz tudo aquela pegada no braço assim aí bota uma pessoa dentro ele vai quebrar, eram tantas outras que a gente brincava

Entrevistadora: Hoje o meu irmão não pegou essa época só quer saber de celular.

Sra. Regina Maia - Isso é um prejuízo muito grande. Ai aqui depois os meus meninos meus filhos já brincavam do pique lateiro. Eu sei que era menino correndo mas eu quando eu me casei eu já era funcionário e já trabalhava muito, eu não me lembro direito também tinha outras brincadeiras não só do esconde-esconde tinha outro aquela do “anelzinho e não diga nada a ninguém, um, dos, três, quem tem ele.” Eu tinha minha maneira de estudar para memorizar como era texto tal que você vai aí eu ficava comentando. Psicologia com Madre Adelgundes, que era exigente. Inglês com a Ana Rosa, era uma benção glória a Deus, aí eu ficava assim ia pro quarto vou passar lá quando tivesse a rede de vôlei bem alto eu gostava de ler e aprender falando e ouvindo se fosse só olhando eu já tinha cochilada. Só aprendia assim, vendo e ouvindo a minha voz, se não fosse fosse silencioso por muito tempo eu dormia. A gente nem tem palavras para dizer o que seja essa ocupação e o aprendizado para o futuro aprender para saber decernir as coisas é muito bonito

Entrevistadora: Alguém lhe influenciou na leitura quando a senhora era pequena?

Sra. Regina Maia - Menina por incrível que pareça as pessoas de poucas letras, mas de uma sabedoria inquestionável as pessoas que liam aquelas literaturas de cordel, Ritinha, Zezinho e Mariquinha, Pequeno Polegar, tinha João de Deus, Rangel prima essa é a real história do reino da pedra fina do moço Daniel e da princesa. Essas pessoas iam para as casas dos outros despertar essas coisas recitar e a gente ficar com vontade também, na nossa época a gente memorizava muito poema. Professora irmão Glória, Francisca Sena, e muitos professores antigos que eu tive, que todo mês tinha um poema recitado, que “Aquele última flor do Lácio inculca e bela”, tinha aquela de “volta a casa paterna”. “Meus oito anos Ai! que lindo Oh! Que saudades que tenho da aurora da minha infância querida que os anos não trazem mais”! (Ela recitava com um brilho no olhar). Tinham as colegas que queriam competir juntava tudinho pra recitar e os meus oito anos é cantado e recitado.

Entrevistadora: Então, foi mais professores que lhe influenciaram na leitura?

Sra. Regina Maia - E as pessoas que contavam histórias e que recitavam essas literaturas de Cordel.

Entrevistadora: Mas eles ficavam passando nas casas como é que era?

Sra. Regina Maia - A gente chamava lá pra casa. Assim quando tinha novenário na nossa na vizinhança, a gente que sabia ler um pouco melhor, aí quando terminava

tinha um cafezinho com pé-de-moleque. Quem vai contar história hoje, era muito era muito bom conversar tempo de São João de fogueira fazendo experiência mais bacia procurando os namorados, minha infância foi boa, o que tinha na época praticava dava presente minha mãe era legal meu pai também, era muito bom.

Entrevistadora: seus pais eram alfabetizados?

Sra. Regina Maia - Sim, minha mãe sabia ler e escrever divinamente.

Entrevistadora: Ela se preocupava bem com isso com vocês.

Sra. Regina Maia - Preocupava mesmo, ela ficou viva com 46 anos e sou a sua mais nova fiquei com 12 anos. Meu pai morreu em março eu ia fazer 12 anos em junho, e a mãe não largou pai Meu pai, era cearense “Anselmo Maia de Carvalho” o nome daquela escola que agora foi trocada. Meu pai era dono das aquelas terras por ali trabalhar ali eu tinha gado, aqui na várzea, tinha muita plantação, arroz, café, cana-de-açúcar. Meu pai era trabalhador mesmo, não era bora terra, era trabalhador. Ele tinha mandioca casa de farinha.

Meu pai tinha homens que naquela época eles chamava de “brabos”. Que vinham do Nordeste, mas a maioria vinha do Ceara que chegavam atrás de serviço. E aí ele precisava de mão de obra né e ele geralmente tinha as pessoas que todos os dias trabalhavam com isso, os “adjuntos”, que faziam o trabalho rápido. Aí ele pagava uma pessoa pra ensinar os seus funcionários a ler. Foi a primeira pessoa, primeira pessoa de Cruzeiro do Sul, que pagou pra ensinar alguém pra ensinar os seus vizinhos que iam também, e os seus trabalhadores braçais. Foi até com o seu Francisco Fonseca se eu não me engane.

Entrevistadora: Então, ele tinha essa preocupação.

Sra. Regina Maia - Ele tinha. E sabe como era? “Poronga”, tinha umas tabuas assim, que hoje chamava prateleira, mas, não era prateleira só servia para colocar a “poronga” em cima.

Entrevistadora: Eu ainda peguei a “poronga” lá em Thaumaturgo ainda na casa da minha a vó.

Sra. Regina Maia - E era uma vida boa, a gente fazia café, mentira, era a minha mãe que fazia. O tempo passa e eu só lembro coisas boas. Correndo naquela área ali do Aeroporto Velho. Meu pai era agricultor, mas no dia de domingo meu irmão estudava durante a semana no Curso coração de Jesus, que era da Dona Leonila Rosas, era

até particular. Aí ele passava o período do dia ajudando o pai eles chamavam “cambitar” os cavalos e os bois carregando cereais. Aí quando era dia de domingo ele falava, eu quero jogar, ele gostava de jogar ia jogar nas ruas do bairro. Ai ele dizia pra e pra Rosa, vocês vão domingo pasturar arroz que eu doou alguma coisa pra vocês, ai nós íamos pasturar arroz passava o dia todo pastorando. Sabe o que nós íamos fazer, menino não é gente (kkkkk). Naquela época, nós pegávamos latas de querosene e amarávamos com cipó bem forte pra nós ficar balançando a lata. Outra vez, nós pegávamos roupas velhas e forma de cruz e amarrava aonde os passarinhos eram mais danados. Aí nós balançávamos e eles vruu. Nós ficávamos na mata fazendo arapuca, pra pegar rolinha. Menina era diversão! A gente falava, domingo vamos pasturar a arroz e as meninas falavam vou também (kkkkk). A gente fazia fogo e levava ovo, menina era uma vida boa, porque o povo com essa tecnologia não tem isso, não tem aquilo, eu quero ir pra cidade. (fez com um tom de deboche)

Entrevistadora: A senhora tem um livro preferido?

Sra. Regina Maia - Eu já tive mas, hoje em dia o meu livro preferido é a Bíblia ler Salmo de passagem bíblica o evangelho do dia é muito bom mas eu gosto de história eu sou já dessa idade mas, eu gosto de história infantil me deleito na história infantil fantasia eu até tenho uma história para publicar hoje em dia o que falta é o dinheiro né. Eu até consegui fazer dois livrinhos só infantil mesmo pra interater menino despertar. Eu to com um projeto que já faz 5 a 10 anos sei lá. É um livro sobre Cruzeiro do Sul, já tenho ali muita coisa colecionada já comecei a escrever não foi tanta preguiça foram outras coisas que vieram. E aí eu tô eles ali, eu tô fazendo esses trabalhos estou muito envolvida com negócios de igreja. A partir de agosto vou pegar esses livros da história do Acre principalmente Cruzeiro do Sul, lendo todos os Prefeitos nem todos esses prefeitos porque esses prefeitos novos não deixam nada escrito. A gente se baseia nas coisas dos antigos eram pessoas instruídas a pessoa que não valoriza né não é um renovador não é isso nem é um conservador mas atualizada e hoje em dia aqui procure o que foi que o Prefeito Maurício Nobre, vamos dizer assim fez construiu alguma coisa criada por ele aqui em Cruzeiro do sul, o arquivo perdeu-se do tempo que eu não sei quem deu fim nas coisas que queimaram outros nós estamos botando as pessoas erradas nos lugares isso é eu não sei até

hoje eu tenho a idade ainda tô votando de volta no partido ABC lá que o partido tem essa filosofia de trabalho como suas características tudo mentira.

Entrevistadora: A senhora escreveu dois livros?

Sra. Regina Maia - Eu tô com dois livros de história infantil, só escrevo infantil. E aí a história da Índia fala na humano, vamos chamar de lendas as mulheres da Amazônia que eram cavaleiras não fala não pois é chamadas as Amazonas, aí esse livro eu termino com ela rapaz tinha essa visão essa vontade de Aventura ele saiu vai vai vai vai ele chega na tribo das Ditas Amazonas uma história assim bem fantasia. Agora aquele verdinho ele surgiu lá na Escola Técnica, quando eu fui diretora lá 89,90,91 final de 89 em 1 de julho de 89 teve uma época começando a droga chegou um rapaz da Federal de Belém, aí ele chegou e se identificou-se e tal entrou na minha sala e ficamos conversando aí ele falou que a mãe dele era diretora de uma escola lá em Belém, e que ela se parece muito com o seu jeito.

Eu tô aqui pra dizer pra senhora que a primeira boca de fumo daqui de Cruzeiro do Sul está sendo aqui na quadra da escola, eu to aqui pra lhe avisar e lhe ajudar. Aí começou mal comportamento com desenhos no banheiro, palavrões, eu ia na sala conversar, criamos o conselho de sala melhorar a imoralidade a pornografia. Ai o irmão Santinho chegou, ele era Marista e ele disse: e aí está tudo bem ? Eu não sei se ele já sabia de alguma coisa. To aqui na medida do possível a gente está firme e forte eu e Darci. A escola nunca ficava sem ou sem ela. Aí eu falei pra ele que estamos com uns problemas de pornografia, não tanto nas salas, mas, nos banheiros e nos muros. A explanação dos órgãos da mulher e deles também. Aí ele disse assim faça um levantamento nos três turnos para saber o que é que eles querem saber sobre sexo. Aí eu peguei uma resma de papel, eu disse para menina e conta aí tantas folhas me lembro quantas folhas eu sei que nós tínhamos 33 turmas de alunos, todas eu mandei a menina contar quantos alunos tinham né pra não faltar mas, foi um tanto suficiente e para falar em um o horário “O que vocês querem saber sobre sexo”. Minha irmã saiu tanta coisa louca, louca quando eu deito eu li né, ele selecionou tudinho, mas isso é do jovem mesmo essas curiosidades outros querem afrontar. Mas vamos fazer um dia de palestra. Aí eu disse para ele, só pode ser o senhor? Ele disse que pode chamar quem você quiser. Aí que eu fiz, chamei o Zé Roberto com pediatra, ginecologista, o irmão Santinho já era da igreja ai eu chamei uma advogada também.

E aí marcamos tudo, arrumamos tudo com lanche tudo direitinho esses professores, médicos, psicólogos deram um show e falava assim tudo na cara começaram a perguntar sobre sexo anal, os piores tipo de sexo aí ele ia explicando conversando olho no olho com os alunos, aí eu disse esse bixinho aí é doido. E ele não tinha medo de nenhum respostão. Aí em certa altura ele fechou a palestra fazendo o uso bíblico mesmo, lindo lindo e sem falar que o Zé Alberto falou muito bem do uso das coisas, do uso abusivo disso e daquilo. A Greice falou sobre o risco de doenças e o perigo de transar, foi muito legal. E no final quando ele disse quando as coisas legais que vocês sabem fazer e são talentosos e são perfeitos e não to vendo ninguém com defeito aqui e mesmo se tivesse teriam vida. Eu quero dizer pra vocês. Já pensaram em escrever um livro? Já foram a praia em uma noite de luar. Sentaram na areia e já esticaram as pernas deixaram a água suavemente banharei as suas pernas? Aquela magia, vocês acham que esse Juruá poderia ter uma deusa, eu deixo aqui um desafio, escrevam. Aí eu saí da direção e nada foi continuado. Aí eu escrevi o Livro da Juruana.

(Ela levantou e pegou o livro.)

Foi o Delcio que fez os desenhos.

Eu sei que eu fui professora, trabalhei na administração de muitos cargos, e hoje tenho saudades e gostei muito do meu trabalho. E eu gosto de conversar com os jovens, até hoje eles veem aqui em casa.

Entrevistadora: A senhora foi professora com quantos anos?

Sra. Regina Maia - Eu acho que eu comecei com 18 anos, mas parei com 70 por causa da compulsória, mas, eu ainda queria ir. Agora com essas leis, o homem disse que pode trabalhar até com 80 anos agora né.

Entrevistadora: É sim, reformas. A senhora foi professora, secretária de educação.

Sra. Regina Maia - Vice-prefeita, expectora de ensino, inspetora eu fui três vezes, eu fui muita coisa. Eu só tenho de agradecer a Deus a força que ele me deu.

Entrevistadora: Todos os seus irmãos gostavam de leitura ou era mais a senhora mesmo?

Sra. Regina Maia - Minha irmã era professora e meu irmão era enfermeira e foi deputado 4 vezes.

Entrevistadora: Qual o nome dele?

Sra. Regina Maia - Eraldo Maia.

Entrevistadora: Ele nasceu aqui?

Sra. Regina Maia - sim, mas ele se elegeu e foi morar lá em Rio Branco, ele era deputado estadual.

Entrevistadora: E a sua irmã era professora também?

Sra. Regina Maia - Ela professora também, e lá em Rio Branco ela era diretora e hoje ele é professora aposentada também. Mas valeu, minha foi sempre vitoriosa.

Entrevistadora: O bom foi que ela sempre influenciou na Leitura.

Sra. Regina Maia - Sim. Desde o meu tempo quando secretaria de educação nós abríamos muitas escolas em fazendas e seringais. O proprietário desses locais chegava e falava assim: “Eu quero uma escola lá na minha fazenda ou no meu seringal”. Porque os meus trabalhadores estão querendo vir embora pra poder colocar os seus filhos pra estudarem. Aí, eu perguntava quantos eram né. Porque tinha que ser uns 10 alunos. Aí eles traziam as relações, nós abríamos muitas escolas, eu ainda fui no Cruzeiro do Vale duas vezes e tive que andar naquele rio cheio de paus, mas, foi muito legal. Conheci tanta coisa nessa época andando nesses ramais. Tinha saúde e uma equipe muito boa pra trabalhar comigo. Ainda hoje eu me encontro com essas pessoas. Mas aquelas escolas ainda existem.

Entrevistadora: A senhora teve quantos filhos?

Sra. Regina Maia - Passava pelas escolas e algumas estavam fechadas. Aí eu perguntava o que tinha acontecido. E falavam que foi uma cobra que mordeu um aluno. E o enterro dele foi hoje.

Entrevistadora: A senhora teve quanto filhos?

Sra. Regina Maia - Minha filha, eu tive 7 filhos, dois, Deus chamou antes do tempo, ele sabia o tempo, mas eu não achava que era. Aí eu tenho 5, 3 mulheres e 2 homens.

Entrevistadora: E netos?

Sra. Regina Maia - Netos, eu tinha 10, mas está com 3 anos que Deus chamou também.

Entrevistadora: Deus sabe o que faz né.

Sra. Regina Maia - A gente ficava com a alma marcada, as lembranças trazem emoções. Mas é assim mesmo.

Entrevistadora: E o seus filhos a senhora ensinou antes deles irem pra escola?

Sra. Regina Maia - Não, eles aprenderam a ler na escola. Os professores eram muito bons e a gente sabe a quem a gente entrega os nossos filhos né. As vezes eu fico pensando, até que ponto chegaram as nossas famílias pois não tem mais autoridades. Não souberam segurar aqueles tesouros que Deus colocou na sua mão por um tempo e disse: “cuide que eu pegarei de volta com um tempo”. Ai daquele pai que não devolve pro senhor. A vida ta perversa mesmo, tem uns programas de televisão. “A Madre Adelgundes, que está no céu eu tenho certeza que está a mulher alemã maravilhosa. Ela dizia assim Regina: Não sei por que eu sempre os professores gostavam de mim. Aí ela dizia: Regina, eu não sou mãe por maternidade, mas eu sou mãe espiritual, mas eu sou mãe que está alimentando a alma e o espiritual e vou fazer as minhas alunas boas mães e missionarias do senhor”. Eu sinto muitas saudades e me lembro muito dela uma santa mulher.

Entrevistadora: É o nome da escola ali do outro lado do rio certo?

Sra. Regina Maia - É sim, Madre Aldegundes Becker. Linda por fora fisicamente e linda interiormente. Eu tive muitos professores bons, o padre Cristovão, Sarbeiro promotor de justiça daqui e ele era professor de geografia, ele não pegava em nenhum livro e rapidamente ele desenhava o mapa do brasil e o mapa mundi aqui. Falava tudo. E no outro dia era “sabatina”. Quantas e quantas vezes ele mandava desenhar na geografia um gráfico do mapa do brasil e localize os portos principais. (rsrsrs) Outra questão, principais produções de cada estado. E era muito bom, eu fiquei craque pra dar aulas pros meus alunos.” Um bom professor, faz um outro professor.”

Entrevistadora: O professor é que forma as outras profissões né. A senhora mesmo falou que já formou muita gente.

Sra. Regina Maia - Isso mesmo. O bom professor ele deixa na pessoa na pessoa com quem ele com trabalhou, conviveu, dividiu, partilhou ele deixa uma marca. Ai a gente diz que marca é essa, é um mais ou um menos, isso a gente nunca sabe. Mas é bom ser professor. Mas hoje em dia e está muito perigoso, tem essas facções e a gente fica com um pé atrás. Eu ouvi falar que um tempo atrás, uma colega entregou uma amiga pra um bandido, a família mora ali perto do pan.

Entrevistadora: Ah! Eu ouvi falar mesmo.

Sra. Regina Maia - Como pode um negócio desse. A sabedoria antiga, o ditado popular, os “adágios” como eles diziam antigamente está em todo lugar. “Me diz com

quem tu andas que eu direi quem tu es". E assim por diante. É preciso a pessoa andar de olho aberto. Hoje a pessoa não pode falar tudo que pensa, tudo que sente, tudo que ver. Eu confio desconfiando.

Entrevistadora: A senhora ganhou um livro de alguém Dona Regina?

Sra. Regina Maia - Sim, ganhei muitos livros do Padre Fábio de Melo, Marcelo Rossi, livro de Augusto Curi, eles me dão muito livro de oração. Livros do padre que é tipo como se fosse um romance, eles contam uma vida com uma naturalidade.

Entrevistadora: Esses livros a senhora ganharam de ex-alunos?

Sra. Regina Maia - Não de colegas, mas eu ganhava muitos presentes deles daqueles livrinhos pequenos de pensamento de alunos. Só que eu ainda tenho todos ali dentro guardados.

Entrevistadora: A senhora ainda tem muitos livros guardados ainda?

Sra. Regina Maia - Tenho.

Entrevistadora: Como eles são guardados?

Sra. Regina Maia - Minha filha, deixa eu te contar uma novela. Era um armário tipo estante era um monte. Aí eu deixei ali guardado, ai mandei o meu filho levar pro homem colocar as rodas e dividir pra ficar melhor de guarda, mas até hoje não veio está difícil esse negócio. Os livros que eu tenho separados é sobre Cruzeiro do Sul. E são estes mesmo que eu quero fazer um básico para o primeiro grau. Os meninos não sabem nada sobre Cruzeiro do Sul nada.

Entrevistadora: E muito pouco tanto sobre Cruzeiro do Sul quanto sobre o Acre. Até mesmo pra uma questão de concurso.

Sra. Regina Maia - Eu tenho Mâncio Lima, Thaumaturgo, Feijó, Rodrigues Alves, Cruzeiro do Sul, Tarauacá eu não tenho muita coisa. Eu até já falei pro meu filho inventar uma viagem no verão pra lá. Pois eu não tenho como ir lá, pois tenho esse problema do coração então fica difícil pra mim.

Entrevistadora: A senhora só tem lembranças boas né da sua época de professora?

Sra. Regina Maia - Só tenho lembranças boas meu Deus do céu! Os pais, geralmente era quando termina a missa de domingo, lá no bairro Santa Terezinha foi o primeiro bairro que eu comecei a trabalhar. Que hoje é o seminário dos padres. E depois da missa nós íamos conversar, uma conversa rápida mas não era, cada um queria conversar com a gente; agradecer, abraçar dar uma coisa, dava ovo, galinha amarada

pra comer feito pirão escaldado. Ai meu Deus eu me lembro desses tempos! Lembro dos Vasconcelos, da Maria e até me tornei madrinha do filho dela. Como era bom. Quando tinha aquelas frutas bem bonitas que davam em pencas eles me traziam, aquelas laranjas bem maduras, palmas de bananas. Era muito legal, tapioca, biscoito de goma feito em casa mesmo. Eu não tenho o que reclamar não da minha profissão. No começo foi duro, eu ia da minha casa, onde ficava onde batalhão hoje, ia lá para o bairro Santa Terezinha só almoçava, e vinha para educandário da aula na associação agrícola. Ai depois eu vim da aula no barão do Rio Branco que uma professora se casou, aí o Seu Chico Araújo veio atrás de mim para mim da aula. Dei aula em muitas escolas. Naquela época era muita lama, pois, as ruas não eram pavimentadas. E era um sacrifício para exercer a profissão. Era sol era chuva.

Entrevistadora: E as cobras né.

Sra. Regina Maia - Uma vez aconteceu quando eu era secretaria municipal, Dona Regina o rio estava tão cheio aí eu falei, é melhor suspender, porque é muito perigoso essas crianças atravessando o rio, aí no outro dia veio a notícia que uma canoa tinha emborcado e um menino morreu. Ai imediatamente eu mandei suspender as aulas. Só voltasse as aulas quando já tivesse tudo normalizado. Olha ai! É muita responsabilidade. Ai depois eu falei pro rapaz que veio avisar: Vocês têm que terem mais senso de responsabilidade, só vai quando ver se dar.

Entrevistadora: Minha conta que os botos ficavam boiando quando as canoas viravam.

Sra. Regina Maia - Mas é tão bonitinho né. Na época que a gente viajava pelo rio Juruá pela primeira vez, aí eles falaram: Tem alguém menstruada, porque parece que eles perseguem a canoa quando estão. Nesse livro aqui eu tenho um negócio sobre o boto.

Entrevistadora: Quando meu avô era vivo ele contava muita coisa sobre histórias antigas. Eu gostava muito de ouvir.

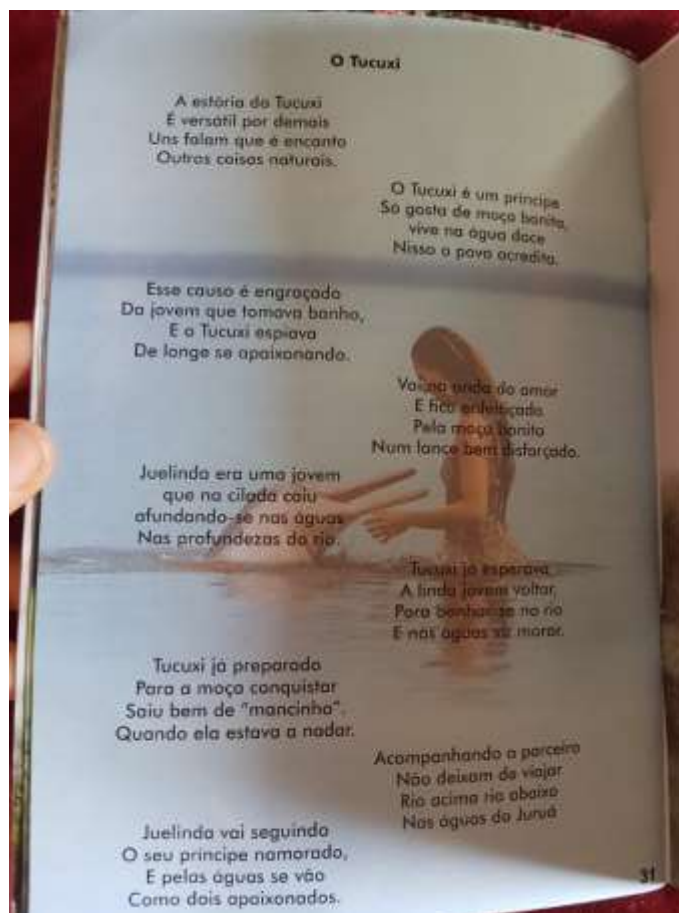
Sra. Regina Maia - Eu tenho um primo que conta cada mentira. (kkkkkkk)

Sra. Regina Maia - É um livro de fantasia.

Entrevistadora: Mas os mais antigos falam, que essas coisas realmente existiam. “Meu avô contava que tinha um rapaz bonito que vestia palito branco e sempre ia para

as festas, mas no final da noite ele voltava para o fundo dos rios e encantava a mulher também. “

Figura 8 – TEXTO “O Tucuxi”



Fonte: Acervo Dona Regina Maia (2021).

Sra. Regina Maia - Tem gente que conta cada tipo de história. Tem o Seu Hermínio que contava cada história. Ele contava que você ficava de boquiaberto. O Seu Hermínio era uma pessoa maravilhosa.

Entrevistadora: Meu avô também contou que era assim. “Tinha uma moça que teve um filho, aí um padre foi para lá. Ele fez um culto só com as mulheres e moças. E pediu para que as mulheres ficassem de um lado e as moças do outro. Essa dita moça, ficou no lado das moças ele a pegou pelo braço e colocou no lado das mulheres. E ele pediu para fechar as portas da capela e em uma bacia estava uma cobra. Ele disse: Não tenham medo, porque ela só vai atrás da mãe dela. Ele colocou a cobra no chão, e ela foi atrás da mãe dela. Quando chegou na dita moça, o padre

pediu para ele tirar pra fora da roupa um dos seus seios e quando a cobra o mordeu, ela se transformou na criança que a mulher havia jogado no poço.

Sra. Regina Maia - (risos)

Entrevistadora: Eu gosto de ouvir essas histórias. Seria tão bom se tivesse uma roda de conversa com muitos idosos pra conversamos sobre essas coisas.

Sra. Regina Maia - Sempre eu recebo de jovens convites sobre o resgate da cultura. Como pode ser resgate da cultura inventando as coisas. Resgate da cultura é ir buscar as origens das coisas. Vão buscar os idosos e façam um seminário com eles. Uma reunião com vários dias para que todos tenham a oportunidade de contar as suas histórias. Gente, o costume do povo é cultura.

Entrevistadora: O que ler para a senhora?

Sra. Regina Maia - “Ave maria! O que é ler! É tão complexo falar de leitura porque a leitura é ler. Ler é, deixa eu ver, porque é algo tão amplo. Ler é informa-se, ler é crescer, ler é aprender, ler é diverte-se, ler não é só um passa tempo, mas é um preenchimento das suas horas vazias que você se deleita nas palavras de um bom autor que não te embriaga, mas te acalma. Dentro por meio daqueles sonhos que você transmite ou daquelas mensagens que veem suavizar por meio das suas emoções”. Ler é muita coisa, leitura é muita coisa que eu tinha que me ter preparado.

Entrevistadora: Muito importante né.

Sra. Regina Maia - (risos) Ler é muito amplo. E quando trabalhei o banco do livros quando eu criei o banco de livros em 1983, eu enchia de cartazes, eram cartazes que eu tinha, era de incentivo. “Livro é mudo que fala”. Eu colocava muitas frases sugestivas, eu pegava de autores ou criava algumas.

Entrevistadora: É com o livro, que viajamos sem sair do lugar.

Sra. Regina Maia - Isso é a imaginação a fantasia da imaginação. Eu li a cabana, no começo aquele livro no início parecia um enigma. Mas depois eu vi que estava com o pé no chão. O autor estava tentando mostrar no meu ponto de vista, a força da espiritualidade. Porque são tantos vai e vai e vem são tantos encontros em busca de uma solução. Eu vejo assim né, o livro e uma fonte de informação insubstituível. O livro lhe transporta de um lugar para o outro. Se os livros não fossem tão volumosos, teriam mais leitores. E tem muitos autores hoje pregam muitas coisas boas na sua maneira de escrever, aqui aculá eles colocam um ponto de luz. Já tem outros que

colocam um ponto de escuridão. Seria bom escolher o livro que fossem lidos para fazer crescer, mas a gente só conhece o livro depois que ler. Pois é minha filha, é muito bom a gente se voltar para preencher o tempo com as coisas boas que fazem a gente crescer com linguagens adequadas em todas as situações. Tem uma passagem bíblica que diz, "Feliz é a casa que tem o Senhor".

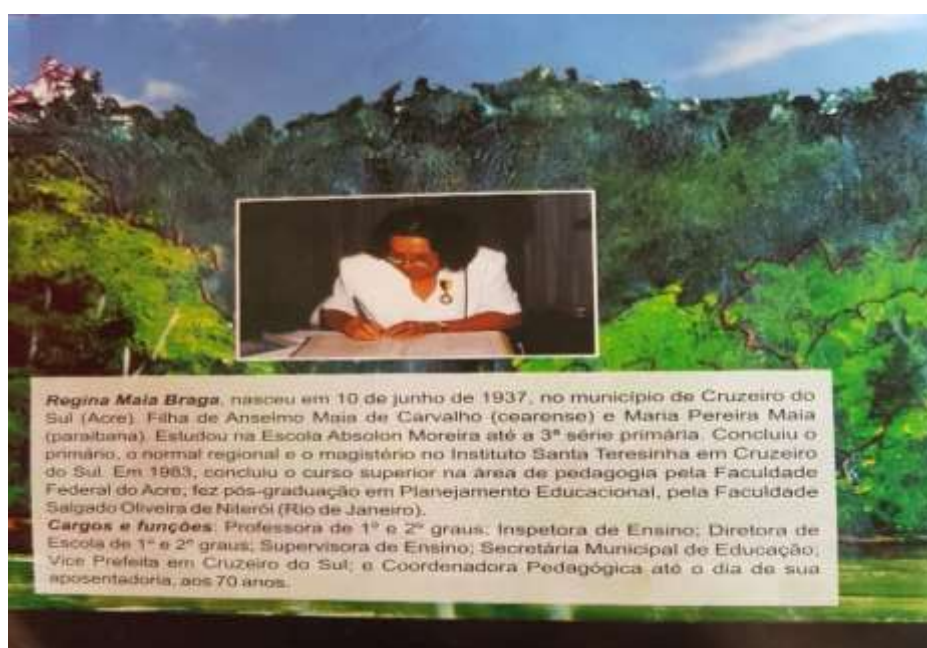
Ao final da entrevista ganhei dois livros autografados da Dona Regina Maia as fotos estão nos anexos a seguir.

Figura 9 – Livro Juruana



Fonte: Acervo Dona Regina Maia (2021).

Figura 10 – Contracapa do Livro Juruana



Fonte: Acervo Dona Regina Maia (2021).

Figura 11 – Livro Sentimento Telúrico



Fonte: Acervo Dona Regina Maia (2021).

Figura 12 - Dona Regina Maia autografando o seu livro para dar de presente para a entrevistadora



Fonte: A autora (2021).

ANEXO 2

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM DONA CÂNDIDA PEREIRA LIMA

A entrevista foi realizada com a interação da neta de Dona Cândida, por isso em algumas partes, observa-se algumas falas da neta, além da entrevistadora.

Entrevistadora: - Como é que foi a sua infância? Quando que a senhora se alfabetizou? O seu momento de alfabetização? O momento que a senhora é resolveu voltar a estudar fazer o seu ensino médio? A sua experiência com, com a alfabetização? Bom Cruzeiro do Sul alfabetizou... (risos) - hahaha.. (voz do fundo) - quase "todo"- ...quase todo mundo, eu fui alfabetizada por ela, meus filhos também foram, e assim, muitas gerações foram né..

Sra. Cândida: - Conhece o Dr. Zé Alberto né..

Entrevistadora: - Já ouvi falar dele já!

Sra. Cândida: -- Pois é, ele é meu ex-genro, ele era casado com a, a Beatriz e separado por motivos... isso não interessa, é assim ele bibia, separado faz muito tempo, ele é casou com a Dirce Moraes, mas isso não interessa, isso não faz parte da minha vida não. E, ah tô muito isquicida de tudo. Pa começar da, da infância mermo. Nasci no seringal, seringal Triunfo, no dia 18 de Novembro de 1921, meu pai: Francisco Rodrigues da Silva seringueiro, minha mãe: doméstica e, depois, na na, nesse seringal, na na na colocação seringal Triunfo, mas na colocação que eu nasci era Oriente, chamado Oriente, perto da vila Thaumaturgo..

Entrevistadora: - Meu pai nasceu lá.

Sra. Cândida: - E ficamos lá até... ele era seringueiro, e minha mãe doméstica, e voltamos... ficamos lá até...quando eu saí de lá, tinha, eu tinha 9 anos já, minha irmã mais velha, aqui em Cruzeiro do Sul, conheceu um rapaz, Ilton Vasconcelos, Vasconcelo Pessoa. Você conhece o Enoque Pessoa? Professor Enoque? Ele é um reitor, agora o reitor é?! O chefe da faculdade em Rio Branco. Ele é crente, é Batista, pois é... ele conheceu a minha irmã mais velha e resolveu ir lá, pediu, se for bom com ela, a família dela, ela falou tudo. Foi lá no seringal, pedir ela em casamento, e então ele casou e cuidou logo de tirar a família, de lá pra cá, pra Cruzeiro, porque lá, o maior

desejo do meu pai, dos meus pais era que os filhos aprendessem. Todos dois: papai e mamãe eram analfabetos. Aí ele veio pra cá, quando eu comecei a estudar, e morava perto da Olivença, no seringal Miritizal aí, nem quando ele era, no seringal Miritizal aí... mas, pra... só tinha escola pra cá, e eram pouca as escola, não podia porque, eu cheguei, eu tinha 9 anos, quando comecei a estudar aqui em Cruzeiro foi, eu tinha treze ano já, que fez a transferência, da gente que morava lá, já, mas era distante pra vir. Aí eu estudei aqui na escola Venceslau Bráz aí, onde, hoje chamam bairro, era o bairro do Telégrafo, onde hoje chamam bairro do Alumínio, por perto da cobal, por ali.

Entrevistadora: Uhummm

Sra. Cândida: Eu tinha treze anos e era a carta de ABC, o antigo coisinha, aquela carta de ABC e aí os professores, como é que eu digo? faziam a gente estudar desde o AA, B, tudo. Conhecia aquelas letras todinha, desde de A até Z, que é a última, né. Quando a gente sabia que tinha, era o... eles faziam aqueles, chamavam rascunho, era o, faziam a letra com o lápis, escreviam com o lápis pra gente cobrir. Acho que isso era tipo a coordenação e pra conhecer a letra. Faziam aquilo no caderno da gente as letras e a gente ia cobrir, aí saía, ia pelo, uns iam pelo risco, eu toda vida fui caprichosa aí, procurava fazer o melhor pussive, sempre me saía muito bem. Quando, até, quando chegava na última letra, são vinte e seis letras, naquele tempo era, tem tempo que eles modificam, tiram, passam para vinte e três, né? Engole, exclui o W, o V W, o Y e K, né? Essas três letras? Aí fica só, se era vinte e seis ficava vinte e três. Mas, nesse tempo era, as vinte eram vinte e seis. E quando chegava no último, a professora pra fazer o teste como a gente, fazia um buraco assim na folha de papel. (pausa)

Entrevistadora: Pode continuar.

Sra. Cândida: Na folha de papel coloca em cima da letra, se a gente, se você dissesse certo tudo, ia passando, saltiado, assim, virava outo lá noutro canto, se você dissesse o nome da letra tudinho direitinho era porque você conhecia tudo direitinho , né a letra, sabia o nome tudo. E depois passava, vem pra o Bê-á-bá. Aí, daí desse teste aí, se você tudo bem, tudo você vinha pra o Bê-á-bá. Aí você era do mermo jeito Bê-á-bá, Bê-é-bé, Bê-i-bi, Bê-ó-bó, Bê-u-bú e aí ia. Aí C, Cê-á-cá, Cê-ó-có, Cê-u-cu. Até vou contar uma piada (risos). A Lili Cadaxo, não sei se vocês ouviram falar dos Cadaxo,

do tenente Cadaxo e era até governador, aí era casado com a Lili, A Lili e o povo dela...Ela é irmã, irm?? Do Adalberto? (expressa dúvida) Era. Do Adalberto, do, irmã do, é tia, não? É tia ou é irmã. Do caboco, do Dr. Correia, Dr. Correia. Conhece?

Entrevistadora: Humm, conheço.

Sra. Cândida: Ele foi meu aluno, o Dr. Zé Alberto foi meu aluno, esse que é meu ex-genro, o Zé, o Corrêa foi meu aluno. Vichi... tem tanto. Essa gente grande lá do do, de Rio Branco quase tudo foi, quase tudo não um bocado...

O Arquilau foi seu aluno... (voz da neta de Dona Cândida, no fundo)

Sra. Cândida: O Arquilau foi meu aluno, o irmão dele que mora lá, pra lá pra onde mora a, a Bia, a Andréia, como é aquele lugar que a Beatriz vai sempre pra lá, pro Joaquim?

Neta de Dona Cândida: Uhumm? É... Eu não sei

Sra. Cândida: Cacoal?

Neta de Dona Cândida: Não. Não é Cacoal, não.

Sra. Cândida: Rondônia.

Neta de Dona Cândida: É um local em Rondônia.

Sra. Cândida: Rondônia é, é é Porto Velho mermo (pequena pausa). Esses estado novo que criaro por aí. O Eusestáquio até que a Beatriz disse que ele disse que, tinha um medo medoin. Ele era tímido mais do que tudo, mas eu não sabia, o professor tinha uma grande falta, o professor não procurar conhecer o aluno em tudo: a formação dele, o que traz de casa, as coisas, o que ele traz de casa porque o aluno reflete na escola onde, o meio onde ele estiver reflete tudo aquilo aonde ele vive, o que ele vive, como, tudo reflete. Quem tem uma formação de casa, uma... Conceituada e tudo reflete aquilo que a interferência. Quem são aqueles que só fazem o que não presta, na escola é aquele que lhe dar o maior trabalho e tudo, você tem que conhecer que é pra diferenciar, nem sabe, nem excluir o, a criança porque ele não tem culpa de nada, ele, ele está mostrando o que ele é, a vida dele onde ele está, e diferenciar dos outros: você diferencia com o teu jeito, nas casas nós cada qual tem um jeito, uns tem um horário pra as refeições e tudo, outros é mais diferente por A mais B, qualquer coisa é diferente, nunca, não é a mesma coisa que eu faço na minha casa que você faz. Não é nada disso. Tem que saber. Conhecer a criança é um dos grandes meios de se fazer um bom trabalho. Você não vai tratar a criança que tem,

porque é assim, dizia o menino. Quando eu tinha... meu sobrinho. Mora em São Paulo. O casal tinha problema congênito, né? O sangue não se dar um com o outro, não sei como que é. O Fran e a Tereza. Aí os meninos não sabiam, era mais acentuado nos menino do que nas menina. A Ana, que morreu há tempo, né, tem a Ada e tudo é diferente já. O Liminha, conhece né? Aquele jeito. Como é que era? o Joel já não era tanto, o Joelson chamava ele até no...

Entrevistadora: Tinha atraso no desenvolvimento, não é?

Sra. Cândida: É. Nem falava que prestasse, nem fazia nada. Quando eu dava aula para ele aqui, o bichim tinha uma vontade louca de desenhar eu mandava quando, passava o desenho, explicava e tudo, mandava, fazia, mandava eles fazerem pra ver quem fazia. O dos outros, a da da Ada saía mais ou menos, da Ana tudo... Agora, o do menino não tinha nem jeito de nada, pro mais velho não saía nada. O Jerônimo. Como é que chama ele pro?

Entrevistadora: Eu não conheço todos eles não. Só alguns. Eu não lembro de todos eles, não

Sra. Cândida: É Liminha, parece que a gente chama ele, sei lá. Aí ele, não tinha nem aparência com nada, mas ele é, está, está quase bom. Beleza, a gente elogia, dar... nunca... eu sei que a professora não procuravam conhecer, descobrir porque muitas vezes os outros faze tudo e o outro não fez nada, ou nem riscou ou não chegou a fazer, a professora: você não vai fazer, não? Você é preguiçoso. Você é burro. Você já pensou? Elas diziam mermo as professora, que era burro quando a menina ia passar, não faziam nada. Um ano, dois ano, três ano de aula, não pode procurar outra escola pra o seu filho que ele não quer nada com nada. Nunca procuraram descobrir, né? Outros já é na visão, tem um defeito de ótica, né?. A pessoa tem que procurar saber que ele não fez, o coitado não fez porque não enxergou para lá e assim por diante. Tem que conhecer. Então, a gente faz aquela separação pra saber por que, coloca o mais na frente e assim vai procurando descobrir está?

(Interferência no fundo, inaudível)

Sra. Cândida: Não sei quem é que tem porque aquela menina que batia, o que digitava. Eu tenho, também o manual e guia do professor do Ensino Fundamental.

(Interferência no fundo, inaudível)

Sra. Cândida: Projeto para o Fundamental, aprendizagem. Primeiro aprendendo a aprender com seis letras, isso aqui é meu projeto. Aquele que eu tava falando aí do bê-á-bá até chegar lá tudinho quando fosse para fazer o teste para saber, fazia um buraco no papel aqui, botava em cima, aqui aí você dizia bê-á-bá. Aqui, bê-i-bi. Aí você pulava, aqui, Bê...

Entrevistadora: Isso quando ela tava alfabetizada, não é?

Sra. Cândida: Isso quando tudo, tudo saltiado. Aí eu queria dizer qua a piada era essa. O Sebastião Pinheiro que era casado com a Irene, irmã da Lili Cadaxo. Ela é irmã, a Lili Cadaxo era irmã do doutor, do Caboclo, o pessoal só chamava o caboco do Corrêa, o Doutor Correia. Aí o Sebastião, ele mora em Manaus, saíram daqui pra morar em Manaus. Aí eles ia para o quarto se vestia todinho da roupa da mulher dele, da Irene, se maquiava todo, se pintava e saía todo mulher. Aí ia fazer molecagem, fazia tanta quantas molecagem e piadas. Aí uma vez ele disse que ia, estudava na escola lá e isso bê-á-bá, bê-e-bê... estudava todo mundo. No tempo da minha mãe Dirce, a minha mãe olha como é que era, isso no Ceará. O professor Domingos, o professor coroa, bem alto, olhos azuis, cabelo grisalho, bem grisalho, mas corado e bonito. Aí disse que era todo mundo um B com A bê-á-bá, todo mundo, tu imagina todo mundo a merma coisa coisa Um B com A bê-á-bá, Um B com E bê-é-be, Um B com I bê-i-bi. Assim era, era tudo assim. Eu sei que a mamãe não pegava como os outros, aquele negócio e tudo. Aí ele achava que ela não queria aprender ou qualquer coisa, aí dizem que um dia bateu nela. A minha mãe era, a foto dela alí, era menorzinha do que eu, ainda. Avali que já sou pequena. E que quando ele bateu nela, ela avanço nele, agarrou no bigode dele, aquele bigode bonito chega virava assim, quando ele bateu nela ela agarrou no bigode dele e segurou assim para lá e pra cá. Quando terminou a aula, ele foi entregar: “Dona Joana! Eu vim entregar sua filha, a Nazaré, ela não pisa jamais na minha escola.

Entrevistadora: Ela tinha quantos anos?

Sra. Cândida: Aham?

Entrevistadora: Ela tinha quantos anos nessa época?.

Sra. Cândida: Ora quanto anos! Moça. Ela casou nova, dezesseis, dezessete ano. Aí entregou ela. Eu sei que o resultado, ficou analfabeta, não aprendeu mais. Meu pai era analfabeto. Tinha todas essas coisa. O Sebastião disse que... (interferências no

fundo inaudível). Cunhado da Lili. Aí, aí disse que tava na escola aí disse B com A bê-á-bá, B com E bê-é-be, B com I bê-i-bi, B com O bê-ó-bó; agora proseia por cima ba, be, bi, bo, bu; agora é o C, Cê-á-cá, Cê-ó-co, Cê-é-cé, Cê-i-ci aí quando chegava no Cê-ó-có, aí C...C... Aí não saía mais nada. C. Vamo menino, tu não ía tão bem, fala. C... Queria já corar. Até que no primeiro dia, segundo dia, terceiro dia... “Não isso é demais, eu vou falar com o seu pai, eu vou falar e você vai sair da escola porque você parece que está embirrando pra não dizer nada. Vamos começar” Cê-á-cá, Cê-é-cé, Cê-i-ci, Cê-ó-có (falando em tom imitando choro), meu cú (risos). “Como é menino? Que negócio é esse?” Porque eu não quero falar no dar senhora e falei do meu. (risos). Acho que isso era safadeza do Sebastião, será que é? Mas, é possível que seja mermo. Pois é, como eu tava dizendo mês o agora passado. Eu tava aonde?

Entrevistadora: Na alfabetização da sua mãe, né? E aí até na sua. Como é que foi o processo da sua alfabetização?

Sra. Cândida: Agora da minha. Eu aprendi assim... A minha eu já falei

Entrevistadora: A senhora foi alfabetizada assim?

Sra. Cândida: Eu fui muito bem. Graças a Deus eu era inteligente. Comecei a estudar tinha 13 anos que morava já lá longe, que não tinha acesso, tinha a escola Wenceslau Braz ali no bairro do que chamam do Alumínio, onde era o bairro do Telégrafo, e tinha a escola...como é o nome daquela escola que era aqui no Alto da Glória, que era o seu Magalhães que lecionava lá? Tinha a escola Coronel Contreira lá perto do Remanso, não sei pra onde e, parece que ali perto do batalhão, como é a Coronel Contreiras? Ali perto onde vocês moram?

Entrevistadora: Alí é a Absolon Moreira

Sra. Cândida: Absolon Moreira. É a Absolon Moreira. Eu disse...qual é que era perto? Coronel Contreira?

Entrevistadora: Absolon Moreira. E na 25 tem a escola, a João Kubitschek, né?

Sra. Cândida: Ahamm?

Entrevistadora: E na 25 de Agosto tem aquela outra escola, a João Kubitschek.

Sra. Cândida: Não, mas eu digo é naquele tempo era pouca escola que tinha. Tinha essa escola no Tiro ao Alvo que era essa escola Absolon Moreira que hoje em dia não é aí? Era lá no Tiro ao Alvo, lá onde faziam esse treinamento de coisa e a escola Wenceslau Braz foi aonde eu estudei, era aqui no bairro do Alumínio, hoje em dia, a

escola (interferência no fundo) o grupo Barão do Rio Branco era, era... tinha, tinha outra que era alí no São Salvador...me lembro o nome das escolas não. Eram três escolas, três escolas só e o grupo Barão do Rio Branco, esse é o pioneiro, o pioneiro o Barão do Rio Branco; Bráz de Aguiar, isso nem se fala e...

Entrevistadora: Ah, está. A senhora aprendeu nesse método de soletração, não é? E o seu método como é que foi?

Sra. Cândida: Quando eu comecei a estudar com treze ano, não perdi nenhum ano, nunca. Estudei o primeiro ano, passei por cima dele aí vim pro Barão do Rio Branco, Barão do Rio Branco que a professora Leonila Rosa formada, feito curso (inaudível) em Portugal, na França, sei lá. Professora formada, normalista e aí tinha a Alicinha Cruz eu vim, passei logo de lá, eu fui não tinha esse negócio de atrasado não. Passei por cima mesmo, sabendo, preparada mesmo pra segundo ano mesmo. A Alicinha Cruz foi minha professora de segundo ano. Não conhece a família de Cruz, não, essa gente? Pois bem, no terceiro ano fui pra o terceiro ano e a professora era a Lucila Maia de Mendonça. Eu tô falando de mi, né? Maia de Mendonça que era terceiro ano, era a esposa do Belarmino Maia de Mendonça que era o inspetor escolar do grupo. Aí passei pro quarto ano que é o, era a Dona Leonila Rosas, que era a professora forma lá, em Portugal ou na França, sei lá e aí terminava o primário. Pra você ver que, como o nosso ensino sucatiou, acabou a vista do que era. Aí eu fiz o primeiro grau. Quatro ano só. Todo mundo. Primeiro grau era até a quarta série aí tinha as prova escrita todia, trazia pra professora todas aquelas provas, aí tinha a banca examinadora, tinha os professores pra examinar aquelas coisa toda que a gente tinha feito, os trabalho da escola, a prova escrita. A comissão era só doutor, era padre, era freira, era bacharel, doutor bacharel, né? Era tudo, era...a doutora Del, o doutor... eu esqueci o nome dos povo tudim. Era só essa gente assim formada: freira, padre só gente que tinha estudo, formação mesmo. Daí pronto, recebi foi, minha prova, tudo eu tirava grau cem, quando eu tirava um noventa e cinco eu ficava louca pra me perder por dentro, de desgosto. Por que que eu... Aí é que eu me esforçava mermo. Aí ficamo. Depois veio. Não tinha...fez o primário e aí acabou. Pra você ver como era adiantado isso daqui. Era o primeiro grau, o segundo grau tinha quem fazia o segundo grau só do colégio das freiras, depois de muito tempo que chegou o colégio das freira aqui aí fundaram o Instituto aí tinha o segundo grau normalista para se formar, era para

professor, também, normalista. As minha cunhada, a Lurdite, Maria de Lurdes , mãe do... você conhece o Jerônimo, doutor Jerônimo? Ele é...

Voz no fundo: Ele é procurador daqui do município.

Entrevistadora: Eu acho que já sei quem é.

Voz no fundo: Ele é o esposo da Lucila, que foi vereadora.

Entrevistadora: Hum... da saúde, não é?

Sra. Cândida: A mãe dele era, era a Maria Eliza que era dos vieira, não sei e você conhece a família dos Vieira, não?

Entrevistadora: Não.

Sra. Cândida: Que era os donos daquela esquina que hoje onde é... que sobe entre o mercado subindo lá pro Cais, pro Rio, assim. E...era bem, bem examinado . A gente sabia mermo, a gente estudava e sabia. Olha a gente estudava o Brasil todim com, desde até ilhas, lagos promotórios, montanhas, rios e lagos e tudo que era tudo; os estados todinho, todas as capitais e as cidades principais: Amazonas, capital Manaus; Pará, capital Belém e dizer os nomes das cidades: Taquitiara, Parintins, Maué, Manicoréu, Humaíestá, Labra e Porto Velho pelo lado direito do Rio Amazonas e pelo lado esquerdo, era tudo assim. Se era de Belém era do mesmo mesmo, do Rio, isso daí não era nada. Agora vamos para o exterior: os países todinho com as capitais, com cidades principais, com rios, lagos, montanhas, ilhas, tudo, os arquipélago, tudo, era coisa mermo. Tudo isso dentro desses quatro ano que a gente fazia. Eu nunca fui reprovada, fui direto. Aí fiquei parada. Tinha os Estado Unido com as cidades, a capital Wasguiton, as cidade principais e tudo e saber, ainda dos Estado Unido, os vulcões, o desúvio. O desúvio é nos Estados Unido ou na Iestália? Eu já esqueci tudo. O desúvio é um vulcão que explodiu, né. Aí, se o estadista Silva, Silva Jardim era um estadista, diz que foi morto, tragado pelo, na Iestália, agora lembrei, pelo vulcão vesúvio há oito quilômetro, lembrei agora na cabeça, há oito quilômetro da cidade da Iestália, da capital da Iestália, morreu. Brasileiro mermo. Eu achava assim que a pessoa saber das cidades... vai do conhecimento, onde vai, para saber o mundo todo, mas não pra pessoa pra primeiro grau e segundo grau. Hoje em dia, pra segundo grau tem muita gente aí que tem faculdade e tudo, fez letra, fez mais não sei o quê e tudo e não sabe nem o nome das capitais do Brasil, dos estado, dos estados e capitais. A gente tinha que saber tudo: o Amazonas é o maior estado em extensão demográfica,

Minas Gerais era o mais populoso, Minas Gerais, capital Belo Horizonte aí era o mais populoso, maior em população e, assim era muita coisa, mas era mermo.

Entrevistadora: A senhora tinha quantos irmãos?

Sra. Cândida: Quantos irmãos?

Sra. Cândida: Sei que a minha mãe teve 15 filhos, 15 filhos, mais eu só conheci, conheci. Teve uns que eu não conheci que vieram antes de mim e outros até a minha irmã mais velha eu conheci, mas teve entre eles, morreram muito, também. A Ilda que era a mais velha, essa que o marido nos tirou lá do Oriente, botou pra cá, aí depois teve o Francisco, o pai da Mariniz, depois teve a Alzira. Conheceu? Conheceu nada.

Neta da Dona Cândida: A tia Alzira? A tia Alzira, sim. Eu conheci a tia Alzira.

Sra. Cândida: Aham?

Entrevistadora: Eu lembro da tia Alzira. Eu era criancinha, eu lembro dela.

Sra. Cândida: A Alzira era mãe do Jonas, que morreu, já fez um ano ou dois, Jonas pai do Marcos, doutor Marcos, doutor Marcelo, Márcia. Eles trabalho no, né... o Marcos é diretor do Hospital do Juruá e o Marcelo é o irmão dele e a Márcia trabalha junto com ele, era só 3 filhos que eles tinha, ele morreu, aí teve esses 3 filhos, a Alzira, aí tem tia Adonilha que eu não conheci, não... é irmão meu que cê está perguntando?

Entrevistadora: É!

Sra. Cândida: É meus irmãos que você está perguntando, né?

Entrevistadora: Isso!

Sra. Cândida: Ah sim! Já tô botando os meus tios, os irmãos da minha mãe, Ildo, Francisco, Alzira, meus irmãos né, Maria e Antônio eu não conheci morreram no Ceará, Adonilha, irmão também, também não conheci, aí tinha Cecília, mais velha do que eu, aí eu, aí o José que já morreu, tudo já morreu, todos esses que eu já falei já morreram, José, o Adevil meu irmão, a Ester, já morreu também, a Joana, a Joantina morreu com 2 anos, sei que ela teve 15 filhos a minha mãe.

Entrevistadora: Então a senhora aprendeu a ler quando tinha 13 anos, quando a senhora começou a senhora tinha facilidade e a senhora já aprendeu a ler?

Sra. Cândida: No primeiro ano de aula

Entrevistadora: No primeiro ano.

Sra. Cândida: Quando eu tinha 13 anos porque se não fizesse tudo no tempo que entrava na escola que quando eu tava começando (palavra inaudível), mas eu não

achei nada difícil pra mim aprender, não sei se é porque eu tinha o desejo de estudar e eu tinha loucura por criança, assim de ensinar. Quando a gente ia brincar de roda com, quando era noite de luar com aquele povo da Dona Santinha Cruz, do deputado Joaquim Cruz, dessa gente, ele era viúvo. Era uma família de segunda classe daqui, de posição da sociedade e tudo e minha irmã mais velha ficou morando com eles aqui, ela estudor aqui, ainda e tudo. E foi, eu dou graças a Deus a ela, foi a porta que conheceu esse rapaz aqui, devido os esforço e comportamento dela, foi a porta que Deus abriu, eu digo assim: que Deus abriu pra nos tirar lá do, pra cumprir o desejo do meu pai que ele dizia assim “que tinha fé em Deus que ele ia alcançar de morar num lugar, ainda onde os filhos dele pudesse estudar e alcançou mermo. Alcançou. Alcançou eu sendo professora já.

Entrevistadora: A senhora terminou com quantos anos, a senhora lembra:

Sra. Cândida: Aham?

Entrevistadora: A senhora terminou com quantos anos os estudos?

Sra. Cândida: Com 18 anos.

Entrevistadora: Aí com 18 anos a senhora já virou professora?

Sra. Cândida: Aí assim só de, de, de, só de desejo. Aí a gente ia pra casa da minha irmã, essa mais velha, que hoje é ali pra, não sei, pra ali, pra Várzea. Tem um escola pra lá, pra ali, perto da várzea, aqui, mas é aqui, onde termina...tem a casa do, teu.

Entrevistadora: É perto da igrejinha, ali? Da igrejinha?

Sra. Cândida: Sim.

Entrevistadora: Como é o nome daquela escola? Hoje funciona o NAPI lá, mas não sei como é que é o nome daquela escola. Mas, hoje no local daquela escola funciona o NAPI, mas eu não sei como é o nome daquela escola.

Sra. Cândida: Eu também não lembro mais.

Entrevistadora: Uhum

Sra. Cândida: Eu tinha dois terreno, a nossa casa, tudo ali era a, a, a... Hoje em dia não tem o Remo lá. O Osmar vendeu, o Osmar meu marido não, o meu filho, vendeu pra comprar na Boca da Alemanha lá. Ele investiu o dinheiro que comprou lá, comprou do Tião, aqui na construção dessa casa aqui. Eu tinha um terreno lá, mas não tenho mais não, não lembro mais não. Ali onde mora a Regina, aquilo mais abaixo, aonde mora a Regina, aquilo tudo já foi nosso. Foi?

Sra. Cândida: Ali do Maurício, tem a casa da esquina, tem aquela que vai pro lado do rio assim, casa do Maurício Mapes, da viúva, da Laíde. Aí tem a outra casa que era mermo em frente o ginásio, passa uma rua assim, lá da, da nossa casa, assim do pátio a gente via o professor falando, escrevendo na lousa, lá no ginásio, ficava mermo em frente assim a janela.

Entrevistadora: Então, a senhora foi professora de quê?

Sra. Cândida: Ahammm?

Entrevistadora: A senhora era professora de que?

Sra. Cândida: Ave Maria, Ah! Se eu lembrasse, só se fosse um computador, os milhares e milhares de alunos.

Neta: Não. Ela não entendeu:

Entrevistadora: Qual a disciplina que a senhora dava aula?

Sra. Cândida: Ahamm? Eu lecionei onze anos, quando eu comecei, onze ano consecutivo na segunda série, pegava o, como é que chama? A apostila? Já sabia tudo decorado, aquilo pra mim não era nada, o assunto... eu fazia meu plano de aula, eu já sabia tudo, não tinha problema nenhum. E quando foi, aí eu fiquei de férias, de férias não, de licença pra gestação aí veio outra professora pro meu lugar aí quando eu voltei, a professora já tava lotada no meu lugar e tudo, aí eu tive que pegar uma outra classe, Aí, ah eu pulei, acostumada já, já tinha tudo era decorado mermo, aí eu não queria de jeito nenhum. A Alicinha da Cruz ia viajar, ela leciona no primeiro, tava no primeiro ano. Aí eu fiquei com a Alicinha Cruz, a duas junta porque do mei do ano ela já ia embora já, como foi, morar para o Rio de Janeiro. Bora, bora lá. E... fiquei tomando experiência de primeiro ano. Quando foi no outro ano eu disse eu vou voltar pra minha classe que eu dou aula, mas quem foi que viu que, não deixaram de jeito nenhum, não deixaram. Aí eu fiquei braba que num deixavam “não, você vai ficar aí, no lugar da professora”. Quando foi com uns três mese de aula, tudo, A Alicinha viajou e eu fiquei com a classe sozinha. No fim do ano tive tão bom resultado pro primeiro ano e eu gostava muito de criança que não deixaram eu voltar, aí eu pulei que queria voltar pro segundo ano, que já era acostumada, mas aí “não vai não, de **jeito nenhum**”. **Foi um resultado maravilhoso.**

Entrevistadora: Aí no segundo ano, a senhora leciona de todas as disciplinas, não é?

Sra. Cândida: Ahamm?

Entrevistadora: Dava aula de todas as disciplinas?

Sra. Cândida: Tudo. Era tudo. As classe era assim: cada professora dava todas as disciplinas, terceiro ano; depois inventaram um tal de primeiro ano atrasado, primeiro ano adiantado que... as criança já vinha do jardim. A Zuleide, a professora Zuleide Pinheiro, você não conheceu não. A professora e a Barliz, a mulher do Abidul a Barliz mora no rio. Aí eu...cada professora dava todas as disciplina que tinha, que tava lá, de terceiro ano e tudo. Não era como Hoje, um é professor de matemática, outro é disso, daquilo outro não. Era cada qual pegava uma classe com toda as disciplina...primeiro desde o primeiro. Aí inventaram esses primeiro ano atrasado, primeiro ano médio, primeiro ano adiantado. Ave Maria isso é demais, né? 3 anos, 3 anos a gente no primeiro ano...isso é demais. E o serviço que a gente tinha: cada uns aluno que você tinha de 10, de 8, 9, 10 ano aí tocava de sorte de vim aqueles de 5 ano, de 6 anos, não sei de quanto. Teve uma professora que morreu há pouco tempo, eu me esqueci, eu tenho numa agenda, não sei se sumiu essa agenda, mas acho que eu tenho o nome dela. Era a professora Enedina? Enedina.

Entrevistadora: Foi, professora de matemática. Conheci. Ela deu aula pro meu filho.

Sra. Cândida: Aham?

Entrevistadora: Ela deu aula pro César Filho, no Instituto Santa Terezinha.

Sra. Cândida: Pois é. O César Filho? Ele, ele...

Entrevistadora: Aula de matemática.

Sra. Cândida: Ela dava aula de reforço pros menino do Osmar todinho. Quando ela morreu. Tu tava aqui, não?

Entrevistadora: Tava não.

Sra. Cândida: Quando ela morreu, o Osmar disse que o Anderson chorava, chorava que chamava atenção, entendeu? A Enedina era assim, um tipo, parecia uma caboquinha. A mãe dela, não me lembro o nome da mãe dela não. Eu trabalhava no Braz de Aguiar, ela foi minha aluna lá dentro da idade escolar, 7 anos, tinha um regulamento, até 7 ano podia matricular, achava aquilo, nunca combinei com aquilo não. Se fosse completar, tinha seis anos vai completar, tinha seis anos no dia 30 de junho, que junho só tem trinta, não é? Só tem trinta dia junho. Julho já tem 31, né? Se

fosse completar...tinha seis anos completo, se fosse completar no dia 31 ia fa, 6 anos no dia 30, tinha seis ano completo, mas não tinha os 7 ano.

Entrevistadora: Aham. Aí não entrava.

Sra. Cândida: Só por causa de um dia

Entrevistadora: Uhum. Aí não entrava.

Sra. Cândida: Perdia o ano todin. Não matricula mais. Agora se era no dia 30 de junho tivesse 7 anos aí matriculava. Vaia fazer 7 anos, ainda dia primeiro de julho. Isso são uma leis que eu nunca combinei com isso. Aí a Enedinha, a mãe dela era servente no Barão do Rio Branco, (palavras inaudíveis) a mãe dela vinha, com ela e deixava ela lá no Braz de Aguiar... primeiro ano lá e nunca mais me largaram do primeiro ano e comecei e amei mesmo porque eu gostava mermo era de criança, quanto menor pra mim assim era melhor. Aí ela deixava a menina lá e passava e ia pro o Barão do rio Branco. Então, ela achava que a mãe dela, também era professora, mas a mãe dela era servente. Aí ela dizia assim “eu (palavras inaudíveis), mas toda vida eu me espelhei na sua mãe, mim inspirei nela, mim espelhei nela, na sua mãe, na professora, Dona Cândida” aí lá, eu dizia, ela dizia assim “professora, Dona Cândida, professora, eu vou ser professora, eu quero ser professora, minha mãe, também é professora”, ela dizia, eu achava tão engraçado e elas conversando, na hora do recreio as menina ficavam conversando “não, ela não é professora não, ela é servente”, mas ela passava pra lá, ela não sabia o quê que ela fazia lá, nem nada, mas ela dizia “a minha mãe, também é professora, eu vou ser professora, eu vou ser professora como a senhora, eu quero ser professora como a senhora”. Só dizia isso, nunca esqueci isso. Pra você ver como é que são as coisa, aí nunca mais eu vi, parecia uma caboquia mermo, cabelo assim bem liso, morena mais escura que eu um poquinho, mas o cabelo liso, partinha assim e o negócio dela é que era ia ser professora como eu, nem como a mãe dela era, era como eu a fala dela é “que toda vida me espelhei na sua mãe” A minha surpresa um dia, a Regina Maia me convidou pra uma reunião no Braz de Aguiar, quando ela tava exercendo uma função de não sei de quê, a Regina, professora, ela foi até inspetora escolar. Me chamou pra reunião, eu digo vou. Fui...quando eu cheguei lá quem foi que viu eu conhecer as pessoas, eu sou péssima fisionemista, eu sou péssima fisionemista desde, desde todo o tempo. Aí, chegou aquela pessoa “Oh! Professora, Dona Cândida”, me abraçou, ela era mais

alta do que eu, mais forte do que eu, eu disse...agora faço como os outros, eu gosto de brincar, eu disse: eu te conheço? (risos) “Dona Cândida eu sou a, a...já esqueci o nome da menina

Entrevistadora: A Enedina, da Enedina que a senhora está falando?

Sra. Cândida: Aham? A Enedina, minha cabeça está desse jeito, eu tenho é desgosto.

Neta: Vó, a senhora então, com 18 anos terminou seus estudos, não é? O primeiro grau, não foi isso? Mas, depois a senhora resolveu fazer o Ensino Médio, não foi?

Sra. Cândida: Aham?

Neta: Depois a senhora resolve fazer, não foi?

Sra. Cândida: Eu não fazia porque não tinha aqui, não podia sair. Quem podia saía pra estudar fora e tudo. As pessoas que fazia esse ensino, esse estudo, esse aí que eu fiz, quando saía, chegava lá fora em Rio Branco pra lá onde tinha estudo, tudo fazia o maior, o maior papel de gente

Neta: Sim. Eram bem formados? Bem formados?

Sra. Cândida: Bem notados, bem formados... Aí ela disse “Eu sou Enedina”. Meu Deus! Ela me abraçou e tudo e eu beijei e ela dizia: “Seu Osmar eu, eu toda vida estudei me espelhando na sua mãe”. Quando eu disse que tinha esse projeto que ia publicar a cartilha, que a cartilha já está lá pra Rio Branco, não sei, mas, ainda não foi publicada nada não, esperando por esse manual aí eu adoeci e aí pronto. Já está com mais de ano que isso está bolando aqui e eu não cheguei a terminar.

Entrevistadora: Então, a senhora lembra qual foi o primeiro livro que a senhora leu?

Sra. Cândida: A carta de ABC, né. Eu comecei na carta de ABC aí vinha o primeiro livro, não tô me lembrando. Tinha as cartilha, eu sei que tinha as cartilha, falava na Sarita, Vidoca, um bocado de coisa assim.

Entrevistadora: Aí está. Aí a senhora virou professora quando a senhora terminou aí a senhora criou o seu método, foi?

Sra. Cândida: Eu fique, eu lecionei dois anos pela Prefeitura aí depois é que eu fui nomeada pela, pelo Território do Acre que, ainda não era estado, era território, fui nomeada professora e, depois fui nomeada federal, professora federal, eu tinha dois, dois... porque tem duas secretarias que permite dois é, acho que é a saúde e a educação, acho que a saúde e a educação são duas secretarias principais que uma depende da outra, coligada, não sei como. Uma é a interação da outra. Isso é

pensamento meu, ninguém disse, uma é a interação da outra. Se você não tiver saúde, você pode estudar? Doente, você não pode. Mas, se você tiver bem, tiver saúde e tudo, mas não pode estudar, não tem para onde você estudar, você pode aprender? Você se formou porque você vem frequentando todos os dias essas aulas, por isso você se formou. Sem uma a outra não pode funcionar, se você tiver doente, você não pode estudar e se você não estudar, não aprender, você não pode exercer a saúde, praticamente. Se não tiver saúde não pode estudar e, se não tiver saúde e estudar, souber, mas está doente, doente não pode estudar...uma é a interação da outra. E pra mim, a meu ver, o Chico Anísio, também dizia. Você conhece os problemas do Chico Anísio, não é? E fala e dizia e “o salário, oh, deste tamanhinho aqui”. As duas secretarias discriminadas, pra mim, são saúde e educação. Sem educação não pode ter saúde e sem saúde não pode ter educação. Pra mim, uma é a interação da outra.

Entrevistadora: Então, foi a senhora que criou esse manual aqui, a senhora usava esse aqui? A senhora dava aula:

Sra. Cândida: Esse daqui?

Entrevistadora: Sim. Esse daqui foi a senhora que criou. Esse é o seu manual?

Sra. Cândida: Esse eu tô fazendo agora. Eu tô criando agora.

Neta: O manual dela. A metodologia dela está toda aqui, na cabeça dela. A grande enciclopédia é ela mesmo.

Sra. Cândida: O método é meu.

Neta: O manual dela está com ela, né. E ela sempre teve um sonho de colocar isso no papel, mas agora, né, ela está muito devagar, nessa história toda, devido a idade aí se perde muita coisa, mas a metodologia dela sempre esteve com ela. Ela nunca concretizou em por, em publicar. Ela tem uma cartilha manuscrita, mas não e está aqui, e está em Rio Branco, né.

Sra. Cândida: Essa já foi revista lá e tudo e, ainda não foi publicada esperando esse coisa aqui, mas eu passei esse outro ano todin doente, passei três meses em Rio Branco, fiquei três meses sem saber o que que era aí fiquei internada lá no hospital oito dia aqui no Juruá.

Neta: Mas, a metodologia dela, na verdade, está com ela, está aqui na cabecinha dela.

Entrevistadora: A sua vida toda, a senhora foi só professora?

Sra. Cândida: Manual e guia do professor do Ensino Fundamental. Faz de conta. Aqui, esse faz de conta aqui foi eu que criei, personagem que eu criei pra mim mesmo. Projeto Básico Fundamental, aprendizagem. Primeiro, aprendendo a aprender com seis letras e faz de conta (interferências e som inaudível). Segundo, aprendendo a aprender e fazer. Aprendendo a aprender, isso está certo?

Entrevistadora: Sim. Aprender a aprender.

Sra. Cândida: Eu tenho que aprender para aprender. É vamos lá. (Dona Cândia faz leitura do objetivo do projeto dela). “Para a execução do projeto precisamos de professores determinados com as mesmas aptidões”. Eu tenho, ela tem você tem, eu sou porque eu preciso desse dinheiro, porque alguém me protegeu e quis dar esse emprego. “Para a execução do projeto precisamos de professores determinados com as mesmas aptidões e muito amor no propósito de assumir” ... eu passando assim a minha vista... (a entrevistadora termina a leitura da frase) “as responsabilidades do bom êxito e desenvolvimento de todas as atividades relacionadas ao projeto”. Ao projeto, pois, é. Se todo mundo tiver os mesmos sentimentos, o mesmo amor, a mesma, tudo nas atividades, com êxito mesmo. A minha cartilha, Beatriz ficou lá na APAE pra, que está pra ser publicada lá e a Beatriz dava aula por ela, elas criavam mesmo. Agora, o planejamento. Tudo que você vai fazer você tem...pra dar certo você tem que planejar, você tem que saber o que está fazendo, né? Isso daqui agora?

Entrevistadora: É.

Sra. Cândida: Planejamento. (Continua fazendo a leitura) “Todo material didático deve ser planejado e elaborado pelos professores sob orientação e treinamento até adquirir habilidade de criar, desenvolver, aplicar e transmitir com clareza conhecimentos ao nível de crianças a partir de 4 anos.” Não precisa nem 5, nem 6 ano, nem 7 como aquelas exigência lá. Depende da turma criança, também lá era, você recebia menino de 7anos, antes de 7, não. Era assim, um dia ficava o ano perdido. Que, que é isso? Aí eu esqueço do que eu falo, de crianças a partir de 4 anos, de 4 anos. Sim, era de todo aluno: de 7 ano, de 9 ano, de 10 anos, de 11 ano, de 12 ano, tudo era misturado, era... (Continua fazendo a leitura). Desenvolvimento. Após, após o período preparatório”...preparatório é o que vem a coordenação, aquela coisa tudo, meu tudo mais é cantando, não sou cantora, mas tenho um bocado de

piada aí comigo, mas eu gosto. “Após o período preparatório, as aulas serão iniciadas com um tipo de sondagem que permita ao professor conhecer mais ou menos a capacidade dos alunos através de cânticos, estorinhas”, que tem histórias são aquela que são verdadeira e tem as estorinhas que são que alguém inventa, que alguém lhe conta. História verdadeira com H e estas estorinhas é... “adivinhações, figurinhas como dimensões, formas e cores diversas, ruídos ou sons vários. Esse exercício poderá ser repetido até conhecermos a capacidade física”, está falando do aluno né, física, psicológica, social é aquela diferença do.. a criação com e outras, altos e baixos né, e emocional de cada criança, eu vou dar um exemplo aqui então, a mãe desse aí com o filho dela, ele estudava, começou no.. como era mermo?

Entrevistadora: Não, foi no Cristão Cruzeiro.

Sra. Cândida: Aonde?

Entrevistadora: No Cristão Cruzeiro.

Sra. Cândida: Cristão Cruzeiro

Entrevistadora: Aí depois foi pro outro colégio, o..

Sra. Cândida: Foi pra onde?

Entrevistadora: Ai como é que é o nome daquela escolinha?! É uma escolinha dos padres, eu não sei o nome dela que fica numa ladeira, esqueci o nome da escola

Voz do fundo: Aonde ali?

Sra. Cândida: Deixa eu dizer um negócio, a filha dela..

Entrevistadora: A Angelina.

Sra. Cândida: A mais velha era a Natasha, a minha princesa linda, é a Natasha, segunda é a..

Entrevistadora: Angelina

Sra. Cândida: Angelina que é linda e caprichosa, pra você vê a pessoa quando é, ela era pequenininha, aí quando ela cresceu a mãe e a filha tudo era a coisa mais linda nas fotos, pequenininha assim bem pequenininha e tudo mas caprichosa como eu nunca vi, estudou no Cristão Cruzeiro, aí quando eu tava, ela não estudou no Cristão Cruzeiro comigo não, estudou, estudou acho que estudou, menino a minha cabeça não vale mais nada não, eu sei deixa eu ir no caminho, aí ela tava estudando e o César, estudou comigo ela ia lá pra casa também e tudo, fazia ela e o Rony Filho,

aí o Rony fazia tudo bem depressa pra ficar brincando, e ela era aquele capricho aquela coisa, eu tenho o caderno dela aí, também ainda não

Entrevistadora: Não deu não

Sra. Cândida: Aí ela, a menina saía pra trabalhar, aí dizia: - Angelina tu ensina o César, ensina aí o César, a lição os trabalhos aí tu ensina. - Aí o César ficava, aí a Angelina dizia pro César: -Tu é burro! Tu és burro! Eu na tua idade, eu fazia tudo sozinha! - E não sei o quê. - Tu és burro! – Aí ficou, dizia que o menino era burro, aí ficou, agora está estudando o quê?

Neta: Medicina

Sra. Cândida: Medicina né, lindo. Aí ele ficou com aquilo, aí ele dizia pra professora dele: eu não quero nada não. – aí a professora dele não procurou conhecer psicologicamente, socialmente, e assim por diante, descobrir a criança, **o meio**.

Neta: A turminha dele toda tava lendo e ele não, aí ele se convenceu de que era burro

Sra. Cândida: Aí ele se convenceu de que era burro: - eu sou burro mermo meus colegas tudo sabe ler e eu não sei. – e ele era burro, aí falando pra mãe dela, pra Maria, aí a Maria disse: - Carlos leva essa menino pra mamãe. – aí a Karen falou: - é leva ele lá em casa. – ela passou, foi pra casa dos sogros, aí ele deixou de ir lá em casa, aí ele foi, eu fiz uma sondagem com ele. O menino respondeu tudo, não sabia ler não, mas eu fiz a sondagem com ele. Ele respondeu tudo direitin aí, quando ela passou eu disse taí o teu burro, não tem nada disso. Ele está ficando é complexado, isso faz mal mermo.

Neta: Sei que com uma semana, ele já tava lendo com ela. (risos)

Sra. Cândida: Com pouco tempo ele aprendeu a ler. O negócio era aprender a ele. Não tinha nada de burro.

Neta: E tava na turminha grande ali, que a professora não conseguia. Por conta da metodologia.

Entrevistadora: Dela. Porque uma semana com ela e já...

Neta: É. Em uma semana

Entrevistadora: A senhora tem quantos filhos?

Sra. Cândida: Filhos, eu tenho sete, ainda, mas criei 9.

Entrevistadora: Foi a senhora que alfabetizou todos, em casa ou foi na escola?

Sra. Cândida: Não alfabetizei nenhum, nunca me deram nenhum dos meus filhos para mim. As professora faziam a matrícula lá e pulava... a Juca, a Julieta, a Juca descobriu que a Nadir, a Nadir Brito, que já morreu, tirava os menino mais difícil e jogavam pra mim (risos). Aí eu tinha, eu tinha, a gente via que ela não gostava não aí a gente descobriu, até então eu não sabia que era isso não. Elas tiravam aquele que a gente via que era mais complicado e jogava pra mim porque sabia que se eu não desse um jeito...elas me penalizavam, mas era pra beneficiar aquelas... não fiquei com raiva não...pra beneficiar alguém.

Neta: As crianças.

Entrevistadora: Mas, o César filho é o seu filho que ela falou naquela hora, né? Que ela, também ajudou?

Neta: É. Uhum

Entrevistadora: Então, na questão em leitura?

Neta: Ela me alfabetizou, também.

Entrevistadora: Ela lhe ensinou, também? A senhora é neta?

Neta: É. Sou neta

Entrevistadora: Então, é o filho dela que é bisneto dela.?

Neta: É. E eu aprendi a ler na casa dela, eu ia pra casa dela, tinha cinco anos de idade. Nem estudava, ainda porque a escola não me aceitava porque eu não tinha idade. Eu ia pra casa dela com um caderninho e com 5 anos já sabia ler. Aí ei queria me matricular, meus pais queriam, mas a escola não me aceitava. A escola não me aceitava, mas eu já sabia ler.

Entrevistadora: E isso graças a Dona Cândida?

Neta: Sim.

Entrevistadora: E isso foi só com a senhora ou foi com os outros netos, também que foi assim?

Neta: Ah, teve vários, né. Teve vários netos, teve outros primos meus, também que foram alfabetizados por ela.

Entrevistadora: Mas, no seu caso foi em casa como em outros, também que foi em casa? Então, os filhos dela, em casa, ela também...

Neta: Não. Ela não alfabetizou os filhos dela, não viu ela falando. Foram alfabetizados por outros professores. Não por ela.

Sra. Cândida: Nunca.

Entrevistadora: Mas, por que eles não deixavam na sua sala porque não podia era? A mãe não podia alfabetizar os filhos na escola?

Sra. Cândida: Podia sim. Mas, eles não...

Sra. Cândida: Podiam, mas eles não botavam porque... minha classe já... Tinha um ano que eu tinha 43 alunos na minha sala de aula

Neta: Ela disse que que só escolhiam alunos complicados pra ela. Aí pelo que eu entendi, eles escolhiam aqueles que eram mais complicados pra aprender e jogavam pra ela. Os que tinham dificuldades. No caso, talvez os filhos dela não tivessem.

Sra. Cândida: Aí a Juca com aquela cara, imitando a voz da mulher “ei, a Nadir que escolhia e aí a gente jogava pra ela, a gente via que ela não gostava não, mas era o jeito que tinha porque se ela não desse um jeito...

Neta: Ninguém mais dava (risos)

Sra. Cândida: Não eu não fico com raiva não. Se foi pra proteger, pra ajudar, eu fico feliz.

Entrevistadora: Então, a senhora alfabetizava todos?

Sra. Cândida: Aham?

Entrevistadora: A senhora alfabetizava todos?

Sra. Cândida: Nunca. Nunca passei cem por cento e quando eu passava, olha... eu recebia alunos de primeiro atrasado como diz o outro e passava pra, passava...aí eu fiquei no primeiro ano, no primeiro ano atrasado mermo que dizer no que começava, não sabia nada, no primeiro ano atrasado e passava, ao final do ano, eu passava sabe pra onde? Pro segundo ano, 4, 5, 6 até 8 alunos. Agora, eu ficava tão apreensiva, ficava sempre perguntando: e o fulano como é que vai? “Ah, vai muito bem” e a fulana? “Ah, vai muito bem”. Eu ficava preocupada com aquele que encontrava dificuldade pra não pensarem que eu queria fazer número.

Neta: Agora, a minha lembrança...eu ia com tanta vontade lá pra casa dela porque eu ficava esperando aquela estorinha de cada, de cada vogal que ia encontrar com as suas irmãs, sabe. Então, tinha tudo uma magia... (fala entusiasmada)

Entrevistadora: Todo um cenário para ela poder ensinar?

Neta: Exatamente. Eu ficava naquela expectativa de ir pra ouvir. Era, cada letrinha tinha uma música. Tinha aquela expectativa de se encontrar com a irmãzinha e juntos iam formar um novo som. Então era tudo muito mágico.

Entrevistadora: Ela criava aquela vontade...

Neta: É. Eu tenho isso aqui muito presente na minha memória. Eu aprendi a ler muito aí não tinha idade, aí o Instituto Santa Terezinha não me aceitou, mas o grupo escolar que é a escolar pública me aceitou, só que aí entenderam que eu sabia ler, me pularam do primeiro, que foi um absurdo, eu acho, porque eu não tinha maturidade emocional pra sair do primeiro ano que eu lembro que a professora era excelente, também com toda aquela magia... aí mal entrei no primeiro ano, como eu sabia ler, acharam que eu estava muito adiantada, me jogaram para a segunda série aí foi, foi um impacto terrível. Ainda tenho um trauma dessa segunda série porque perdi todo o encanto, toda aquela magia, daquela coisa que tinha...

Entrevistadora: Toda aquela expectativa que tava?

Neta: É que tudo você aprendia brincando, era como fosse brincando. Aí quando me jogaram para a segunda série eu odeie porque era só escrever e escrever e olhar pro quadro e escrever aí eu chegava em casa e reclamava e reclamava. Eu tenho essa lembrança, mas que a minha alfabetização foi assim, um encanto. Eu tenho umas boas...era prazeroso pra mim, era muito prazeroso, era muito cheio de magia, de musiquinhas e, até hoje ela é do mesmo jeito, ela alfabetizando tem as músicas das letrinhas...tudo é musical dela.

Sra. Cândida: Tudo é cantado

Neta: Tudo é cantado, tudo é com música.

A partir dessa parte da entrevista (01h: 19m: 18s) Dona Cândida interage com a neta e a entrevistadora cantando e apresentando algumas músicas infantis que utilizavam em seu exercício diário de alfabetização.

Sra. Cândida: Aqui diz assim: ordens e boas maneiras. Primeiro: cântico saudando os professores e coleguinhas: "Entrando na nossa sala, cantamos com alegria, saudamos os professores, bom dia! Bom dia!"

Sra. Cândida: (cantando) – Ah sim, agora vou cantar. “Das notas que conheço, SÍ, DÓ, RÉ, DÓ SÍ, DÓ, LÁ, a canta-las eu começo SÍ, DÓ, RÉ, DÓ SÍ, DÓ, LÁ, canto RÉ, DÓ SÍ, DÓ, LÁ, SÍ, porém gosto mais do SÍ, SÍ, SÍ, SÍ, SÍ, SÍ, SÍ.”

Sra. Cândida: (cantando) – “No jardim da infância, onde não mora a saudade, crianças vivem alegre cantando, oh quanta felicidade. Brincam de roda, rolam no chão, vão no balanço da doce ilusão, jogam peteca, bola e peão, contam histórias do bicho papão, A, E, I, O, U, vamos todos aprender soletrando B, A, BA na cartinha do ABC.” Isso daqui eu cantava, essa letra não é minha, essa música não é minha, mas eu cantava. Que tinha um jardim de infância, meus filhos tudo estudaram no jardim da infância. A gente fazia uns cartazes com elas e colocava na parede. A sala toda preparada, tinha tudin. Tudo que a gente ia fazer tinha uns cartazes lá, na frente.

Sra. Cândida: (cantando) – “Bicho papão hoje está doente, bicho papão não escova os dentes, bicho papão não tem educação, almoça e janta sem lavar as mãos, eu não não, eu não, não, eu não vou ser como o bicho papão, eu não, não, eu não, não, eu não quero ser como o bicho papão.”

Sra. Cândida: – Isso era numa revistinha que eu comprei, bem pequeninha, umas cinco folhas. (cantando) “Somos cinco irmãzinhas que se querem muito bem, vivemos sempre juntinhas, sem fazer mal a ninguém.” Aqui são cinco irmãzinhas, aí você conta nos dedos assim, é fácil gravar porque cada mãozinha tem 5 dedos, vocês vão se lembrar, é só olhar pra mãos que elas estão aqui. Isso é um grupo de letras, aqui são letras, nós estamos aprendendo a ler e a escrever, conhecer as letras, saber fazer. Agora aqui ela está dando as características dela. “Eu sou toda redondinha como a bola de soprar, mas eu tenho uma trancinha que no chão vai arrastar. Veja só se me pareço com um peixinho do mar, se pareço você pode o meu nome adivinhar. Sou pequena, sou magrinha, mas de mim ninguém esqueça, pois eu tenho sempre um pingo bem por cima da cabeça. Eu também sou redondinha como a bola de soprar, mas eu tenho na cabeça um nozinho para o ar. O trenzinho quando apita vem correndo me chamar, veja lá se você pode o meu nome adivinhar.” Tem que adivinhar, não disse nome de ninguém, só as características.

Neta: Aí fica o suspense

Entrevistadora: Fica o suspense e aí o estímulo pra ele ir já...

Neta: E a criança fica naquela expectativa de querer saber o nome. Pra chegar até o nome é todo aquele encanto, né.

Sra. Cândida: Vamos adivinhar o nome das 5 irmãzinha. Isso é relativo a elas. (Dona Cândida fala como, se retornasse no tempo e se estivessem com os alunos em sala de aula) Vamos adivinhar o nome das 5 irmãzinhas? Vocês querem saber o nome delas? Não sou adivinhão, mas gosto de adivinhação. Vocês sabem de adivinhação, digam uma aí pra mim. Pois eu vou dizer uma pra vocês: “– O que é, o que é que tudo tem? Aí uns dizem uma coisa, outros dizem outra. Tu sabe o que que tudo tem? (direciona a pergunta para a entrevistadora)

Entrevistadora: Não.

Sra. Cândida: A Karen sabe, o que é Karen?

Neta: Tudo tem Nome. (risos)

Sra. Cândida: Não é não? Eu posso não saber, mas você e eu tenho. Aí como eles não sabem o nome, a gente vai ter que adivinhar como que tenham sido eles. Vamos reparar aqui, olha: “Vamos adivinhar o nome das 5 irmãzinhas? Responda se souber. O que o que é que tudo tem? É isto mesmo, tudo tem nome, né como se eles tivessem respondido porque eles não sabem e tem que saber. As cinco irmãzinhas são como nós, isso aí é o faz de conta, falam, brincam, dançam e estudam. Agora quero ouvir de vocês: isto é verdade? Elas tem vida fazendo tudo como nós? A gente mostra a figura...Aí eles...Ah! com o faz de conta sim. Chegou a hora de apresentá-las, uma de cada vez como se fossem realmente uma menina, aí mostra a figura, mas declarar o nome.

Sra. Cândida: (cantando) – “Cara redondinha, trancinha para cá, quem é essa menina ô maninha, A, A, A. Veja se me pareço com um peixinho do mar, quem é essa menina ô maninha E, E, E. Eu subo e desço com um pingo na cabeça, quem é essa menina ô maninha I, I, I. Eu também sou redondinha com um nozinho na cabeça, quem é essa menina ô maninha, O, O, O. Tenho uso das trancinhas as trancinhas da Lulu, quem é essa menina ô maninha, U, U, U.” Ah! Que beleza, agora nós sabemos o nome dela. Faz aquele uau, festeja, dar parabéns. O professor tem que ser criativo. Quem não é criativo não adianta ser professor, quem não gosta de criança...quer dizer: não tem professor só de criança, eu estou me referindo a minha classe de criança.

Entrevistadora: Isso aqui, olha é o cântico de fixação.

Sra. Cândida: O cântico de fixação. Conhece o canto: “Eu vou prá Maracangalha. Eu vou! Eu vou de uniforme branco, eu vou! Eu vou de chapéu de palha, eu vou! Eu vou convidar Anália, eu vou! Se Anália não quiser ir, eu vou só!” É antigo. Aí eu peguei essa música, aí eu fiz a minha letra. Eu fiz isso daí lá na Argentina quando eu fui naquela viagem...

Sra. Cândida: (cantando) – “Eu vou viajar eu vou, eu vou passear eu vou, eu vou convidar A eu vou, eu vou me divertir eu vou, mas se A não quiser ir eu vou só, eu vou só, sem a A mas eu vou. Eu vou viajar eu vou, eu vou passear eu vou, eu vou convidar A, E eu vou, eu vou me divertir eu vou, mas se A, E não quiser ir eu vou só, eu vou só, sem a A, E mas eu vou. Eu vou viajar eu vou, eu vou passear eu vou, eu vou convidar A, E, I eu vou, eu vou me divertir eu vou, mas se A, E, I não quiser ir eu vou só, eu vou só, sem A, E, I mas eu vou. Eu vou viajar eu vou, eu vou passear eu vou, eu vou convidar A, E, I, O eu vou, eu vou me divertir eu vou, mas se A, E, I, O não quiser ir eu vou só, eu vou só, sem A, E, I, O mas eu vou. Eu vou viajar eu vou, eu vou passear eu vou, eu vou convidar A, E, I, O, U eu vou, eu vou me divertir eu vou, mas se A, E, I, O, U não quiser ir eu vou só, eu vou só, sem A, E, I, O, U mas eu vou.”. Ante disso tem a coordenação motora.

Neta: ela tem a cartilha manuscrita, isso daqui é só um projeto para ensinar o professor a cantar.

Sra. Cândida: Serra, serra serrador, serra, serra por favor, eu só quero que não serre a careca do vovô...

Neta: É uma musiquinha isso daqui?

Sra. Cândida: É. Olha aqui: (cantando) “Serra, serra serrador, serra, serra por favor, eu só quero que não serre a careca do vovô”. Agora, oh: (cantando) “O meu lápis sobe e desce, sobe e desce se parar fazendo muitos ensinios e depois vai descansar”; (cantando) “o sapo pula, pula porque não sabe andar, veja as curvas que ele faz com seu jeito de pular”; agora aqui é o tubarão (cantando) “tubarão entrou no mar e fez grande confusão, coitadinhas das sardinhas começaram a pular”

Entrevistadora: Acho que assim era muito gostoso aprender. É tudo tão mágico assim, agora entendi quando tu falou que ficava...

Neta: Eu queria saber o próximo capítulo. (risos) Era tipo uma novelinha que você queria saber o que vai acontecer.

Sra. Cândida: Sabe da música?

Entrevistadora: Não.

Neta: Comece aí vó. (cantando) “Meus amiguinhos pequeninos vamos agora aprender como é que segura neste lápis pra escrever?”

Coordenação motora. Tem gente que pega de todo jeito, mão esquerda, direita...

“Meus amiguinhos pequeninos vamos agora aprender como é que segura neste lápis pra escrever?” Dois dedinhos ficam juntos...

Neta: Isso daí já outra música.

Sra. Cândida (cantando): “Dois dedinhos ficam juntos no papel a repousar, pois somente com três dedos é que o lápis vou pegar; faço um pouco de exercício com o lápis para um lado, da esquerda pra direita vou agora escrever, começando lá do alto pouco a pouco vou descer...”

Sra. Cândida: – Não sou adivinhão, mas gosto de adivinhação. “O que é, o que é, são três irmãos idênticos filhos do tempo, viajam sem parar, sem perder nenhum segundo, e nunca mudam de nome nem de lugar.” É uma adivinhação. Sabe? Sabe Karen, você sabe?

Neta: Sei. É o vento! Né? Não é o vento?

Sra. Cândida: É. Essa foi eu que inventei São três irmãos, idênticos, filhos do tempo. Viajam sem parar, nem perder um segundo e nunca mudam de nome, nem de lugar? É o próprio tempo. Os três irmãos o que, que são?

Entrevistadora: Presente, passado e futuro.

Sra. Cândida: Passado, presente e futuro. Não são três? São irmãos, né? Passa um, vem o outro e nunca mudam de lugar... eu achei que dava essa adivinhação. Resposta: é o próprio tempo passado, representado por lembranças vividas; tempo presente, o nosso dia a dia com objetivos vitoriosos, mais que vencedor em que tudo que dignifica em realidade, valoriza e enobrece o ser humano; tempo futuro, esperança transformadora de sonhos reais alicerçados em amor de Deus, à Pátria, à família e ao próximo.

Entrevistadora: Isso daqui a senhora colocou cantar.

Sra. Cândida: Cantar. Tudo aqui eu canto. (cantando): “Tempo passou criança, ele não vai voltar criança, chegou o presente crianças, vamos aproveitar crianças, vamos cantar crianças, vamos brincar crianças e mais que isso crianças, vamos estudar.”

Sra. Cândida: Queridas crianças, vocês conhecem o amigo faz de conta?... Ele é muito interessante. Gosto muito de criança, gosto. Seu programa de brincadeiras e mentirinhas é dedicado a vocês para facilitar a compreensão e aprendizagem das tarefas mais difíceis. Você inventa uma coisa, né e eles entendem melhor.

Sra. Cândida: Faz de conta que o tempo tem muita família, que o tempo tem família como nós, não são aquelas citadas acima, que são aquela tempo passado, presente e futuro, temos, ainda ontem, antes de ontem, hoje, amanhã, depois de amanhã, dia, noite, aí vai, anos, séculos, essas coisa...tudo é tempo, né? Já aprendemos muito, quero mais, as pessoas educadas sabem agradecer e é isso que vamos fazer. Obrigado querido Deus, obrigado querido professores, obrigado amigo faz de conta por tudo que aprendemos, tudo tem seu tempo, tocou a sineta é a hora do recreio, todos na ordem seguindo o trenzinho, seguindo até o refeitório; que bom lanchar e depois brincar, agora é só agradecer e comer. (cantando): “Meu lanchinho, meu lanchinho vou comer, vou comer pra ficar fortinho, pra ficar fortinho e crescer, e crescer; agradeço meu Senhor pelo meu lanchinho, aamém.”

Sra. Cândida: Não consigo trabalhar sem lembrar da histórias do amigo faz de conta. E lá vou eu com minhas adivinhações: o que é o que é, em quase todo tempo é manso, suave, carinhoso, agradável e aprazível. O mesmo, muitas e muitas vezes se despir, totalmente, daquelas belíssimas qualidades, tornando-se iracundo, implacável, impiedoso, terrível e destruidor?

Neta: É o vento. É o vento? É o vento. Você viu? Ela fechou os olhos pra falar isso. Ela tem tudo na cabeça dela. A senhora leu o que estava na sua cabeça, não foi? Ela colocou a mão aqui, fechou e leu o que estava na cabeça dela.

Sra. Cândida: Já viu isso daqui:

Entrevistadora: Não.

Sra. Cândida: Estimular as crianças através de cânticos e outras atividades. Música “Se essa rua fosse minha”: (cantando) “Se essa rua, essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava...”. “Olhe aqui”: (cantando) “Olhe aqui, olhe aqui esta figura, olhe aqui com muita atenção, vou guardá-la dentro do meu pensamento e, também dentro do meu coração”

Sra. Cândida: O amigo faz de conta inventa, mas não mente. Já ouviram falar do alfabeto? É um conjunto de 26 letras. Sem ele, seria impossível aprender ler e

escrever nossas cartas, poesias, livros, revistas, jornais para ajudar as crianças que tanto amam. Ele lhe ensinou a parcelar. Já temos o nosso alfabeto, agiremos como laboriosas abelhinhas e formiguinhas do bem usando todo material disponível e apropriado ao conteúdo com muita criatividade através de estorinhas, adivinhações, jogos, dramatizações e, principalmente cânticos. O meu projeto, é, inicialmente, é aprender a ler e escrever com seis letras: que são as cinco vogais e uma consoante de cada vez.

ANEXO 3**TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O SENHOR MANOEL VIEIRA DA SILVA
REALIZADA EM 05 DE FEVEREIRO DE 2022**

Entrevistadora: - Senhor Manoel conte como foi a sua infância? De onde o senhor veio? Como que foi toda a sua vida? Conte a sua experiência.

Sr. Manoel: - É, eu morei no seringal Grajaú. Eu nasci dentro do Ouro Preto, e no tempo que a minha mãe morava lá...eu nasci dentro do Ouro Preto, e aí com bem uns oito anos, ela adoeceu, minha mãe, nesse tempo não existia médico né, só aqui em Cruzeiro mermo, aí ela ficou muito inchada sei que ela, ela faleceu, aí nossa vó foi quem terminou de criar nós.

Entrevistadora: - O senhor morava só com a sua mãe ou com o seu pai também?

Sr. Manoel: - Não nesse tempo, porque ela já tinha deixado o meu pai, ela era junto com outro, que é o pai do Pedro e da Rita.

Entrevistadora: - Uhum

Sr. Manoel: - Aí nós moramo na companhia dela, aí no tempo que ela morreu, minha vó levou nós pra terminar de criar nós, nós era seis, seis irmãos, eu a Raimunda, o Chico, a Rosa, o Pedro e a Rita e mais uma que morreu quando, ainda era criança. Morreu afogada.

Entrevistadora: - E os seus avós eles eram daqui mesmo?

Sr. Manoel: - A minha vó é do Ceará, todos dois tanto ela quanto o meu avô, ela veio, ainda me lembro quando ela passou aqui em Cruzeiro do Sul, diz ela que tinha quatro casa, depois que ela veio do Ceará.

Entrevistadora: - Só quatro casas!

Sr. Manoel: - É. Eu cansei de ver ela dizer isso, que tinha só quatro casa quando ela passou aqui na cidade de Cruzeiro do Sul

Entrevistadora: - Aí ela foi morar lá no Ouro Preto?

Sr. Manoel: - Aí ela foi morar no seringal, aí o esposo dela cearense também, sei que casou com ele e não voltou mais. Vieram todos nós do Ceará.

Entrevistadora: Já casados?

Sr. Manoel: Não. Vieram solteiro, vieram solteiro, tudo duma vez só, vieram de navio.

Entrevistadora: Aí vieram de navio, se conheceram, foram para o mesmo seringal e depois que se casaram lá no Ouro Preto?

Sr. Manoel: Foi, foi assim mermo.

Entrevistadora: - Aí senhor morou toda vida no Ouro Preto?

Sr. Manoel: - Não, eu com a idade de bem dezesseis anos, dezessete, aí foi no tempo que a minha vó veio embora para dentro do Natal, pra casa do filho dela

Entrevistadora: - Natal fica onde?

Sr. Manoel: - Abaixo do Grajaú.

Entrevistadora: - Hum..

Sr. Manoel: - Ela veio morar com o filho dela, com o mais velho, filho dela que morava lá, aí eu fiquei mais o Chico, meu irmão. A Raimunda já tinha casado, a Rosa também, o Pedro mais a Rita também já tinha vindo embora pra cá, a Rita também, casou-se dentro do Ouro Preto ainda, e o Pedro veio casar-se aqui.

Entrevistadora: - Aqui em Cruzeiro?

Sr. Manoel: - Sim, aqui em Cruzeiro.

Sr. Manoel: - Aí teve um tempo que o Chico se casou, ainda morei uns anos mais ele, aí fui trabalhar só por minha conta, cortar seringa.

Entrevistadora: - Onde o senhor morava quando cortava seringa?

Sr. Manoel: - Morava na, no Apuí, numa colocação dentro do Grajaú por nome Apuí.

Entrevistadora: - O senhor ficou muito tempo nessa colocação, cortando seringa?

Sr. Manoel: - Não sei quantos anos eu passei, ainda passei bem uns, primeiro cortei mais o Chico, depois ele saiu, casou-se, aí eu fiquei cortando só, aí passei, nem lembro mais quanto tempo eu fiquei lá trabalhando ainda, aí vim pra Esperança, morar na Esperança.

Entrevistadora: - Nesse tempo o senhor ainda era solteiro?

Sr. Manoel: - É. O Chico, é, aí o Chico veio pra Esperança aí eu voltei, e vim trabalhar mais ele de novo na Esperança, ainda trabalhei bem uns dois anos mais ele ou foi três, cortando seringa, aí foi no tempo que ele foi embora pra margem do rio, lá pra fora né, aí eu fiquei lá na Esperança, aí eu fui cortar em outro canto numa colocação por nome Vinte Quatro, dentro do Fogoso, outro garapé por nome Fogoso, fluente do Grajaú, lá eu trabalhei bem uns três anos ou foi quatro, cortando seringa, aí eu voltei.

Entrevistadora: - Aí o senhor voltou para onde? Pra Esperança?

Sr. Manoel: - Voltei pra Esperança de novo, passei, não sei quantos anos, foi bem uns três, aí foi no tempo que eu vim pra beira do rio né, aí tava, me ajuntei com a Dilma

Entrevistadora: - Hum. Aí quando o senhor se casou com a sua esposa, o senhor ficou morando onde?

Sr. Manoel: - Com a Dilma?

Entrevistadora: - Sim

Sr. Manoel: - Eu morava lá no Grajaúzinho, onde ela morava mais a mãe dela, aí fizemo uma casa lá né, o chaga já tinha uma casa lá, aí fizemo só desmanchar, fizemo a casa encostada na beira do rio, fizemo a casa encostado da Dona Duvirge, a mãe da Dilma.

Entrevistadora: - O senhor teve quantos filhos?

Sr. Manoel: - Três. Tive três filhos: a Gleice, o Gleisso e a Manuzia, a mais nova.

Entrevistadora: - E durante todo esse período, o senhor teve a oportunidade de estudar?

Sr. Manoel: - Não, assim, eu ainda estudei, num sei nem quantos mês foi no Grajaúzinho, no tempo que eu, aquela professora, num tem aquela professora a Lisângela que morava no Triunfo, mas foi pouco tempo, acho que não deu, acho que o máximo que deu foi uns três mês de aula.

Entrevistadora: - Mas o senhor já casado? Já idoso?

Sr. Manoel: - Já. Eu já era casado com a Dilma já, foi uns anos atrás.

Entrevistadora: - E na sua infância o senhor teve oportunidade de estudar?

Sr. Manoel: - Não, na minha infância não, nunca tive.

Entrevistadora: - Mas por quê? Não tinha escola no lugar em que o senhor morava?

Sr. Manoel: - Ah! Na minha infância tinha escola, mas, ficava longe, ninguém ia lá para, dentro do Ouro Preto pra vim estudar. A professora que tinha nesse tempo, era a Dona Fátima do Seu Ruben, que dava aula lá no posto Said, aí, qual era a outra que tinha? Parece que no Belo Horizonte tinha outra, no tempo era as conhecida que tinha.

Entrevistadora: - Era longe o acesso?

Sr. Manoel: - Era longe, acho que dava mais de três horas, umas três horas de onde a gente morava, para foz do Belo Horizonte. E não tinha nem barco, nem nada que levasse a gente, não.

Entrevistadora: - Aí ficava difícil, não é? Estudar nesse tempo.

Sr. Manoel: - Aram! Muito difícil.

Entrevistadora: - E hoje Senhor Manoel, o que é que o senhor acha da importância do estudo? O senhor gosta de estudar? O senhor estudou depois que chegou na cidade?

Sr. Manoel: - Eu já estudei depois que eu cheguei aqui já.

Entrevistadora: - O senhor veio pra cá em que ano? Faz muito tempo?

Sr. Manoel: - vim para cá em 2008. Aqui, ainda estudei com, foi com três professoras, mas uma era a Lisane, aquela que é a namorada do Sullivan, da irmã Izamilde, mas foi por poucos dias, aí estudei com a professora, não sei nem quantos mês foi, a professora Rosilene, que mora ali detrás do posto de Saúde, estudei com a Michele, com a Michele foi com quem eu aprendi a fazer o meu nome, a filha do Seu Zé Lucas.

Entrevistadora: - E isso tudo aqui já na cidade?

Sr. Manoel: - Tudo aqui na cidade

Entrevistadora: - O senhor estudou no MOVA que o senhor disse, não foi?

Sr. Manoel: - Uhum. Foi, foi no MOVA. Ainda tenho meu material aqui em casa que recebi da escola.

Entrevistadora: E senhor, ainda estuda no seu material?

Sr. Manoel: Estudo. De vez em quando eu pego neles para relembrar algumas coisa e não esquecer do que já sei.

Entrevistadora: - E o senhor acha importante estudar? O senhor gosta de ler?

Sr. Manoel: - É, eu gosto, eu gostava porque agora não estudo mais, porque..

Entrevistadora: - Entrou a pandemia, também não foi?

Sr. Manoel: - Foi, entrou a pandemia e dificultou.

Entrevistadora: - E assim... o que foi que o senhor, o que foi que lhe motivou a estudar? O que era que o senhor mais queria fazer quando o senhor pensou em estudar?

Sr. Manoel: - Eu queria fazer, só mermo pra mim aprender, a ler algum, ler uma palavra né, meno ler a palavra da Bíblia, mas isso eu, ainda não aprendi, a ler a Bíblia.

Entrevistadora: - Mas o senhor disse que já consegue fazer o seu nome, não é?

Sr. Manoel: - O meu nome eu já consigo, eu faço, consigo fazer.

Entrevistadora: - E isso para o senhor é importante?

Sr. Manoel: - É mermo.

Entrevistadora: - Por que o senhor acha que fazer o seu nome é tão importante?

Sr. Manoel: - É porque, porque as vezes a gente precisa né, no documento, a gente precisa assinar, precisa da assinatura da gente.

Entrevistadora: - Não precisa ficar colocando a digital né?

Sr. Manoel: - É, não precisa ficar colocando a digital, o dedo, né?

Entrevistadora: - O senhor já consegue ler alguma coisa, hoje em dia?

Sr. Manoel: - Não, quer dizer, o que eu ainda leio é o meu nome, e alguma palavrinha que eu leio, essas mais fácil, lá na rua tem aquelas placas né de...de...

Entrevistadora: - De trânsito.

Sr. Manoel: - Arram! De trânsito de..

Entrevistadora: - Que placas, o senhor já consegue ler? Fale um exemplo.

Sr. Manoel: - Já leio PA-RE, PA-RA-DA (aqui o senhor Manoel fala as palavras de forma soletrada).

Entrevistadora: - O senhor gosta de ouvir leituras Senhor Manoel? O senhor gosta que alguém leia para o senhor?

Sr. Manoel: - Ah, eu gosto. Eu gosto muito. Queria muito aprender a ler direito.

Entrevistadora: - Por que o senhor acha que a leitura é tão importante? O que o senhor acha?

Sr. Manoel: - Porque é bom a gente saber né, saber alguma coisa, ler uma palavra, alguma coisa, eu tinha mais vontade de aprender pra mim ler, ler a leitura, os versículo da Bíblia, mas, ainda não aprendi, não cheguei, ainda.

Entrevistadora: - Mas, assinar o nome para o senhor já foi uma vitória, não é?

Sr. Manoel: - Foi, foi uma vitória.

Entrevistadora: - Quando o senhor começou a estudar, já na sua velhice, já idoso, o senhor sofreu algum preconceito, alguém dizia que não adiantava mais?

Sr. Manoel: - Não, não vi não. Umas pouca vez que escutava um ou outro que vinha aqui em casa dizer que não adiantava mais, mas eu não ligava. Mas, preconceito mermo não. Eu ainda tive foi a... a professora fazia, a última professora que eu estudei, a Michele, dizia que eu era inteligente, inteligente assim, que eu não perdia nenhum dia de aula, né? Que eu tinha vontade de aprender.

Entrevistadora: - E o senhor ainda continua com essa vontade de aprender?

Sr. Manoel: - Uhum, se der.

Entrevistadora: - Sempre, não é Seu Manoel?

Sr. Manoel: - Sempre.

Entrevistadora: Bem, o senhor disse que não teve chance de estudar na sua infância porque as condições eram muito difíceis e o senhor conseguiu, já na sua velhice, estudar através disso o senhor consegue assinar seu nome, ler algumas palavras. Mas, diante disso, o senhor considera que a educação é importante, estudar é importante?

Sr. Manoel: É. E muito importante.

Entrevistadora: O senhor colocou os seus filhos para estudarem?

Sr. Manoel: Coloquei. Uma estudou aqui, na cidade. Morava uma cumade minha aqui, que era madrinha dela, aí ela veio morar com a madrinha dela; com o padrin dela, pra estudar aqui; aí terminou os estudos dela aqui. Ela, também, estudou lá em cima, no Grajaú, onde nois morava, na Flora aí foi o tempo em que ela veio pra cá, acho que ela tinha bem uns 8 anos, acho que ela tinha a base de uns 8 ano, quando veio estudar aqui em Cruzeiro, aí terminou os estudos dela aqui mermo. E o outro, era a Gleiciane e o Gleisson, o Glesson, também estudou aqui na cidade. Agora, a outra mais nova estudou lá aí foi o tempo que viemo embora pra cá e ela terminou de estudar aqui. Terminou os estudo dela aqui mermo, a Maria Manuzia, a mais nova.

Sr. Manoel: E qual o conselho que o senhor deixa para essa geração jovem em relação a educação e a leitura Senhor Manoel?

Sr. Manoel: Meu conselho é pra eles estudar que é muito bom o estudo. Ler é muito bom. Aprender. O estudo é muito importante.

SEGUNDA ENTREVISTA COM PERGUNTAS SEMIESTRUTURADAS REALIZADA EM 12 DE JUNHO DE 2022

Entrevistadora – Boa tarde Senhor Manoel!

Sr. Manoel - Boa tarde!

Entrevistadora – Vamos falar um pouquinho hoje sobre a leitura. O senhor já leu algum livro?

Sr. Manoel - Não.

Entrevistadora – Por que que o senhor nunca leu?

Sr. Manoel – Porque eu não sei ler, eu leio alguma palavra.

Entrevistadora – Mas o senhor gosta de ler? O senhor disse que consegue ler algumas palavras, o senhor gosta de ficar lendo essas palavras?

Sr. Manoel – Gosto. Sempre eu leio, as palavras que eu sei, sempre eu gosto de ler.

Entrevistadora – É... o senhor lembra, quando foi que o senhor conheceu o primeiro livro?

Sr. Manoel – Lembro. Eu morava no seringal ainda, agora eu não tô lembrado em que ano foi...

Entrevistadora – Mas o senhor conheceu ele aonde? Na escola?

Sr. Manoel – Na escola. O primeiro livro que eu estudei com a professora.

Entrevistadora – Logo quando o senhor começou a estudar lá?

Sr. Manoel – Foi.

Entrevistadora – Aí ela lia pro senhor na sala?

Sr. Manoel – Lia. Sempre ela lia.

Entrevistadora – E depois disso que o senhor estudou lá e teve esse contato inicial com a leitura, depois disso o senhor ainda teve algum contato? Como foi o seu contato com a leitura?

Sr. Manoel – Tive, mas depois que vim pra Cruzeiro, que estudei de novo com outra professora.

Entrevistadora – Aí com essa outra professora, ela lia para o senhor também?

Sr. Manoel – Lia. Sempre ela lia. Livro de... livro mesmo de leitura, livro de história (historinha).

Entrevistadora – O senhor lembra de alguma?

Sr. Manoel – Lembro só de uma.

Entrevistadora – Qual é que o senhor lembra?

Sr. Manoel – Aquela que diz: “A casinha da vovó, cercadinha de cipó, o café tá demorando com certeza não tem pó.” Isso aí tudo ela lia, que era pra mim fazer (copiar) e ler também no caderno.

Entrevistadora – Ela lia e o senhor ia copiando e repetindo também?

Sr. Manoel – É, repetindo.

Entrevistadora – O senhor gosta de ouvir essas pessoas lerem em voz alta?

Sr. Manoel – Eu gosto.

Entrevistadora – Por que o senhor gosta? O senhor aprende com isso? Por que que o senhor gosta de ouvir?

Sr. Manoel – É porque eu tenho vontade de aprender.

Entrevistadora – Fora essas histórias que o senhor ouvia na escola, o senhor disse que gosta muito também de ouvir, em outra entrevista né, ouvir histórias bíblicas. O senhor gosta ainda de ouvir?

Sr. Manoel – Gosto de histórias bíblicas.

Entrevistadora – Como é que o senhor prefere, o senhor disse que consegue ler algumas palavras né isso?! Como é que o senhor gosta de ler essas palavras? Em silêncio ou em voz alta?

Sr. Manoel – Em voz alta.

Entrevistadora – O senhor faz isso sempre em casa?

Sr. Manoel – Sempre eu faço, quando eu me lembro sempre eu faço.

Entrevistadora – O que é que o senhor nos diz acerca da importância da leitura, o senhor acha que ler é importante?

Sr. Manoel – É importante!

Entrevistadora – Por que que o senhor acha que é importante?

Sr. Manoel – Porque é importante a leitura né.

Sr. Manoel – Porque... porque eu gosto que é a leitura né. A leitura faz a gente ver as coisas, os lugares né, pra outro estado, pra outra cidade.

Entrevistadora – Então o senhor acha que a leitura faz com que o senhor faça essa viagem em outros lugares, conhecer pessoas e tudo mais, é isso?

Sr. Manoel – É conhecer cidade.

ANEXO 4

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O SENHOR RAIMUNDO CORRÊIA DE MORAES EM JANEIRO DE 2022

Entrevista realizada por sua filha Maria Ana e cedida por ela, juntamente com a professora Maria José

Sr. Raimundo: É. A história que eu lembro um pouco da minha vida é que meu pai era cearense, veio do Ceará com os meus pais e três irmão e, na viagem o pai dele faleceu. Faleceu a bordo do navio que eles viam pro Amazônia e a minha avó achou que devia continuar a viagem pra, pro Acre, né? Eles continuaram a viagem..

Entrevistadora: Mas, o destino deles era o Amazonas, era?

Sr. Raimundo: O destino deles era o Amazonas, era vim pro Acre. E, eles ficaram numa região no vale do Juruá por nome Euruburetama lá moraram nessa Euruburetama, e meu pai com o rapaz, e chegou a ver a minha mãe que morava em Cruzeiro do Sul com uma família em Cruzeiro do Sul, e simpatizou ela, e findaram casando. Quando ele se casou com a minha mãe foram morar no Juruá Mirim, no afluente do Rio Juruá, numa colocação por nome Açaí, e lá eu nasci no Açaí, não sei quantos anos eles moraram nessa colocação por nome Açaí. Sei que voltaram, baixaram mais um pouco pro, pro nome de estirão Santo Antônio, nesse estirão Santo Antônio ele viveu até, quando eu tinha a idade de 12 anos ele adoeceu e nós baixamo pra Cruzeiro do Sul, eu tinha outros irmãos. Nessa época eu tinha 12 anos de idade, aí baixamo pra Cruzeiro do Sul, ele ficou doente na casa da minha tia, por nome Sinhoria, irmã da minha mãe, e ele veio a falecer dessa doença, não houve jeito, e eu fiquei com 12 anos de idade. Voltamos pra mesma colocação estirão do Santo Antônio Rio Juruá Mirim e, lá eu continuei, continuando trabalhando, minha mãe viúva, e meu irmão mais velho já, já tinha casado, casou-se aliás, e eu fiquei com o meu irmão Antônio Moraes mais velho que eu dois anos, aí lá eu fui trabalhar, cortar seringa os dois, não me lembro quantos anos nós ainda ficamo nessa colocação, mas sei que de lá nós, era várzea, deu uma alagação muito grande, chegou a cobrir o assoalho da casa e, as plantaçoão que a gente tinha, pelo meno a roça, aterrou tudo, a gente perdeu

tudo no aterro, depois da alagação. Aí nós resolvemos se mudar pra uma terra firme que ficava mais abaixo, lá fizemos casa, fizemos aviamento pra casa de farinha, e não me lembro mais quantos anos a gente ainda ficou, nessa colocação, nesse lugar, abaixo do estirão Santo Antônio, e até que resolvemos é baixar de lá e morar no seringal Lucânia, no Rio Juruá, lá onde já morava o meu tio Antônio Moraes e viemos pro Rio Juruá. Lá eu... cheguei a inoivar, com a minha esposa Antônia Moraes, e nos casamos, ainda morei um ano com a minha mãe, e aí no segundo ano eu fui cortar siringa numa colocação por nome Mucuripe, duas horas de viagem, ao lado esquerdo do Rio Juruá quem vai subindo. Lá eu trabalhei um ano, e fim do ano eu voltei pra casa da minha mãe, aí resolvi ir cortar siringa no Igarapé por nome Papagaio, numa colocação por nome Cacaia, a última colocação desse Paranã. Aí já casado, cortei siringa um ano nessa colocação, segundo ano eu me mudei pra uma colocação por nome São João, essa colocação ficava no varadouro, que ia da Cacaia das cabeceiras do Paranã Papagaio pra o Rio Branco do Juruá Mirim. Trabalhei um ano nessa colocação São João.

Entrevistadora: Quem era o seu patrão?

Sr. Raimundo: Meu patrão era o Ildo Mota, Ildo Mota. No final do ano, eu resolvi morar, cortar siringa numa colocação por nome Velho Chico, Velho Chico é um igarapé afluente do Rio Branco, esse Rio Branco sai nessa localidade por nome Rio Branco, sai o Paranã Rio Branco, sobe-se no Rio Branco e já muito no alto do igarapé Rio Branco entra no Velho Chico a direita de quem vai subindo, e eu morei na última colocação acima da cachoeira aonde, antigamente, se tirava muita pedra de amolar, em cima da cachoeira duas horas de viagem. Lá cortei siringa um ano, no final do ano eu saí de lá e vim morar no Aideota, aonde morava o meu sogro já, irmão José Bezerra. Lá eu passei, talvez que um ano e voltei pro Santontoin, morei uns tempo no Santontoin bem próximo onde eu já tinha morado, aí de lá resolvemos descer de novo pra Aideota já com o sentido de vim embora pra Cruzeiro do Sul. E isso aconteceu, descemo pra Cruzeiro do Sul de muda, e Cruzeiro do Sul, eu passei um tempo muito difícil porque não tinha profissão, e muito ruim de trabalho, mas mermo assim, com muito sacrifício a gente conseguiu vencer essa etapa.

Entrevistadora: Diga onde o senhor trabalhou quando chegou a Cruzeiro?

Sr. Raimundo: Eu trabalhei avulso, brocando quintal, fazendo essas coisas assim, e muito difícil, mas conseguimos passar esse tempo, e trabalhei com Seu Adílio Badarane, com construção, serviço de servente, e depois chegou a Comara pra construir a pista interacional de aviação e a gente conseguiu um emprego lá, eu e meu cunhado, o Jaime. Trabalhamos um ano e oito meses até concluir todo o trabalho. Por lá eu tive a oportunidade de trabalhar com os carpinteiros e aprendi alguma coisa. Quando terminou todo serviço da, da, da construção da pista, o povo era da aeronáutica, quase todo mundo militar, e eu quando saí de lá já comprei uns ferro e comecei a trabalhar fazendo casa, nunca aprendi trabalhar de pedreiro, mas carpinteiro eu desenvolvia bem, E nesse tempo chegou em Cruzeiro do Sul a Petrobrás, a Petrobras né? A Petrobrás, e meu cunhado já trabalhava no hotel Sandras do velho Jamil, grande empresário e por lá esse pessoal, uma grande parte ficaram no hotel Sandras. E lá o Jaime, que era irmão da minha esposa, ele conseguiu uma lavagem de roupa do pessoal pra ela, e foi no tempo que a gente ganhou um dinheiro razoável porque eles pagavam bem, e ela ficou muito tempo lavando roupa pra esse pessoal e engomando, deixando tudo direitin e eu trabalhando. Aí quando eu nem pensava chegou a firma, a Mechedes em Cruzeiro do Sul, e eu soube que eles estavam contratando e eu fui lá e fui contratado pra trabalhar de vigilante, aí fiquei nessa firma, da Mechede passou pra Norsegel e eu consegui ainda trabalhar nessa firma, é quase vinte anos, dezoito anos e oito meses, carteira assinada, e...é, antes de, deu engajar na Mechede, eu fui contratado pelas freiras pra trabalhar no colégio infantil, trabalhei quase um ano nesse colégio até terminar o colégio de dois piso.

Entrevistadora: Na construção né?

Sr. Raimundo: Am?

Entrevistadora: Na construção do colégio?

Sr. Raimundo: Na construção do colégio, de carpinteiro, aí de lá foi que eu, já tava pertim de terminar o prédio, aí chegou a Mechede aí eu fui contratado na Mechede aí pronto, não faltou mais, não faltou mais trabalho, não faltou mais nada, Graças a Deus . Aí a gente, eu trabalhei esse tempo, aí resolvi a sair, já com a intenção de vim pra Rio Branco, ainda, quando eu saí da Norsegel, ainda recebi um dinheiro razoável, montei uma oficina, marcenaria, trabalhei uns tempo na marcenaria na frente da minha casa, e...aí resolvi vim pra Rio Branco passar dois anos em Rio Branco na casa do

meu filho que, que tava desocupado, ele tava morando em Salvador Bahia, aí eu vim pra passar dois anos em Rio Branco. Quando eu cheguei em Rio Branco fui contratado pra trabalhar de vigilante com os índios

Entrevistadora: Na UNIR, né?

Sr. Raimundo: É, na UNIR, eu trabalhei quase dois anos com os índios. Aí quando terminou, caiu em falência aí deram baixa na minha carteira, pagaram meus direitos, e eu, aí passei pra trabalhar de carpinteiro novamente, com sessenta e cinco anos consegui um benefício do INSS, fui aposentado, e a minha esposa trabalhava na saúde, completou tempo de serviço, ela também foi aposentada, aí parou de trabalhar, mas eu fiquei sempre trabalhando, mas veio chegando a idade, eu tive dificuldade pra trabalhar e findei parando. E hoje, pela misericórdia de Deus sou aposentado, já não tenho mais a minha esposa, ela faleceu, mas vou levando a vida, tenho uma família abençoada, meus filhos, Deus usou todos para serem bem-sucedidos, e me ajudam no que podem, e não falta nada, nada, absolutamente nada, Graças a Deus. E hoje tô aqui viúvo, e os meus planos é passar o resto da minha vida com os meus filhos e, viajando pra Cruzeiro do Sul passo uns dias em Cruzeiro do Sul, passo uns tempo em casa, se Deus permitir no fim de Setembro irei passar uns dias com meu filho em Porto Velho, até o dia em que Deus também me chamar pra ir pra Glória, é esse o meu relatório de até onde eu me lembro.

Entrevistadora: Agora o senhor vai falar sobre...

Sr. Raimundo: (risos). Nessa minha, nessa minha andança pelo seringal, passei por muito tempo difícil na minha vida. Quando eu cortava seringa na colocação por nome São João, certo dia sai pra cortar, e pelas oito horas da manhã eu caí de um trapé da seringa com quatro metro de altura, caí em cima de uma raiz da própria seringa fiquei sem condições de me levantar, era aproximadamente vinte minutos a pé pra casa. Isso aconteceu pelas oito horas da manhã, eu fui chegar em casa me arrastando pela, pela folha onze horas da manhã. E mim colocaram numa rede, eu passei a noite e (pausa) comecei a passar mal, choqueando meu corpo sem um mínimo governo na na, do lado que fui afetado pela pancada, a perna esquecida completamente, aí resolveram a me levar pra Rio Branco.

Entrevistadora: Pra Cruzeiro do Sul?

Sr. Raimundo: Pra Rio Branco, lá pra onde estava meu patrão que ele era farmacêutico e a minha irmã morava lá em Rio Branco.

Entrevistadora: Na colocação?

Sr. Raimundo: É no Juruá Mirim, aí me tiraram numa rede, era três horas de viagem, eu passei isso foi no começo do mês de outubro eu fiquei o mês de outubro todim no fundo de uma rede tomando injeção um dia otu não, injeção de bezetacil, pelo próprio patrão, o Ildo Moto. No final de outubro eu consegui andar, me segurando nas paredes, aí voltei pro cento, lá pro São João, trabalhei o resto do ano.

Sr. Raimundo: E outra coisa que eu me lembro, é que quando eu morava no seringal de Lucania, na colocação Jacuí, tinha os meus primos, os meus primos que moravam lá também, e eu tinha muita intimidade com um deles que era o mais novo por nome Francisco apelido de Fanico, e nós serrava, e uma certa ocasião nós tava serrando na beira do lago, serrando madeira e ele serrava de cima e eu de baixo e a gente começava a serrar e começava a teimar um com o outro (risos), (falando rindo). Aí ele “dicia” e nós se pegava, ia pegar queda de corpo (risos) até nós, até injuar, (risos).

Entrevistadora: Só na brincadeira?

Sr. Raimundo: Só na brincadeira (risos). (falando rindo) Aí quando tava injuado de se sarrabuiar pela folha, hora era eu por cima dele hora, outa hora era ele por cima de mim aí nós (risos)...

Entrevistadora: Medindo força?

Sr. Raimundo: Medindo as forças (risos) só na brincadeira, só nós dois, aí (riso) pulava dento do lago, tomava um banho e voltava pra serrar de novo (risos). Eu nunca esqueci disso (risos).

Sr. Raimundo: Outa ocasião que eu passei, inclusive foi à hora mais difícil da minha vida, que meu filho segundo, primeiro filho Estanilal tinha aproximadamente três anos de idade, quando nós morava no Juruá e fumos lá pro Irmão Zé Bezerra na Aldeota, Juruá Mirim, e lá a Antônia ganhou o Adonias (pausa).

Sr. Raimundo: (a voz feminina fez um comentário não audível). Não, nesse tempo era o Adonias.

Entrevistadora: O Adonias é depois da Gorete?

Sr. Raimundo:

E nós descemos, descemos pra subir no Juruá e ir pra casa, antes de nós sair do Juruá Mirim, eu dei um banho no Estanilal, a água do rio limpa, e dei um banho nele, troquei a roupa dele e (pausa) continuei a viagem, daí ele começou a cuchilar, nós já tava na ponta de cima de uma praia por nome prainha, o Juruá tava chei, chei de loro, só ficava com olho de fora e de frente o Maciel Gomes, ele tava com a, construindo uma baliera e nessa hora tava um uma motorizada, aquela zuada de motor e eu pelo lado da praia remando e quando eu...

Entrevistadora: O senhor vinha remando na frente ou atrás?

Sr. Raimundo: Eu vinha remando na frente e minha esposa na popa da canoa com a criança nova no braço e eu coloquei o Estanilal sentado em cima de uma mala e ele cuchilo e virô. Quando eu escutei o grito da minha esposa que eu mim virei só vi os pés dele, ele caiu n'água e fundou (pausa). E eu não tive outra coisa coisa a fazer, soltei o remo e cai n'água e mergulhei em direção da, em direção dele, nesse tempo eu tinha muito forgo, muito forgo mesmo e disse, fui im baixo num topei ele, aí faltou forgo eu subi, quando eu subi olhei pra baixo a minha esposa chorando na popa da canoa. Aí eu na minha vista eu vi um rebojo assim como que tivesse sido ele que tivesse vindo na flor d'água, aí eu mergulhei na direção, aí encontrei ele já em baixo, na lama, aí peguei ele e subi (pausa). Já tinha bebido muita água, aí botei ele na canoa e subi e fiquemo na casa da Dona Chaguinha que era abaixo da nossa casa, isso já umas seis horas da tarde. Lá elas colocaram ele de cabeça pra baixo, ele butou muita água pela boca e não consentiram mais nois sair de lá, nois durmimu lá. Foi um momento muito difícil da minha vida, só pela misericórdia de Deus. Hoje eu acredito que Deus tinha um plano na vida dele, tanto quanto na minha vida e eu consegui resgatar ele das profundeza das água e hoje é um homem de Deus, missionário em Porto Velho, toda a família crente em Cristo Jesus, graças a Deus. As poucas coisas que me lembro na minha vida (risos).

Entrevistadora: Perfeito, graças a Deus.

A ENTREVISTADORA LEU UM FRAGMENTO DO LIVRO MORTE E VIDA SEVERINA.

Sr. Raimundo: É a minha experiência que eu é que me lembrei de quando nois viemos de Cruzeiro aqui pra Rio Branco. Eh esperando uma vida melhor, né? Na realidade a gente conseguiu essa vida melhor. E estarmos aqui até agora.

Entrevistadora: Certo. E, em relação a leitura?

Sr. Raimundo: A leitura, eu achei sem falta (risos). É nota 10.

Entrevistadora: Já tinha ouvido falar daquele livro?

Sr. Raimundo: Não.

Entrevistadora: Uhum. Lembra como é que é o nome dele?

Sr. Raimundo: Não estou lembrado agora.

Entrevistadora: Morte e vida Severina, né?

Sr. Raimundo: Morte?

Entrevistadora: Morte e vida Severina.

Sr. Raimundo: Morte e Vida Severina.

Entrevistadora: Uhum. Alguém já tinha lido pra pro senhor assim?

Sr. Raimundo: Não.

Entrevistadora: Não né?

Entrevistadora: Qual é a sua história de leitura? Quando foi que o senhor, por exemplo viu o primeiro livro ou a primeira vez que teve o contato com a leitura?

Sr. Raimundo: A primeira, o primeiro contato que eu tive com a leitura foi (risos), ainda a carta de ABC.

Entrevistadora: Foi né?

Sr. Raimundo: Foi.

Entrevistadora: Tinha alguém que estava ensinando era?

Sr. Raimundo: É eu tive, eu tive uma explicação de alguém, foi pouca coisa, né?

Entrevistadora: Isso no seringal?

Sr. Raimundo: No Seringal. Depois da carta do ABC eu passei a estudar a cartilha, chamada a cartilha que era um livro maior, maior. E assim, assim aprendi a fazer alguma coisa na leitura

Entrevistadora: Quer dizer que então que o senhor teve aula lá no Seringal, né?

Sr. Raimundo: É.

Entrevistadora: Aula de...?

Sr. Raimundo: Aí e depois, depois com muitos anos, depois que eu me converti ao Evangelho, passei a estudar Bíblia e hoje eu tenho facilidade de fazer uma leitura.

Entrevistadora: Uhum. Exatamente. É

Sr. Raimundo: Que aprendi na bíblia. (riso) O livro dos livros.

Entrevistadora: E o senhor foi pra escola? Livro dos livros.

Sr. Raimundo: Fui pra escola. Eu tive em Cruzeiro do Sul, eh... estudei, primeiro com a professora Randélia.

Entrevistadora: Ranélia?

Sr. Raimundo: Randélia.

Entrevistadora: Ramélia?

Sr. Raimundo: Randélia.

Entrevistadora: Hum. Randélia.

Sr. Raimundo: A esposa do Seu Alberto

Entrevistadora: Uhum

Sr. Raimundo: Brito, né? (risos). E depois, eh estudei com a Dona Gisalda. Professora Gisalda.

Entrevistadora: Puxa! Não esqueceu nem do nome das professoras, rapaz?

Sr. Raimundo: Aí concluiu o quinto ano, né

Entrevistadora: Hummm!

Sr. Raimundo: A quinta série (risos)

Entrevistadora: Isso, exatamente

Sr. Raimundo: Aí parei.

Entrevistadora: É um homem estudado!

Sr. Raimundo: Não estudei mais

Entrevistadora: Uhum... Mas aí já não tinha uma base

Sr. Raimundo: Já tinha uma base

Entrevistadora: Graças a Deus

Sr. Raimundo: Pelo menos pra ler, né, pra fazer a leitura

Entrevistadora: Uhum

Sr. Raimundo: Hoje, eu tenho é dificuldade para escrever. É porque falta conhecimento do, do colocar os pontos no lugar certo

Entrevistadora: Ah está.

Sr. Raimundo: Palavra certa.

Entrevistadora: Uhum.

Sr. Raimundo: Maisi, pela leitura da Bíblia eu já tenho mais facilidade.

Entrevistadora: Ótimo.

Sr. Raimundo: Obedecendo os pontos, né?

Entrevistadora: Certo.

Sr. Raimundo: As vírgulas (risos)

Entrevistadora: É mesmo? E o senhor tem ideia de quantos livros o senhor já leu?

Sr. Raimundo: Já li?

Entrevistadora: Sim.

Sr. Raimundo: Tenho não.

Entrevistadora: Não, né?

Sr. Raimundo: Mas já li uma porção dele, já?

Entrevistadora: Uhum. Sempre voltado para a área evangélica, né?

Sr. Raimundo: Sempre sim.

Entrevistadora: Isso. Está ótimo então.

SEGUNDA ENTREVISTA COM PERGUNTAS SEMIESTRUTURADAS REALIZADA EM 15 DE JUNHO DE 2022

Entrevistadora (Maria Ana): Seu Raimundo, o senhor já leu algum livro?

Sr. Raimundo: Já. Eu já li alguns livros já. Mas, o livro que eu me dedico mais é a Bíblia

Entrevistadora (Maria Ana): Certo.

Sr. Raimundo: Eu já li a Bíblia já umas três ou quatro vez. Do Gênesis ao Apocalipse.

Entrevistadora (Maria Ana): Além da Bíblia já leu outros livros?

Sr. Raimundo: Já li outros livros, já.

Entrevistadora (Maria Ana): senhor consegue lembrar que tipo de livros?

Sr. Raimundo: Não, não. Só que são... todos são livros bíblicos

Entrevistadora (Maria Ana): Certo.

Sr. Raimundo: Mas, eu não posso lembrar o nome do livro que já li.

Entrevistadora (Maria Ana): Uhum.

Entrevistadora (Maria Ana): E o senhor gosta de ler?

Sr. Raimundo: Gosto de ler. Apesar de não ler tão bem, mas eu gosto de ler. Me sinto bem.

Entrevistadora (Maria Ana): Quando o senhor conheceu o primeiro livro?

Sr. Raimundo: É... o exemplo, eu... O primeiro livro que eu conheci foi a Bíblia logo que eu me converti ao Senhor Jesus, foi o primeiro, o primeiro livro que eu comecei a ler foi a Bíblia, mas antes, antes mesmo na, na minha vida de incredulidade eu lia um Novo Testamento da Igreja Católica que tinha aquelas foto do sofrimento de Jesus Cristo. Mostrava aquelas foto e eu, aquilo já me chamava atenção. Inclusive eu ficava até revoltado com aquilo que o livro dizia, com respeito ao sofrimento de Jesus Cristo, eu ficava revoltado, eu achava que era uma injustiça. Mas, hoje eu vejo que foi pra se cumprir as profecia, era necessário que Jesus Cristo sofresse.

Entrevistadora (Maria Ana): No seringal o senhor lembra de algum livro?

Sr. Raimundo: É, esse, esse livro que eu acabei de falar era no seringal.

Entrevistadora (Maria Ana): E outras leituras não tinham no seringal?

Sr. Raimundo: Não, não. Tinha não.

Entrevistadora (Maria Ana): E depois como foi a sua convivência com a leitura, depois que o senhor começou a ler? Né, porque lá o senhor disse que via as figuras e aquilo revoltava, mas a partir do momento que o senhor aprendeu a ler. Como foi que o senhor aprendeu a ler? Foi na escola?

Sr. Raimundo: É, a escola ajudou muito. Eu estudei um poco até a quinta série. Isso me ajudou muito a, a desenvolver a leitura, né. Mas, sempre o livro que eu sou mais apegado, depois que eu me tornei um crente em Cristo Jesus, o livro que eu mais sou apaixonado por ele é a Bíblia. Me sinto bem estudar a Bíblia. Não só ler, mas meditar. Estudar e meditar porque é a Palavra de Deus.

Entrevistadora (Maria Ana): O senhor já ouviu alguém lendo em voz alta?

Sr. Raimundo: Já.

Entrevistadora (Maria Ana): Como foi?

Sr. Raimundo: É... uma certa ocasião, nós tivemos uma reunião ali na UFAC, aquela parte ali do lado do açude, a Maria Ana deu uma palestra, foi em voz alta. Depois nós ouvimos também o irmão que tava com nós, o irmão lá do Rio Tejo. Mas ele, também

falou, contou um pouco da vida dele, também em voz alta, usou o microfone (risos).
O irmão...

Entrevistadora (Maria Ana): O Naldir. O Naldir?

Sr. Raimundo: O irmão Naldir. É. (risos)

Entrevistadora (Maria Ana): E o senhor lembra qual foi o livro que a Maria Ana contou, leu?

Sr. Raimundo: Não.

Entrevistadora (Maria Ana): Morte e Vida Severina.

Sr. Raimundo: Ah! O título do livro que a Maria Ana leu em voz alta. Morte e Vida Severina.

Entrevistadora (Maria Ana): Isso.

Sr. Raimundo: Foi.

Entrevistadora (Maria Ana): E ele lembra alguma coisa da sua vida ou o senhor ouvindo aquela leitura não lhe lembrou em nada?

Sr. Raimundo: Não. Não me lembrou em nada.

Entrevistadora (Maria Ana): Nem da sua vinda do seringal para Cruzeiro que parecia com a vida do Severino?

Sr. Raimundo: Ééé. Um pouco, né. (risos)

Entrevistadora (Maria Ana): Uma vida sofrida, não é?

Sr. Raimundo: Uma vida sofrida. O tempo que a gente passu quando chegou na cidade, também sofrida.

Entrevistadora (Maria Ana): E que veio em busca de coisas melhores, não é?

Sr. Raimundo: A gente veio em busca de coisa melhor e, principalmente educar os filhos, no seringal não tinha como. Graças a Deus com nossa chegada na cidade, o filhos todos estudaram e, hoje a gente tá vendo o resultado.

Entrevistadora (Maria Ana): Uhum. E o senhor gosta de ouvir as pessoas lendo em voz alta?

Sr. Raimundo: Gosto de ouvir. Gosto, me sinto bem (risos)

Entrevistadora (Maria Ana): E como o senhor prefere ler os livros? Em silêncio ou em voz alta?

Sr. Raimundo: Eu gosto de ler em voz alta.

Entrevistadora (Maria Ana): É?

Sr. Raimundo: É. Eu gosto de ler em voz alta.

Entrevistadora (Maria Ana): Por que o senhor acha que é melhor?

Sr. Raimundo: Eu acho que é melhor porque não só serve pra gente, pro leitor, mas pra quem tá próximo, pode ouvir, também, né? (risos).

Entrevistadora (Maria Ana): Uhum. E o senhor consegue guardar mais a informação? O senhor acha?

Sr. Raimundo: Isso. Com certeza.